



**UFSM**

**Dissertação de Mestrado**

**DA PREVISÃO DO TEMPO ÀS CATÁSTROFES: OS  
VALORES-NOTÍCIA DOS ACONTECIMENTOS  
CLIMÁTICOS NO JORNAL ZERO HORA (RS)**

**Anaqueli Rubin**

**PPGCOM**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2011**

**ANAQUELI RUBIN**

**DA PREVISÃO DO TEMPO ÀS CATÁSTROFES: OS VALORES-  
NOTÍCIA DOS ACONTECIMENTOS CLIMÁTICOS NO JORNAL ZERO  
HORA (RS)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, linha de pesquisa Mídia e Identidades Contemporâneas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof. Dra. Márcia Franz Amaral

Santa Maria, RS

2011

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Área de concentração: Comunicação Midiática

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a dissertação de Mestrado

**DA PREVISÃO DO TEMPO ÀS CATÁSTROFES: OS VALORES-  
NOTÍCIA DOS ACONTECIMENTOS CLIMÁTICOS NO JORNAL ZERO  
HORA (RS)**

elaborada por  
**Anaquelí Rubin**

Como requisito para obtenção do grau de  
**Mestre em Comunicação**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Márcia Franz Amaral, Dra. (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)

---

**Ângela Cristina Trevisan Felippi Dra. (UNISC)**

---

**Viviane Borelli, Dra. (UFSM)**

Santa Maria, dezembro de 2011.

*“As notícias veiculadas pelos meios de comunicação são o lugar de convergência dos discursos jornalísticos que informam sobre a desordem, mas também o lugar de convergência e divergência dos diversos discursos que a reelaboram, contrastam e confrontam as ocorrências e as suas significações. Neste processo, o jornalismo convoca, estabelece competências, cria e legitima atores, dimensiona e constrói os acontecimentos, mas vai também gerar cognitivamente novos consensos, reintroduzindo a ordem onde havia desordem, tornando familiar o que antes era não-familiar, construindo novas atualidades e realidades”.*

*Gonzaga Motta*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço o apoio da família, dos meus pais Elso e Neila e meu irmão Lauro – por sempre me incentivarem a buscar o caminho do conhecimento.

Agradeço à Instituição Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, pelas oportunidades proporcionadas desde a formação em Jornalismo até o mestrado.

Minha gratidão à orientadora Márcia Franz Amaral pela dedicação às minhas dúvidas, pela compreensão e pelas dicas e emails. Por incansavelmente instigar meu interesse e estimular meu amadurecimento durante esses dois anos de mestrado.

Meus agradecimentos também ao editor chefe do Jornal Zero Hora e ao meteorologista do Grupo RBS pela receptividade e por contribuírem para as reflexões dessa dissertação. Agradeço também as contribuições do professor de meteorologia da UFSM, Dr<sup>o</sup> Vagner Anabor pelas contribuições durante o mestrado.

Manifesto também meus agradecimentos àqueles que ajudam a dar sentido a minha vida. Ao meu namorado Tiago pelo carinho e apoio incondicional nos momentos difíceis e também à sua família pelo incentivo durante todo o mestrado. Aos amigos Isabel, Carol, Hygino, Crys, Fran, Susana, Gisi, Marina, Cristiano, Nady, Day, Diniana, Nadir, Lourdes, Grazi, João, Loiva, Nathália e Vicky. A todos, por estarem sempre presentes, sendo o ombro amigo nos momentos de alegrias, dúvidas e angústias, ajudando sempre no que fosse preciso.

Por fim, sou grata a todos que mudaram minha maneira de ver o mundo em algum momento da minha vida.

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Título: Da previsão do tempo às catástrofes: os valores-notícia dos acontecimentos climáticos no jornal Zero Hora (RS)

Autor: Anaqueli Rubin

Orientador: Márcia Franz Amaral

## **RESUMO**

Nesse trabalho procuramos refletir sobre o papel do jornalismo ao construir determinadas representações da relação entre o homem e o clima, principalmente diante do cenário das mudanças climáticas. Partimos do pressuposto de que a notícia é um tipo específico de sistema simbólico e configura-se numa construção cultural, construída através dos valores-notícias que funcionam com mapas de representação. Nosso objetivo geral é analisar a cobertura do clima em Zero Hora, nas suas diferentes editorias, a partir dos valores-notícia para evidenciar como se dá, nas notícias, a relação homem e clima. Os objetivos específicos da pesquisa concentram-se em caracterizar os acontecimentos climáticos para o jornalismo, definir conceitos como tempo e clima, compreender como se dá historicamente a relação entre a imprensa e clima e entre jornalismo e meteorologia. Apresentamos um mapeamento dos acontecimentos climáticos em Zero Hora através de uma pesquisa qualitativa com abordagem quantitativa de caráter exploratório para identificarmos os valores-notícia, e seus significados a partir de alguns aspectos das teorias das Representações utilizando contribuições de Patrick Charaudeau, Stuart Hall e Cristina Ponte. Também realizamos entrevistas com profissionais da meteorologia e do jornalismo para compreender como eles interagem com o tema. Nosso estudo buscou analisar desde as notícias que envolvem as condições variáveis do tempo no dia-a-dia até as que mostram os efeitos das mudanças climáticas que podem levar anos para se manifestar, no jornal Zero Hora, da Rede Brasil Sul, no Rio Grande do Sul. Analisamos 41 edições e mapeamos a cobertura de 90 acontecimentos climáticos. A partir dos valores-notícia encontrados podemos observar como Zero Hora representa a relação homem e clima. O trabalho conclui que o jornal representa o homem como vítima dos eventos climáticos. Há uma personificação da natureza, diante desses eventos, na qual ela é apontada como a grande culpada pelas consequências, mudanças, destruição e mortes. Essa representação do clima mostra que não há um debate aprofundado sobre a própria intervenção do homem na natureza. Os valores-notícia que guiam a abordagem do clima e do tempo em Zero Hora não estão relacionados a aspectos como a problemática ambiental. Problemas como a má ocupação do espaço urbano, o

assoreamento dos rios, os locais de risco e a falta de políticas públicas, os quais podem ser apontados como causadores de alagamentos ou enchentes, por exemplo, não são evidenciados nas notícias sobre o clima.

**Palavras-chave:** Cobertura jornalística do clima e do tempo, Jornalismo e meteorologia, Jornalismo Impresso, valores-notícia

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Title: From weather forecast to catastrophic events: the news values of climatic events in the newspaper Zero Hora (RS)

Author: Anaqueli Rubin

Adviser: Márcia Franz Amaral

## **ABSTRACT**

In this study we aim to analyse the role of journalism in creating certain representations of the relationship between man and climate, especially concerning the climate change scenario. We assume that the news is a specific type of symbolic system and configures itself in a cultural construction built through the news values that work with maps of representation. Our main goal is to analyse the climate in Zero Hora, in its various editorials, based on news values to show how it happens in the news the relationship between man and climate. The specific objectives of the research focus on characterizing climate events for journalism, defining concepts such as weather and climate, to understand historically how the relationship between the media and climate and between journalism and meteorology. We present a mapping of climate events in Zero Hora through a quantitative survey of however qualitative approach to identify news values and their meanings based on certain aspects from the theory of Representations using contributions from Patrick Charaudeau, Stuart Hall and Cristina Ponte. We also conducted interviews with professionals in meteorology and journalism field in order to understand how they interact with the subject. Our study aimed to cover from the news that involve the variable weather in the day-by-day life up to the ones that deal with long term climate changes. This was sourced from the newspaper Zero Hora, in Rio Grande do Sul. We analysed 41 editions and mapped the coverage of 90 climate events. Considering the news values found, an observation can be concluded on how Zero Hora represents the relationship between men and climate. This study concludes that the newspaper represents man as a victim of the climate events. Furthermore there is a personification of the nature in these events, in which it is identified as a major culprit for the consequences, changes, destruction and death. This representation of the climate shows that there is no deep discussion over the influence of human intervention on nature itself. The news values that guide the approach to climate and weather in Zero Hora are not related to aspects such as environmental issues. Problems such as poor urban space planning, the siltation of rivers, high risk areas



public policies, which can be considered as causes of flooding, for example, are not made evident in the news about the climate.

**Keywords: Press coverage of weather and climate, weather and Journalism, Print Journalism, news values**

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Valores-notícia e subvalores para análise dos textos em Zero Hora .....	72
Tabela 2 – Presença dos valores-notícia nos 90 acontecimentos .....	79
Tabela 3 - Presença dos valores-notícia nos 49 acontecimentos (excluída a previsão do tempo) .....	80

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Percentuais de Valores e subvalores encontrados nos 49 acontecimentos	81
Figura 2 - Subvalores que definem o valor importância nos 49 acontecimentos.....	83
Figura 3 - Subvalores que definem o valor Excepcionalidade nos 49 acontecimentos	87
Figura 4- Subvalores que definem o valor Negatividade nos 49 acontecimentos	92

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2 O CLIMA E O JORNALISMO</b>	<b>18</b>
2.1 AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS E O COTIDIANO	18
2.2 O CLIMA EM PAUTA NO JORNALISMO	23
2.3 JORNALISMO E METEOROLOGIA	31
2.3.1 A previsão do tempo	32
2.3.2 A climatologia	42
<b>3 O ACONTECIMENTO</b>	<b>44</b>
3.1 O ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO	44
3.2 DO ACONTECIMENTO ÀS NOTÍCIAS	48
3.3 AS NOTÍCIAS COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE	52
3.4 CRITÉRIOS PARA PENSAR OS VALORES-NOTÍCIA	57
<b>4 OS ACONTECIMENTOS CLIMÁTICOS E OS VALORES- NOTÍCIA EM ZERO HORA</b>	<b>65</b>
4.1 O OBJETO DE ESTUDO: JORNAL ZERO HORA	65
4.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS PARA ANÁLISE DO JORNAL ZERO HORA	71
4.3 OS VALORES-NOTÍCIA E SUBVALORES	72
<b>4.4 A ANÁLISE DOS ACONTECIMENTOS CLIMÁTICOS EM ZERO HORA</b>	<b>78</b>
4.4.1 Atualidade	81
4.4.2 Importância	82
4.4.3 Excepcionalidade	87
4.4.4 Proximidade	89
4.4.5 Emoção	90
4.4.6 Negatividade	91
4.5 VALORES-NOTÍCIA EM ZH	93
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>96</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICE 1 .....</b>	<b>103</b>
<b>ANEXO A .....</b>	<b>112</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as mudanças no clima transformaram-se em uma questão pública de grande importância na sociedade, deixando de circular somente na esfera científica, passando a conquistar um espaço significativo entre os meios de comunicação. Atualmente, a cobertura jornalística do tempo e do clima não busca somente apresentar os dados da previsão do tempo. A preocupação com a cobertura das mudanças climáticas tem ganhado grande repercussão, ainda que sejam poucos os trabalhos especializados que a estudam. Trata-se de um fenômeno com dimensões éticas, culturais e de grande ligação com aspectos econômicos.

Jornais e revistas brasileiros têm dedicado um espaço mais expressivo às discussões que envolvem as mudanças climáticas. Chama-nos a atenção esse espaço ocupado nos jornais por informações deste tema que tem interfaces com o cotidiano das pessoas, com a economia, a agricultura, a saúde e a segurança. Interessa-nos refletir sobre o jornalismo ao construir notícias vinculadas ao tempo, ao clima e suas mudanças, e também entender como essas têm aparecido com tanta frequência na imprensa. Cabe destacarmos que, mesmo no campo jornalístico, ainda há muita confusão entre os conceitos de clima e tempo. O clima é o estudo médio do tempo para determinado período ou mês em uma localidade. Já o tempo é o estado físico das condições atmosféricas em um determinado momento e local. Ou seja, o clima abrange o maior número de dados e eventos possíveis das condições de tempo.

Assim, nosso estudo busca analisar desde notícias que envolvam as condições variáveis do tempo no dia-a-dia até as que mostram os efeitos das mudanças climáticas que podem levar anos para se manifestar. Embora a imprensa esteja agendando o tema com maior frequência, as mudanças climáticas ainda são um tema difícil de ser compreendido e notado pelas pessoas, a não ser que ocorram mudanças bruscas no estado normal do tempo em uma determinada época e região do mundo. Ainda assim, elas têm dificuldades em compreender esse fenômeno.

Interessa-nos, neste trabalho, mapear os acontecimentos climáticos transformados em narrativa através do jornalismo. Vários questionamentos cercam essa questão. Se a notícia é um tipo específico de sistema simbólico e configura-se numa construção cultural, como o jornal constrói as notícias sobre o clima e as relaciona com o homem? Quais as características dos acontecimentos climáticos

sublinhadas pela imprensa? Quais são os códigos culturalmente específicos que operam no relato noticioso sobre o tema? A que valores-notícia as notícias sobre o clima estão associadas? Os valores-notícia que guiam a abordagem do clima e do tempo em Zero Hora se relacionam a aspectos como a problemática ambiental? Quais são as áreas da meteorologia privilegiadas no jornal?

Para compreendermos estas questões, nosso objetivo geral é analisar a cobertura do clima no jornal Zero Hora, nas suas diferentes editorias, a partir dos valores-notícia para evidenciar como se dá, nas notícias, a relação homem e clima. Nossos objetivos específicos concentram-se em caracterizar acontecimentos climáticos, definir conceitos como tempo e clima, compreender como se dá historicamente a relação entre imprensa e clima e entre jornalismo e meteorologia, além de explicar por que o clima tem progressivamente mais espaço nos jornais e a partir de quais critérios de noticiabilidade.

Saber, com mais precisão, o horário em que uma nevasca vai atingir um determinado local, ou a ligação existente entre um tsunami e o aquecimento global deixou de ser somente interesse da comunidade científica, e sim uma das exigências do leitor da edição de amanhã. Assim, o jornalismo cumpre um papel fundamental neste contexto - o de informar, o de colocar em interação os campos sociais com os quais interage.

O grande número de pesquisas científicas contribuiu para deslocar a idéia abstrata das mudanças climáticas para fatos concretos, que vão desde o derretimento de geleiras, passando pelo furacão Katrina, até chegar a histórias de personagens reais. O ano de 1992 foi um marco nessa discussão no Brasil, com a realização da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (ECO-92) no Rio de Janeiro, além da criação do Protocolo de Quioto e seu complicado processo de ratificação.

Cientistas, jornalistas e ambientalistas têm participado de pesquisas e conferências mundiais para discutir a cobertura das mudanças climáticas e sua importância. Para Carvalho (1999), a importância da imprensa nessa área dá-se pela necessidade de levar ao cidadão comum informações precisas e compreensíveis sobre as alterações climáticas. Até para os especialistas, o problema só é cognoscível através de uma vasta rede científica, técnica e institucional. Para o cidadão comum, o conhecimento da temática passa necessariamente pela mediação do jornalista.

Nesse contexto, inserimo-nos neste debate, desde o lugar do jornalismo. O interesse por trabalhos relacionados ao clima surgiu nas discussões realizadas nos encontros do Grupo de Pesquisa Estudos de Jornalismo, certificado pelo CNPq, que envolve professores, mestrandos e graduandos da UFSM. Desde 2010, o grupo tem como temática prioritária a cobertura de meio ambiente, especialmente as alterações climáticas e as catástrofes ambientais. Atualmente, desenvolve a pesquisa *Experts e Testemunhos na cobertura das catástrofes ambientais*<sup>1</sup>.

Uma das principais justificativas para explorarmos os acontecimentos climáticos é o fato de existirem raros estudos relacionados à cobertura do tema no Brasil. Acreditamos assim, estar contribuindo não somente com as pesquisas em comunicação, como também, com a ampliação do debate entre jornalistas, pesquisadores e a sociedade.

Escolhemos como objeto de estudo o jornal Zero Hora do Grupo RBS. Trata-se de um jornal com periodicidade diária, que circula em todo o estado do Rio Grande do Sul, com tiragem de 184.663 exemplares<sup>2</sup>. O Rio Grande do Sul tem estações bem definidas durante o ano e a população já sofreu os efeitos, tanto do frio e da chuva, quanto do calor e da seca em suas diversas áreas geográficas. Assim, torna-se oportuna a escolha de um jornal que cubra todas as regiões do estado.

Outro fator que também nos incentiva a pesquisar sobre o tema, principalmente no Rio Grande do Sul, é o fato desse ter sido precursor nas pesquisas meteorológicas no Brasil - pois foi em Pelotas, na Universidade Federal de Pelotas, que a primeira turma de meteorologia do país formou-se - além de a Universidade Federal de Santa Maria, em Santa Maria, abrigar o Centro Regional Sul – CRS vinculado ao Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE<sup>3</sup>. Tal proximidade também nos estimulou a aprofundar os conhecimentos nas áreas e a

---

<sup>1</sup> Edital MCT/CNPQ14/2010- Universal.

<sup>2</sup> Dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC) relativos ao ano de 2010.

<sup>3</sup> A atividade de pesquisa em Clima e Tempo no CRS-INPE é fruto da cooperação científica entre o INPE e a UFSM. Projetos de pesquisa financiados por órgãos como o CNPq, CAPES e FINEP estão sendo desenvolvidos em diferentes áreas abrangendo inclusive operações meteorológicas, Meteorologia e Oceanografia observacional e por satélites; telemetria e previsão ambiental. A maior parte dos projetos é relacionada à região sul do Brasil, Oceano Atlântico Sul e Antártica. Há também uma sala de previsão do tempo.



entender como o jornalismo está se relacionando com este campo da ciência, uma vez que possuímos centros de referência da área no estado.

Nosso trabalho será organizado em três capítulos. No primeiro, apresentamos a relação cultural do homem com o clima e as possíveis alterações, diante das mudanças climáticas, a partir de teóricos como Anthony Guiddens (2010). Reflexões sobre a interação entre jornalistas e meteorologistas também integram as discussões deste capítulo. Também apresentaremos um levantamento sobre o clima na imprensa mundial, através das pesquisas de Anabela Carvalho (1999, 2011), Renzo Taddei e Ana Laura Gamboggi (2010), além de estudos que nos mostram como a imprensa brasileira tem realizado a cobertura do tema. Nesse capítulo, também apresentamos entrevistas realizadas com profissionais da área de meteorologia a fim de compreendermos melhor como se dá a relação desses com os jornalistas, e como eles vêem a cobertura do tema pela imprensa.

No segundo capítulo, apresentaremos o conceito de *Acontecimento*. Partiremos de autores como Louis Quéré (2005), que nos explica o acontecimento como algo experienciado no cotidiano, contando também com reflexões de Isabel Babo-Lança (2005). Do acontecimento à ordem do cotidiano, passamos ao acontecimento jornalístico, com contribuições de Patrick Charaudeau (2006) (2008), Miguel Rodrigo Alsina (2005), Muniz Sodré (2009), Elizabeth Bird e Robert Dardenne (1993) e Gonzaga Motta (2002). Apresentaremos a transformação do acontecimento em notícia destacando o debate sobre os valores-notícia, a partir de contribuições de Stuart Hall (1997) (1993), Patrick Charaudeau (2006), Mauro Wolff (1999), Nelson Traquina (2004), Cristina Ponte (2004) e Gislene Silva (2005). Com base na noção de jornalismo como uma das instâncias construtora da realidade pública, refletiremos sobre os valores-notícia como valores sociais de retaguarda.

No terceiro capítulo, apresentaremos as características de nosso objeto de estudo, o Jornal Zero Hora, bem como sua relação com o clima a partir de entrevista realizada com o editor chefe de Zero Hora Altair Nobre. Na sequência, a partir de uma metodologia qualitativa e quantitativa, apresentaremos detalhadamente a análise do corpus. Nossa amostra é constituída de 41 edições publicadas ao longo dos meses de dezembro de 2010, janeiro, fevereiro, março, abril e maio de 2011 (7 edições consecutivas de cada mês). Partimos da noção de que os valores-notícia utilizados pelas matérias configuram-se em representações sociais que auxiliam na construção do acontecimento jornalístico. Mapeamos no capítulo 3, um total de 164

páginas de ZH com 90 acontecimentos climáticos (distribuídos ao longo de toda a cobertura), presentes nas editorias Geral, Campo e Lavoura, Especial, Economia e Tempo. Analisamos o contexto em que esses estão inseridos (características do acontecimento) e, posteriormente, partimos para a análise dos valores-notícia.

## **2 O CLIMA E O JORNALISMO**

Os acontecimentos climáticos acompanham o homem desde o início da sua existência, influenciando em seus hábitos e atitudes. A história da relação do ser humano com a natureza reserva dois paradoxos: ao mesmo tempo em que o homem a sente como preponderante, percebendo-a como uma ameaça em casos de catástrofes naturais, também passa a reconhecer- com o passar dos anos, que a natureza é também por ele ameaçada.

Um episódio que podemos citar como exemplo para ilustrar a conturbada relação do homem com a natureza foi o terremoto e tsunami que ocorreram em Lisboa em 1755. O fato, naquele contexto histórico, transformou-se em uma das mais importantes notícias da época e inspirou grandes discussões sobre a relação entre “destino divino” e catástrofes que poderiam ser provocadas pelo homem, ou seja, até que ponto o homem pode mudar o rumo dos acontecimentos.

O importante nessa discussão sobre mudanças climáticas, sejam elas causadas pela natureza ou pelo homem, é termos em mente que elas sempre ocorrem em um determinado sistema cultural e podem também provocar mudanças nesse sistema. Com a mudança no clima, mudam também as atitudes que temos em relação a nós mesmos e ao próximo, pois somos expostos a novas experiências e a uma tentativa de ordenação narrativa.

Nesse capítulo, vamos refletir sobre como o clima interage com nosso dia-a-dia e com nossas relações sociais, passando pela área da meteorologia ao jornalismo.

### **2.1 MUDANÇAS CLIMÁTICAS E O COTIDIANO**

Ao refletirmos sobre a notícia como uma instância de construção social da realidade, precisamos pensar de que maneira ela influencia e é influenciada por esta realidade e pela cultura. Embora nossa pesquisa localize-se no âmbito do produto final que é o jornal, precisamos levar em conta o que nos diz Martín-Barbero (2009), para o qual o sujeito da comunicação não é o meio, mas a relação. Assim, o “importante não é o que diz o meio, mas o que fazem as pessoas com o que diz o meio, com o que elas vêem, ouvem, lêem”.

Pensemos assim, no que as pessoas podem fazer com o que consomem e também como o fazem, principalmente em relação aos acontecimentos climáticos. Ao refletir sobre a reação da sociedade diante do problema das mudanças no clima, Giddens (2010) destaca que poucos de nós estamos preparados para a gravidade das ameaças que temos pela frente.

Estamos lidando com perigos que parecem abstratos e fugidios, por mais que sejam potencialmente devastadores. Não importa quanto nos falemos de ameaças, é difícil enfrentá-las, porque dão a impressão de serem meio irreais – e, enquanto isso, há uma vida por viver, com todos os seus prazeres e pressões (GIDDENS, 2010, p. 20).

Nesse contexto, o autor sugere que a política da mudança climática tem que lidar com o que ele chama de “paradoxo de Giddens”, o qual pode ser explicado como a falta de reação das pessoas diante dos perigos apresentados pelo aquecimento global. Segundo o autor, mesmo que sejam assustadores, eles não são visíveis na vida cotidiana, o que faz com que as pessoas continuem indiferentes. O paradoxo reside no fato de que todos sabem da gravidade do problema, mas nada fazem para reduzi-la. Pesquisas de atitude revelam, segundo o autor, que a população reconhece o aquecimento global como uma grande ameaça, mas, poucos se dispõem a alterar significativamente sua vida em função disso. Assim, trata-se de uma questão que fica no fundo da mente das pessoas, e não um problema em primeiro plano. “Para a maioria, há um abismo entre as preocupações conhecidas da vida cotidiana e um futuro abstrato, embora apocalíptico, do caos climático” (Ibid., p.19). A maneira como o clima é interpretado e avaliado depende da sua construção pelos vários atores sociais envolvidos e dos significados que lhe são associados.

Dessa forma, a interação entre clima e sociedade pode ser vista como um processo social e culturalmente mediado. Os significados que atribuímos ao clima estão diretamente ligados à visão de mundo que temos e aos contextos políticos e econômicos a que estamos inseridos. De acordo com o cientista britânico Steve Rayner (2009), o clima é frequentemente usado como elemento que ajuda a dar sentido a disputas políticas, por exemplo. Na Grécia Antiga, o comportamento agressivo e sexualmente promíscuo dos moradores das ilhas britânicas era atribuído ao clima frio das altas latitudes. Na Europa, a transferência do centro hegemônico do sul para o norte, alterou também a forma como os povos se comportam. “Agora são os mediterrâneos que, do ponto de vista de certo senso comum britânico, se

comportam exatamente como os gregos os descreviam, e isso se dá, ironicamente, em função do clima quente das baixas latitudes” (RAYNER, 2009 apud TADDEI & GAMBOGGI, 2010, p. 21).

Um estudo etnográfico descrito no livro *Depois que a chuva não veio*, organizado por Taddei e Gamboggi (2010), nos sugere maneiras de compreender a forma como a percepção do clima é mediada por configurações sócio-culturais, e como as sociedades são entendidas como condicionadas, em graus variáveis, pelas condições ambientais em que estão inseridas. A pesquisa foi realizada em 2006, durante um curso de métodos etnográficos com estudantes de pós - graduação em ciências sociais. Eles analisaram em diferentes regiões do Brasil a questão das secas e o papel que estas desempenham nos imaginários locais, esquemas explicativos, configurações institucionais, rituais políticos e religiosos. Os artigos apresentados no livro têm alguns eixos centrais em comum divididos em três dimensões principais. A primeira é chamada de *mediação de significados*. Para os autores, essa abordagem é entendida como as formas através das quais as *percepções* sobre a relação entre clima e sociedade se configuram. Nos estudos, eles concluíram que na maioria das vezes, os grupos sociais não têm interesse em fenômenos atmosféricos, salvo algumas exceções, mas apenas nos seus impactos. O problema não é a falta de chuva, mas sim, o que essa falta acarreta. Assim, a atenção direciona-se não para os eventos que ocorrem na atmosfera, mas sim, para os eventos que ocorrem no bojo da sociedade, como divisões de classe, gênero, etnias e outras formas de heterogeneidade social. Quando o problema “desce” do céu à sociedade, o número de variáveis cresce consideravelmente (TADDEI & GAMBOGGI, 2010, p. 12). O clima, neste sentido, é pensado através e em função dos temas e metáforas mais salientes do contexto cultural, social e político em que ocorre.

Outra dimensão citada pelo estudo é a que trata de questões *histórico institucionais*, segundo a qual os significados atribuídos aos conceitos de seca e meio ambiente, e a compreensão de como estes interagem com as relações econômicas, configurações institucionais e identidades regionais mudam ao longo do tempo. Por exemplo, ao comparar os resultados gerais das pesquisas, o grupo mostra que cada uma das regiões do Brasil afetadas pelas secas em 2005, sente os impactos do clima em função da forma como se vê na e frente à nação brasileira.

As respostas sociais deram-se em função dos diferentes níveis de articulação regional com as estruturas governamentais do país. Essa articulação existe de forma mais frágil, por exemplo, na Amazônia, onde as distâncias são grandes, os poderes públicos federais são ausentes para a maioria da população rural e da floresta, os níveis de pobreza são altos e os grupos humanos estão brutalmente expostos às variações do ecossistema.

Assim, a pesquisa de campo conduzida no Amazonas e no Acre não apontou evidência de que as comunidades locais transferiram ao governo federal responsabilidade pelo que aconteceu em 2005, diferente do que foi observado nas outras duas regiões estudadas. Para essas comunidades, a ausência do poder público é tida como fato, como elemento da realidade, e nunca é evocada nas narrativas locais que tratam sobre as causas e efeitos das secas.

Outro aspecto interessante revelado na pesquisa é de que vários informantes do Amazonas afirmaram que as reações da mídia foram, em suas opiniões, exageradas e fora de contexto, dado o fato de que as secas na região não são extraordinárias, como sugeriu a imprensa, e que as cheias são mais frequentes e percebidas como mais destrutivas do que as secas.

Para Taddei e Gamboggi (2010), o fato de que a grande mídia nacional usa como referência os padrões de entendimento do ambiente, característicos da população urbana de classe média da região sudeste, não é surpresa. Para eles, como se vê na cobertura midiática de fenômenos atmosféricos extremos em todo o país, a mídia parece ter dificuldade em “captar as sutilezas das experiências ambientais locais, quando essas sutilezas transcendem os estereótipos sociais e ambientais com os quais o grande jornalismo trabalha” (TADDEI & GAMBOGGI, 2010, p.17). No entanto, eles também destacam que não se deve subestimar a complexidade do trabalho da mídia no atual contexto climático, pois a população tem grande dificuldade em atribuir sentido a eventos climáticos extremos. Isso se dá, em parte, “devido a modelos culturais que representam a sociedade como existindo fora da natureza, como se os centros urbanos não fossem, eles mesmos, ecossistemas” (Ibid., Ibid.). Dessa forma, a mídia, para os autores, teria a difícil tarefa de produzir narrativas explicativas a respeito do que pouca gente entende de fato. É nesse contexto que a idéia de mudança climática entra nesse panorama atendendo a essa necessidade de explicação. Assim, o aquecimento global, que é pouco entendido,

passa a servir de explicação a tudo o que não se entende no âmbito do tempo, em seu sentido atmosférico.

Em relação à Amazônia, muitos dos mesmos informantes na região mencionaram as dificuldades de transporte para a comercialização da produção local durante a seca, além das interrupções no fornecimento de água e eletricidade, a poluição da água e seu mau cheiro, o cancelamento de festividades municipais e a necessidade de intervenção federal de socorro. Na interpretação dos pesquisadores, há dois aspectos que podem explicar a contradição nas opiniões: o primeiro diferencia a população das sedes municipais e da população rural e da floresta, sendo que essas últimas efetivamente sofrem de forma mais intensa e dramática os efeitos da estiagem, em razão de estarem afastadas da infra-estrutura urbana e de seus fluxos econômicos e processos políticos. O segundo é o fato de que, para algumas comunidades mais pobres, a variação dos padrões de vida entre o momento da seca e os demais períodos pode não ser tão marcada como supôs a mídia. Para certas comunidades, as carências e dificuldades são a norma, e não a exceção.

Já a situação no Nordeste brasileiro, conforme nos mostra a pesquisa, é bem diferente da Amazônia, uma vez que as sociedades nordestinas estão mais integradas na economia e na política nacional. O fato de o Nordeste ter uma densidade demográfica muito superior à da Amazônia, também faz com que as dimensões de sofrimento humano sejam estatisticamente maiores em períodos de seca. Para os autores, o Nordeste criou para si e para o Brasil uma identidade regional profundamente atrelada à questão climática. Segundo Albuquerque Júnior (1995), o discurso sobre a seca e seus efeitos catastróficos foi usado pelas elites nordestinas, desde a época do Império, para que se conseguisse recursos do governo federal. Forma-se assim um discurso da seca construída por enunciados e significados que a torna uma seca “particular” que só o Norte e o Nordeste têm. “Esses vários discursos se preocupam em definir a singularidade dessa seca, suas causas e em propor soluções que venham sempre ao encontro das aspirações momentâneas de suas elites” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1995, p.119 apud TADDEI & GAMBOGGI, 2010, p.19).

Todas essas reflexões nos mostram, como sugerem Taddei e Gamboggi (2010), que em razão da percepção do clima ser mediada por relações sociais e

econômicas, é inevitável que idéias climáticas estejam imbricadas com elementos étnicos e do imaginário geográfico nacional.

Para compreendermos o que significa a seca para cada uma dessas comunidades, precisamos ter em mente que elas são formadas por experiências, culturas e etnias diferentes, além de estarem em diferentes localizações geográficas. Carvalho (2011) nos sugere que os modos de existência, as experiências e as condições concretas em que a sociedade conduz sua vida, constituem um contexto fundamental para a compreensão de qualquer aspecto da realidade. É nesse contexto que, para a autora, “as alterações climáticas (e os diferentes discursos sobre as mesmas) são também recriados à luz destas culturas de vida ou, na expressão de Raymond Williams (1981), ‘culturas vividas’ ”(p.18).

Como nos lembra Canclini (2007), as condições de produção, circulação e consumo não se dão apenas em uma sociedade. O importante é ver como se reelabora o sentido interculturalmente. Hall (1997) diz que através das construções de significados e das identificações produzidas pelas representações, os indivíduos se situam no mundo e dão sentido as suas experiências. Neste contexto, é a cultura quem promove o intercâmbio de significados entre os membros de uma sociedade ou grupo. A seca, como nos mostra a pesquisa, tem o potencial para ser um fenômeno social total, porque pode impactar todas as dimensões da vida social, cultural e política das comunidades onde ocorre e dos grupos sociais que afeta.

## **2.2 O CLIMA EM PAUTA NO JORNALISMO**

As mudanças climáticas têm se tornado um problema social, e a maneira como são interpretadas depende da construção feita pelos vários atores sociais que a envolvem e dos seus significados associados. Para Carvalho (1999), as mudanças climáticas não são apenas fenômenos físicos, mas também fenômenos discursivos.

Do ponto de vista científico, o discurso, ou os vários discursos, sobre as mudanças climáticas são importantes porque definem o problema, e portanto delimitam as fronteiras de como ele deve ser pensado. Mas não apenas a definição do problema é um fenômeno discursivo. O debate e a tomada de decisão sobre medidas a adoptar face ao problema, que requereria importantes transformações económicas e sociais, o são também. São um fenômeno discursivo na medida em que envolvem necessariamente uma discussão sobre valores sociais, políticos, éticos e uma avaliação da importância de várias



questões que as mudanças climáticas põem em causa como, por exemplo, a natureza e a segurança das futuras gerações ou o nosso conforto imediato (CARVALHO, 1999, p.7).

A autora cita um estudo realizado por Dryzek (1997 apud CARVALHO 2011), o qual destaca nove tipos de discursos relativos à responsabilidade e à ação frente aos problemas ambientais. O *sobrevivencialismo*, que emergiu nos anos 70 do século XX baseado na ideia da existência de limites nos recursos do planeta, impondo limites ao crescimento. O seu oposto seria o *prometeísmo* fundado na crença de que, tal como Prometeu, a humanidade é capaz de alcançar um progresso e crescimento econômico infinito.

Há também três tipos de discursos reformistas voltados para a resolução de problemas: O primeiro, a *racionalidade administrativa*, aponta o Estado e os peritos técnicos como principais agentes de resolução de problemas; o segundo, o *pragmatismo democrático*, crê na mobilização dos cidadãos e de grupos sociais e na sua capacidade de influenciar os processos de decisão política; e o terceiro, a *racionalidade econômica*, que prioriza as forças do mercado na resposta aos problemas ambientais.

O autor citado por Carvalho (2011) ainda distingue dois discursos de sustentabilidade: o de *desenvolvimento sustentável* e o da *modernização ecológica*. Ela destaca que ambos procuram integrar “proteção ambiental, crescimento econômico e justiça social, salvaguardando os direitos das futuras gerações” (p.50), mas, o discurso da *modernização ecológica* vai além, quando defende a ideia de que tanto a política verde quanto a tecnologia verde podem gerar riqueza.

Há também dois tipos de discurso proposto por Dryzek (1997), que apontam mudanças radicais na maneira como lidamos com os problemas ambientais. De um lado, o *romantismo verde*, e de outro, a *racionalidade verde*. O primeiro advoga por uma mudança na consciência humana e o segundo avalia que problemas ambientais só serão resolvidos através de transformações nas estruturas e de uma política substancialmente diferente. Ambos implicam em mudanças culturais, conforme já reiteramos no início do capítulo, e essas, retomando Guiddens (2010) são difíceis de serem conquistadas, uma vez que a alteração climática trata-se de um perigo que parece abstrato e fugidio, e por mais que nos falemos de ameaças, elas dão a impressão de serem irreais. Cartea (2007) destaca que as ações individuais diante das mudanças climáticas estão moldadas por crenças, interesses, emoções e

necessidades que são particulares e objetivas, além de fatores ligados a um determinado contexto social e a uma dada situação concreta.

Não temos como objetivo nesse trabalho avaliar o impacto do movimento verde, de ONGs ambientais ou de representantes políticos diante do problema. Mas sim, procurarmos contextualizar o jornalismo como um instrumento importante na sensibilização e mobilização dos cidadãos. Para Cartea (2007), os meios de comunicação são fundamentais para orientar e auxiliar o indivíduo a compreender as transformações que estão ocorrendo.

El “ser humano racional” no existe. Las evidencias desacreditan la existencia de la persona “ideal” que es capaz de procesar toda la información disponible, de seleccionar la más pertinente y relevante en cada situación, de optar por la mejor acción posible y de hacer todo ello de forma objetiva (CARTEA, 2007, p 8).

Carvalho (1999) também defende a importância da imprensa ao acreditar que ela influencia a opinião dos cidadãos e, portanto, a popularidade de ações que os governos devem adotar.

Simultaneamente, os media influenciam a percepção que os actores políticos têm dos problemas e muitas vezes contribuem para a definição da agenda política. De forma mais genérica, os media criam um universo discursivo no qual as questões são socialmente construídas. Ao dirigir a atenção para determinados acontecimentos e problemas, os media iniciam com frequência uma cadeia de reacções sociais e decisões em relação aos mesmos (CARVALHO, 1999, p.6).

Nesse sentido, Carvalho também reitera o poder da mídia em influenciar as decisões políticas afirmando que o(s) discurso(s) sobre o conhecimento científico do problema das mudanças climáticas, e sobre os interesses e valores nele envolvidos, criam “o ‘milieu’, o meio ou ambiente, em que as decisões políticas são tomadas.” (CARVALHO, 1999, p.6). É nesse contexto que os jornalistas adquirem um papel importante ao reproduzir os discursos que circulam sobre o tema no espaço social.

O sentido associado à questão na mídia também depende de seus profissionais, valores, formação e experiência, bem como da relação com suas fontes. Carvalho (2011) sistematiza diversos estudos sobre a forma como os jornalistas vêem as questões relativas às alterações climáticas na Europa e quais critérios de noticiabilidade moldam o discurso midiático. Wikins & Patterson (1990),

por exemplo, observaram que, para se tornarem notícias, riscos ambientais como as chuvas ácidas ou a destruição da camada de ozônio, precisavam “encontrar um evento”. Outro estudo citado pela autora, realizado por Sachsman, Simon & Valenti (2004) com jornalistas ambientais, apontou que esses tendem a dar mais ênfase nas manifestações dos problemas do que na investigação científica e contextos que originam o problema.

Em relação ao nível de conhecimento sobre o tema, Carvalho (2011) ressalta um estudo de Wilson (2000) que demonstrou que os jornalistas apresentam grande dificuldade na compreensão do assunto, sendo que os resultados foram significativamente melhores entre jornalistas especializados em ciência e em ambiente. No estudo realizado com jornalistas portugueses, Carvalho (2011) concluiu que, enquanto alguns associam as alterações climáticas à investigação científica e a vêem como uma questão complexa, outros associam-na a estados do tempo. Assim, para os últimos, a saliência de questões relacionadas às alterações climáticas dá-se em função de ocorrências atmosféricas específicas. Isso pode acarretar que em determinados casos as alterações climáticas não conquistem espaço jornalístico, ou ainda que haja uma tendência para atribuir tais estados do tempo às alterações climáticas. Carvalho (2011) alerta que uma percepção midiática somente em torno das manifestações e impactos exclui dimensões essenciais da questão, como por exemplo, as múltiplas práticas que estão na sua origem e as formas de mitigação.

A autora também critica a falta de investigação sobre o trabalho dos jornalistas e suas rotinas produtivas em relação às mudanças climáticas. “Os estudos dos media têm demonstrado a importância dos valores e das posições ideológicas no tratamento jornalístico da questão (Carvalho, 2007; Wilkins, 1993;), mas falta investigação que se debruce sobre os próprios jornalistas e os seus modos de pensar e de funcionar” (p.148) <sup>4</sup>. No Brasil, também há uma carência de estudos sobre o tema. As pesquisas são raras e grande parte delas concentram-se na área do meio ambiente e não nas mudanças do clima.

---

<sup>4</sup> Anabela Carvalho realizou uma análise da cobertura jornalística desta questão, na Grã-Bretanha, no período de 1988 a 1997. A investigação que a autora fez durante o doutoramento em curso no University College London examinou as múltiplas traduções a que a problemática das mudanças climáticas é sujeita entre as esferas científica, pública e política. Ela também avaliou o papel de algumas organizações ambientais - Friends of the Earth, Greenpeace e WWF - nestes debates.

Em termos de dissertação e teses podemos citar a dissertação de mestrado “*Caos no clima*”: *sensacionalismo, comunicação da ciência e a narrativa de O Globo sobre o aquecimento global*, de Carolina Maria Zoccoli Carneiro da Universidade Federal Fluminense, a qual foi defendida em 2008, sob orientação do Prof. Dr. Afonso de Albuquerque. A autora investigou o que há por trás do discurso da imprensa sobre o aquecimento global, mais especificamente em torno da evidência pública do tema no ano de 2007, com o lançamento do 4º Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC). Tomando como objeto de análise o jornal *O Globo*, identificou uma abordagem sensacionalista em sua narrativa, que contribuiu para multiplicar a atenção pública dispensada às mudanças climáticas e às informações providas pela comunidade científica. Para sustentar essa hipótese, partiu de uma reflexão sobre o ideal da objetividade como permanente norteador da atividade jornalística. Contemplou também uma avaliação da comunicação e da popularização da ciência, que se dá em um espaço público onde cientistas e jornalistas disputam lugares de fala, cada um deles buscando afirmar autoridade, garantir seu território profissional e manter sua credibilidade pública. A autora avaliou também o jornalismo enquanto alimentador de pautas na esfera pública, transformando acontecimentos ou idéias em questões de interesse público, buscando compreender o quanto a espetacularização da ciência contribui para essa mudança de status.

Um dos trabalhos brasileiros que demonstram o aumento das abordagens relacionadas ao tema é a pesquisa *Mudanças Climáticas na Imprensa Brasileira* realizada pela ANDI, que analisou 50 jornais entre 2005 e 2007<sup>5</sup>. A pesquisa estabeleceu quatro perspectivas para a análise da cobertura jornalística das mudanças climáticas. A primeira diz respeito ao *Agendamento*, partindo do pressuposto de que o tema precisa ser agendado de forma prioritária entre a população em geral, mas, sobretudo, entre os chamados tomadores de decisão e formadores de opinião. Segundo a ANDI,

(...) em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm poder para incluir ou excluir dos seus

---

<sup>5</sup> Disponível em <http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br/node/657>. Acesso em 12 de julho de 2010.

próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos mass media aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas<sup>6</sup>.

A segunda perspectiva de análise é o *Enquadramento*, levando-se em conta que não basta agendar o assunto, mas também, avaliar como será abordado. Para o professor de Comunicação da Universidade de Illinois, EUA, Sanghee Kweon, “um enquadramento conecta idéias dentro de uma notícia de tal modo que sugere uma interpretação particular de um assunto”<sup>7</sup>. Assim, para o autor, uma importante função do enquadramento é definir um problema, ou solução, e quais aspectos do tema são mais importantes e de que forma serão apresentados.

A terceira perspectiva diz respeito à *Informação Contextualizada* sobre o assunto, com diversidade de pontos de vista e aprofundamento, sugerindo que é papel da imprensa prover ao público o maior volume de elementos possíveis para que o tema seja bem compreendido, inclusive no que diz respeito à manifestação de posturas antagônicas. De acordo com a ANDI, “a mídia fortalece a democracia corrigindo, mesmo que apenas parcialmente, as assimetrias de informação existentes entre os detentores do poder e os eleitores que representam”<sup>8</sup>. Assim, ao prover informações atualizadas e confiáveis, ela ajuda a orientar os posicionamentos e decisões tomadas pelo público.

A quarta característica de análise é a *Função de fiscalizar (watchdog) da imprensa*, que tem como premissa o fato de que a temática necessita ser alvo de políticas públicas monitoradas pelos atores (imprensa e outros setores) que conformam o sistema de freios-e-contrapesos (peça fundamental para a boa governança e para a transparência nas sociedades democráticas). A ANDI espera que a imprensa atue como *watchdog* (termo também conhecido como “cão de guarda”) dos formuladores e executores de políticas públicas relacionadas à agenda climática. De acordo com a ANDI, o jornalismo tem como funções fundamentais, agendar os temas prioritários e atuar como fiscal dos executores de políticas públicas, colaborando para elevar o nível público de transparência dos mesmos.

---

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br/node/657>. Acesso em 12 de julho de 2010.

<sup>7</sup> Ibid.

<sup>8</sup> Ibid.

Assim, com base nessas quatro características, a partir do último trimestre de 2006, segundo a pesquisa, jornais e revistas do Brasil passaram a dedicar um espaço mais expressivo à questão das mudanças climáticas. No entanto, para o jornalista Carlos Fioravanti (2008)<sup>9</sup>, escrever e falar sobre mudanças climáticas não tem sido fácil, pois os jornalistas estão diante de nebulosas transformações sociais, ambientais e políticas, as quais ainda são incertas e sem respostas imediatas.

Segundo um estudo<sup>10</sup> publicado em 2004 pelos pesquisadores ambientais da Universidade da Califórnia, Maxwell Boykoff e Jules Boykoff, foi em 1988 que os jornais norte-americanos, por exemplo, começaram sua escalada na cobertura sobre as mudanças climáticas. Um fator que contribuiu para esse enfoque foi o depoimento do cientista da Nasa James Hansen afirmando que as causas das mudanças climáticas eram também antropogênicas.

Em Londres, foi o discurso da primeira-ministra britânica, Margareth Thatcher, pronunciado na Royal Society, reconhecendo a relevância do debate acerca das alterações do clima que também contribuiu para o agendamento do tema. A Inglaterra é um país que tem liderado os debates sobre mudanças climáticas e a cobertura jornalística no país expressa interesses e opiniões de diferentes atores sociais, incluindo desde cientistas, economistas e organizações não-governamentais até empresários, representantes do governo e cidadãos comuns.

No início de 2007, ano da publicação dos relatos do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), as universidades, prefeitura e igrejas de Londres já discutiam amplamente o tema. Nesse contexto, o jornal britânico *The Independent* deu voz a grupos sociais distintos, além de reunir propostas e publicar análises com sugestões para que houvesse uma redução dos impactos das mudanças climáticas. O diário ainda foi além. Antes do pronunciamento do primeiro-ministro, apresentou suas propostas, argumentando que as do primeiro-ministro não eram ambiciosas. Registrou também a desilusão

---

<sup>9</sup>Jornalista com especialização pelo Reuters Institute for the Study of Journalism da Universidade de Oxford, Inglaterra. Desde 2006, participa do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Política Científica e Tecnológica (DPCT) do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e é editor especial da revista Pesquisa Fapesp. O cientista abriu em 2010, com outros pesquisadores, o 6º Colóquio ANDI na programação do 13º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, com o tema “*Jornalismo e desenvolvimento: reflexões sobre a agenda das mudanças climáticas*”.

<sup>10</sup> *Balance as bias: global warming and the US prestige press* (Equilíbrio como viés: aquecimento global e a imprensa de prestígio dos EUA). Disponível em [www.andi.org.br](http://www.andi.org.br)

dos ambientalistas e a apreensão dos empresários diante das medidas propostas pelo então chanceler Gordon Brown.

*The Independent* também despertou a atenção do público, criando uma manchete com a previsão da chegada de um tsunami gigante à costa do Reino Unido em 2050 – refletindo sobre o que poderia acontecer se nada fosse feito para evitar os impactos das mudanças climáticas e alertando de que se tratava de um tipo de notícia que os jornalistas não gostariam de publicar novamente.

Já no Brasil, o cenário é diferente, ainda que o número de reportagens sobre as mudanças climáticas tenha crescido. Enquanto o jornal britânico publicou 75 matérias, no segundo semestre de 2006, e 203 no primeiro de 2007, a *Folha de São Paulo* publicou 32 e 126, respectivamente. Para Fioravanti (2008), o noticiário brasileiro concentrou-se nos resultados de estudos científicos, geralmente apresentados em tom fatalista, diferentemente do enfoque britânico. Os protagonistas foram basicamente os pesquisadores das ciências naturais, das áreas de meteorologia e biologia. Na avaliação do jornalista, os noticiários do Brasil e da Inglaterra, revelam cada um a seu modo, não somente a participação e o entrosamento, mas também a omissão de alguns atores sociais. Por exemplo, o governo é expressivo na Inglaterra, mas no Brasil mantém-se em silêncio e distante do debate.

Enquanto no cenário britânico os estudos e as perspectivas de impacto das mudanças climáticas atraem novos participantes e contribuem para motivar o Estado a intervir sobre a realidade, no Brasil acentuam a assimetria de poder, mantendo os cientistas como protagonistas e postergando a participação de outros atores sociais e a ação do Estado (FIORAVANTI, 2008).

O jornalista também ressalta que os dois países encontram-se em áreas de alta vulnerabilidade aos impactos climáticos, mas mesmo assim as ações são diferentes. Caberia assim, para ele, uma mudança na postura da imprensa, passando o jornalista de intermediário para mediador, ou seja, daquele que transporta uma ideia ou informação sem a transformar, para um ser que transforma e negocia significados.

Essa mudança de postura na imprensa de acordo com Carvalho (2011) passa pela compreensão de que o sentido associado à questão nos meios também

depende dos seus profissionais, seus valores, formação e experiência além de organizações específicas que têm modos de funcionamento, lógicas e culturas próprias que marcam, de várias formas, o exercício profissional. A autora cita como exemplo a constatação que demonstrou que os jornalistas portugueses têm níveis de conhecimento muito baixo em relação às mudanças climáticas.

Essa crítica também ocorre no Brasil, tanto por parte dos cientistas como dos próprios jornalistas. Os meteorologistas criticam o despreparo dos jornalistas ao realizarem uma entrevista sobre o tema. Os jornalistas, por sua vez, admitem a necessidade de um profissional mais especializado para a cobertura sobre o clima. André Trigueiro (2005) defende que a formação do jornalista será incompleta se na grade curricular desse não existirem ajustes para que “se revelem os impactos sem precedentes que pessoas, empresas, governos e, de uma forma mais ampla, o atual modelo de desenvolvimento geram sobre os recursos naturais, a qualidade de vida e a desigualdade social” (p.278). Para o autor é fundamental que o estudante de jornalismo conheça ainda na faculdade a crise ambiental em que o país está imerso.

Para Carvalho, Pereira & Cabecinhas (2011), a cobertura das mudanças climáticas inscreve-se “fortemente no ‘status quo’ económico e social dominante no mundo industrializado e as mudanças requeridas para lidar com o problema são vistas por muitos como indesejáveis” (p.148). Trata-se de um ambiente no qual convergem diversos interesses. As autoras citam um estudo de Smith (2005, p.1478), o qual afirma que os profissionais de comunicação reconhecem a relação de múltiplas vertentes dos problemas ambientais com valores políticos, culturais e éticos, mas procuram evitar assumir posições normativas nas reportagens. É preciso também considerar que o trabalho de produção jornalística é fortemente moldado por fatores organizacionais, tais como as estruturas de poder em cada empresa e a sua política editorial.

### **2.3 JORNALISMO E METEOROLOGIA**

Ao refletirmos sobre a cobertura climática, precisamos entender as relações existentes entre a meteorologia e o jornalismo, bem como a evolução histórica dessa relação. É importante destacar que neste trabalho não pretendemos levantar ou questionar conceitos científicos relacionados às mudanças climáticas, mas sim refletir o tema em relação à cobertura jornalística. Por isso, nos deteremos apenas a



introduzir alguns conceitos relacionados ao tema e ao seu contexto, antes de analisarmos a relação com a imprensa.

Segundo WOLFE (1964), a meteorologia é a ciência que se dedica a estudar os processos climáticos que ocorrem na atmosfera terrestre, na camada mais próxima da superfície. Seus aspectos mais tradicionais e conhecidos são a previsão do tempo e a climatologia, as quais serão tratadas separadamente neste capítulo.

De acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia - Inmet – o tempo é o estado físico das condições atmosférica em um determinado momento e local. Isto é, a influência do estado físico da atmosfera sobre a vida e as atividades do homem. Já o clima, é o estudo médio do tempo para o determinado período ou mês em uma localidade e também se refere às características da atmosfera inseridas das observações contínuas durante certo período. O clima abrange maior número de dados e eventos possíveis das condições de tempo para uma determinada localidade ou região. Inclui considerações sobre os desvios em relação às médias, variabilidade climática, condições extremas e frequências de eventos que ocorrem em determinada condição do tempo.

### **2.3.1 A previsão do tempo**

A previsão do tempo está baseada, entre outros, em dados observados de hora em hora nas estações meteorológicas de superfície, convencionais ou automáticas, espalhadas por todo o território nacional. No Brasil, o INMET administra mais de 400 estações.

Ela tem importância em diversas áreas como a agricultura, a marinha, a aeronáutica e economia, além das atividades diárias. Nos aeroportos, a previsão é necessária para planejar a decolagem e aterrissagem dos vôos. Na navegação, também se faz necessária para traçar rotas seguras, além de ser usada para que o tempo gasto na viagem seja o mínimo, contribuindo também para que essa seja mais econômica. Outra área de grande importância é a agricultura, na qual a previsão pode interferir no transporte de produtos, épocas de plantio e colheita e até no racionamento de água e execução de planos emergenciais. Atualmente, áreas como a indústria, comércio e turismo também necessitam da previsão do tempo.

De acordo com o meteorologista do Grupo RBS, Cléo Kuhn, em entrevista concedida à pesquisa (2011), a importância da previsão do tempo passou por

transformações ao longo dos últimos anos, conforme as mudanças de interesse da própria sociedade. Antigamente, era usada quase que exclusivamente para a agricultura, mas hoje, há grande demanda em outros setores.

Antigamente, a maior parte da população estava vinculada à produção agrícola. Nas últimas décadas, houve um deslocamento do setor primário para o terciário e agora a meteorologia tende a dar mais ênfase onde há maior concentração de pessoas, por isso mais ênfase na cidade, nos conglomerados urbanos<sup>11</sup>.

A previsão do tempo surgiu, inicialmente, para ser aproveitada para fins bélicos. Conhecer a frequência e velocidades dos ventos tornou-se importante para garantir a chegada dos aviões e do lançamento das bombas durante as 1ª e 2ª Guerras. Isso culminou num grande investimento, por parte dos Estados Unidos, em equipamentos e cientistas, principalmente no estado de Massachusetts, o qual concentra os melhores cientistas da área.

A evolução da relação entre meteorologia e o jornalismo, principalmente através da previsão do tempo, é o tema do livro de Robert Henson, *Weather on the Air – A history of broadcast meteorologia*. Segundo Henson (2010), essa relação acentua-se em 1880, quando o jornalista Joseph Pulitzer criou um espaço para a previsão do tempo, no canto superior direito da capa do jornal. Em 1900, o serviço ganha as páginas internas do jornal e também ganha espaço nas estações de rádio, no qual se popularizou em 1910. O ano de 1920 protagonizou uma grande revolução visual nos serviços de previsão do tempo, com a introdução dos Mapas do Tempo, além da obrigatoriedade a partir de 1930 dos serviços no rádio, pelo presidente Franklin Roosevelt.

Na TV, os serviços de meteorologia começaram por volta de 1940, mas foi em 1962, que atingiram grande abrangência, pois havia 21,8 milhões de televisores nos lares dos americanos. Nos anos 60, surge a figura da garota do tempo, “Sun-up Weather girl”, com apresentação de Rachel Welch. Os anos 70 marcaram um período conhecido como Happy Weather, no qual a informação era banalizada, chegando a ocupar até 90 minutos no noticiário televisivo.

---

<sup>11</sup> Em entrevista realizada pela autora com o profissional no dia 5 de julho, na Central de Meteorologia do Grupo RBS, em Porto Alegre.

Hoje nos EUA, existem apresentadores da previsão do tempo que também são meteorologistas. O serviço ocupa um espaço de cerca de um terço nos telejornais da América do Norte e na Europa.

The formula soon crystallized, and today, close to 1,000 Americans make their living by standing in front of a camera talking about warm fronts, supercells, cold-air damming, and whether or not your weekend picnic will get rained out. Roughly half of those weathercasters hold degrees in meteorology, while others come to the field from a variety of backgrounds<sup>12</sup> (HENSON, 2010, p.1).

No Brasil, foi a partir de 1920 que o serviço de previsão do tempo desenvolveu-se na imprensa brasileira. Atualmente, o serviço é disponibilizado, diariamente, em jornais, televisão, rádio, sites e até por mensagem via celular. O portal Clic RBS, um dos primeiros portais jornalísticos criados no Rio Grande do Sul, por exemplo, fornece a previsão do tempo através de mensagem SMS, com custo definido pela operadora do usuário e mediante cadastro<sup>13</sup>. No site do Clic RBS também é possível configurar, através da ferramenta “widget de tempo do Clic RBS”, a previsão climática para cidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, além de todas as capitais do país, para que apareçam no site do usuário.

A SOMAR Meteorologia é uma das empresas nacionais que gera informações climáticas, como previsões do tempo diárias, e dados fundamentais aos órgãos públicos como a Defesa Civil e o Centro Gerenciamento de Emergências, o CGE. Entre os principais produtos da empresa, chama-nos a atenção os serviços disponibilizados no site *tempoagora.com.br*. Há no menu do site, a opção “índices” que permite ao usuário saber qual a probabilidade, baseada nas condições do tempo, do uso da “chapinha” nos cabelos, de fazer churrasco, de poder praticar esportes, da incidência dos raios ultravioletas, da possibilidade de artrite e do desenvolvimento de mosquitos.

Esse exemplo mostra-nos como os serviços de previsão do tempo estão se aproximando mais do dia-a-dia das pessoas, utilizando, inclusive, uma linguagem

---

<sup>12</sup> Hoje, cerca de 1000 americanos ganham a vida em frente a uma câmera falando sobre frentes frias, tempestades, bloqueios de massas de ar fria, e se o seu fim de semana vai ser chuvoso ou não. Aproximadamente metade destes profissionais do tempo possuem diplomas em meteorologia, enquanto outros vem a esse ramo de origens diferentes. (Tradução nossa).

<sup>13</sup> Disponível no site <http://www.clicrbs.com.br/celular/jsp/default.jsp?uf=2&local=18&capald=4736>. Acesso em 31 de julho de 2011.

diferente para que sua compreensão se torne mais fácil. O meteorologista do Grupo RBS Cléo Kuhn comenta sobre o desafio em disponibilizar a previsão do tempo, através de uma linguagem mais compreensível para as pessoas. Para ele, mudar uma previsão do tempo que antigamente tinha um enfoque na agricultura para uma previsão do tempo que tenha um enfoque urbano é um processo difícil que encontra resistências, principalmente na mudança do tipo de palavras usadas pelos profissionais, porque o conservadorismo aparece de modo muito forte em tudo.

A imensa maioria dessas palavras desenvolvidas são palavras que envolvem a aviação, porque todo mundo pegou uma parte da segunda guerra mundial onde a linguagem era a da aviação. Então por que se utiliza parcialmente nublado? Porque para o pessoal que está de avião não interessa o sol, interessa quantas nuvens tem. Já para quem está na cidade não interessa quantas nuvens tem, interessa quanto sol tem. Então, há uma diferença de enfoque que é feita por quem faz a divulgação: o jornalista<sup>14</sup>.

Trigueiro defende a necessidade do jornalismo em contribuir com a compreensão das mudanças climáticas com uma linguagem acessível. “É preciso comunicar esse saber, traduzi-lo sem o peso do jargão ecológico-científico, torná-lo inteligível ao maior número de pessoas” (TRIGUEIRO, 2005, p.264). É nesse contexto, que o meteorologista Cléo Kuhn sugere que jornalistas e meteorologistas estão sempre num processo de negociação e de adaptação conforme o interesse e a necessidade do público. No entanto, no Brasil, ainda há muita divergência nesse processo de negociação. Para os meteorologistas a simplificação de linguagem proposta pelos jornalistas distorce, na maioria das vezes, o processo científico descrito. Com o pressuposto de que o leitor não tem condições de compreender o fenômeno da forma como ele é descrito pelo meteorologista, os jornalistas se apropriam do conhecimento científico e o descrevem da forma como acreditam ser mais “correta”, ou inteligível para o leitor.

Nos EUA, por exemplo, a relação entre a meteorologia e o jornalismo é completamente diferente da realidade Brasileira. Pesquisas recentes discutidas em uma Conferência em Washington em novembro de 2011<sup>15</sup> mostram que cerca de

---

<sup>14</sup> Em entrevista realizada pela autora com o profissional no dia 5 de julho, na Central de Meteorologia do Grupo RBS, em Porto Alegre.

<sup>15</sup> Dados repassados por pesquisadores do INPE e da UFSM que participaram em novembro de 2011 de uma conferência em Washington para discutir Meteorologia.

60% da população americana ainda acredita que o indivíduo não tem relação direta com a causa do aquecimento global. Diante desse dado, a comunidade científica compreendeu que é fundamental melhorar a comunicação com os usuários, e que necessita para isso dos chamados “homens do tempo”. Esses são formados em meteorologia, mas não acompanham diretamente os avanços científicos. A pesquisa também revelou que cerca de 50% desses profissionais acreditam que o homem não tem relação direta com o aquecimento global, e 40% acreditam que há uma relação, mas que essa não é tão extrema.

Assim, a Organização Meteorológica Mundial tem feito um esforço para trazer de volta os “homens do tempo”, capacitando-os, porque acredita que eles sejam o principal canal de comunicação entre a ciência e a sociedade nos meios de comunicação americanos, uma vez que pesquisas revelam que cerca de 60% da audiência baseia-se na previsão repassada por esses. Essa credibilidade é resultado do grande grau de acerto das previsões e também da conscientização da importância dessa para uma população que sofre diariamente os impactos das mudanças climáticas e das mudanças drásticas nas condições do tempo, seja através de nevascas, furacões ou do calor.

Já no Brasil, os meteorologistas se ressentem quando os chamados “homens do tempo” da mídia não são meteorologistas, mas se utilizam do serviço desses, sem identificação. Há uma disputa pela visibilidade dos profissionais de meteorologia baseada também na recuperação de credibilidade dessa comunidade científica. Em âmbitos de pesquisa científica na América Latina, o Brasil é referência, pois, é o único país que possui modelagem computacional de alto desempenho, além de ter um dos seis maiores computadores do mundo para as pesquisa na área. Além disso, tem oito universidades que oferecem o curso de meteorologia, duas no estado do Rio Grande do Sul.

No entanto, mesmo com um alto nível de pesquisa, no Brasil ainda não há proximidade entre a imprensa e a comunidade científica, como aquela que existe nos EUA. Para o coordenador do Curso de Meteorologia da Universidade Federal de Santa Maria, Vagner Anabor, a previsão do tempo no Brasil é utilizada pelas empresas midiáticas como uma prestação de serviço e também de vendas. Como se trata de uma informação com grande poder de audiência e circulação, as empresas estão mais preocupadas em aproveitar esses espaços junto a comerciais, investindo assim na publicidade, deixando a meteorologia em segundo plano.

Outro problema apontado pelo professor é a falta de contextualização dos eventos climáticos na mídia, pois esses dificilmente são associados a outros problemas como a má ocupação urbana, a falta de políticas públicas adequadas, além da cobrança dos órgãos políticos. O Rio Grande do Sul, por exemplo, é o único estado do Brasil que não possui um órgão estadual de meteorologia, e o único meteorologista contratado pelo estado atua na área da poluição do ar. Na avaliação do professor, para não degradar a imagem dos governantes, a imprensa tende a não contextualizar as consequências dos fenômenos climáticos.

O professor cita como exemplo um caso de alagamento em uma cidade. Mesmo com o alerta da meteorologia de que se trata de quantidades de chuvas esperadas para o período, o jornalismo classifica-a como enchente, com manchetes que abordam os acontecimentos naturais como algo divino, e o problema da ocupação urbana desordenada em áreas com risco de alagamentos sequer é mencionado na matéria.

Isso é alimentado diariamente pela imprensa. No decorrer do ano não se fala nesse assunto, mas no dia que acontece o evento chovem ligações para o nosso centro querendo uma resposta imediata. (...) Quando falamos inclusive que existem pesquisas sobre o tema sendo desenvolvidas, diariamente, essa fala é editada da matéria. O fato é que o jornalismo não tem interesse. Se der uma chuva de granizo, aí sim é preciso a fala do especialista ou do meteorologista para dar credibilidade naquele momento à matéria. Mas essa fala é só pra isso, não é para saber realmente o que a comunidade científica pensa e desenvolve sobre o tema.<sup>16</sup>

Essa ideia de que os fenômenos naturais são manifestações divinas e de que há uma revolta da natureza reflete, segundo o geólogo e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rualdo Menegat (2010), a cegueira humana diante de tais fenômenos. Processo que, para ele, é exacerbado pela mídia, ao espetacularizar as tragédias de tal maneira que não ajuda as pessoas a entenderem que há uma manifestação das forças naturais, diante das quais é preciso prevenção. Ele destaca que a imprensa, em vez de provocar uma reflexão sobre o lugar das pessoas diante da natureza, traz apenas a sensação de que algo veio interromper a rotina urbana. O fato da humanidade superar os 6 bilhões de

---

<sup>16</sup> Em entrevista concedida para a autora em novembro de 2011. Vagner Anabor é doutor em meteorologia e atua como Coordenador do Curso de Meteorologia e professor Adjunto na Universidade Federal de Santa Maria. Também já foi meteorologista do Grupo RBS TV.

habitantes, dos quais cerca de 3,7 bilhões vivem em cidades, segundo o geólogo, leva a uma situação inédita em termos humanos: “para cada movimento da dinâmica natural do planeta temos um impacto em termos de vidas e de recursos materiais e também uma informação imediata”. É isso que aumenta a percepção da tragédia como algo assustador.

A humanidade gigantesca já está bordejando todos os limites perigosos do planeta Terra. Estamos na borda dos grandes vulcões, na borda das placas tectônicas. Estamos ocupando locais que, há 50 anos atrás, não ocupávamos. Como as nossas cidades estão ficando muito gigantes e as pessoas estão cegas, elas não se dão conta do tamanho do precipício e do tamanho do perigo desses locais onde estão instaladas (MENEGAT, 2010).

Isso contribui para que se tenha uma visão dessas catástrofes como algo surpreendente. Assim, um terremoto no Haiti é abordado pela mídia como um imprevisto, mesmo que a os estudos geológicos e mapas que já estão prontos, reiterem que se trata de uma zona de alto risco sísmico. Anabor comenta que é preciso uma mobilização política da sociedade, dos eleitores e também dos leitores dos jornais. “Enquanto não houver uma divulgação séria e uma cobrança da população, isso não vai mudar. A população não pode continuar afirmando “Foi Deus quem quis assim” frente aos acontecimentos climáticos<sup>17</sup>.

De acordo com Anderson (2005 apud TADDEI, 2008. p. 78) no século 19, na Inglaterra, já havia controvérsias sobre a conveniência de se fazer e disseminar as previsões meteorológicas. A discussão girava em torno não dos méritos da meteorologia, mas sim no fato de produzirem-se prognósticos e na expectativa social que isso poderia acarretar. Taddei (2008) cita como exemplo a atitude de representantes do alto escalão do governo do Ceará, que em 2002 defendiam a ideia de que a Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME) não deveria distribuir publicamente os prognósticos para o semi-árido. Isso porque as informações climáticas poderiam resultar em crises de ansiedade coletiva com relação à estação das chuvas, acarretando problemas complexos aos governos locais.

Como contornar esses problemas? Taddei (2008) ressalta que as chuvas, por exemplo, têm impactos econômicos, sociais e políticos. É preciso cuidado tanto

---

<sup>17</sup> Vagner Anabor, em entrevista concedida para a autora em novembro de 2011.

da parte dos meteorologistas, quanto dos jornalistas para que a informação climática não seja sugada para dentro do redemoinho político de cada região. Ele defende que o contexto em que uma informação climática é recebida define os significados que essa vai adquirir, ou como será entendida. Chuva por exemplo, tem significados distintos em contextos diferentes. Para uma determinada comunidade, a chuva num contexto religioso pode adquirir o caráter de punição divina induzindo as pessoas a adotarem posições de humildade e resignação, e até de inação. No entanto, num contexto de desenvolvimento técnico otimista, os problemas ocasionados pela chuva podem ser vistos como algo passível de ser contornado pelo ser humano. O autor cita como exemplo o caso de nucleação artificial de nuvens realizada recentemente no nordeste brasileiro, bem como na Espanha e em Israel.

Assim, são duas posturas diferentes tomadas diante do mesmo fenômeno atmosférico, impulsionadas por valores e ideias de cada contexto e também pela compreensão entre o que a meteorologia produz e a maneira como a sociedade a recebe, interpreta e utiliza. “À medida que a informação viaja pela sociedade, a cada momento ela encontra o desafio da compreensão e da aplicabilidade” (TADDEI, 2008, p. 79). Por isso, torna-se fundamental pensar em como as informações meteorológicas são disseminadas na prática. Na década de 90, criou-se em Nova York, o International Research Institute for Climate and Society (IRI) para estudar justamente a interação entre a meteorologia e a sociedade. O Instituto funciona como uma agência de estudos do espaço existente entre quem produz a informação sobre o clima e quem a usa. Na avaliação do autor, no Brasil há a necessidade de se discutir desde a presença da comunicação dentro das instituições meteorológicas até a formação de jornalistas e meteorologistas. Ele faz uma crítica ao fato de os currículos de graduação em meteorologia não incluírem disciplinas sobre as dimensões humanas do tempo e do clima, e comunicação climática, porque parte significativa dos meteorologistas que se formam serão os gestores das instituições de pesquisa e previsão. Em não tendo uma formação voltada para a comunicação desses dados, as práticas internas de distribuição de informações nos institutos ficariam prejudicadas. Dessa forma,

o meteorologista gestor se vê obrigado a improvisar, a aprender na prática, por tentativa e erro; responsabilidade demais é transferida ao assessor de imprensa, que na maioria das vezes é um jornalista e entende bem da mídia, mas não dos usos que se faz da informação



no nível das comunidades e grupos específicos de usuários, nem dos problemas econômicos ligados ao clima (TADDEI, 2008, p. 78).

Para o autor, na medida em que uma informação sai da assessoria de imprensa do instituto meteorológico e chega à redação de um jornal ocorre um processo de *descontextualização e recontextualização* (grifos do autor) desta, o qual pode gerar desentendimentos entre meteorologistas e jornalistas. A informação, ao chegar a um lugar onde as pessoas têm formas de trabalho e objetivos diferentes daqueles em que foi produzida, ganharia novos valores e dimensões. É por isso, que raramente meteorologistas costumam gostar das manchetes jornalísticas baseadas em previsão climática.

Ao atravessar o processo jornalístico, é comum que o caráter probabilístico da informação desapareça ou seja desvalorizado. Para muitos meteorologistas, a mensagem, depois de re-elaborada e simplificada no processo jornalístico, tende a perder parte importante do seu conteúdo, e, por essa razão, empobrece em precisão e qualidade. Do ponto de vista jornalístico, não há perda de conteúdo, mas, inversamente, há ganho em clareza, uma vez que ao jornalista cabe a tarefa de depurar a mensagem de todo jargão científico e da opacidade da linguagem técnica (TADDEI 2008, p. 80/81).

Nesse contexto de disputa, é preciso que esses profissionais compreendam que o foco de atenção de quem comunica deve ser o contexto onde a informação vai circular, pois se a meteorologia não conhece o seu público e esse não conhece a meteorologia é comum acontecerem distorções e estereótipos a respeito de um e de outro. Uma tira humorística publicada na Inglaterra ilustra bem isso, ao mostrar um jornalista anunciando a previsão do tempo na TV com um mapa das ilhas britânicas ao fundo, inserindo a mão em um “balde da sorte”. Esse tipo de humor surge de uma visão muito tênue que o público tem em relação à função da meteorologia. Se a imprensa simplificar em demasia a informação científica, partindo da ideia de que o público não vai entender, esta também promove a descredibilidade da informação científica prejudicando e acirrando ainda mais a relação com os profissionais da meteorologia. No Brasil, segundo Anabor, a maior rede de televisão do país, a TV Globo, utiliza na apresentação de suas previsões equívocos na linguagem, ao noticiar, com grande frequência a expressão “frente fria”. Segundo o professor, nem sempre essa expressão resume o fenômeno diagnosticado, mas é utilizada pelo jornalismo como uma forma de simplificar a linguagem de tal forma que a audiência

compreenda que o que se quer dizer é que haverá mudanças no tempo. Esse exemplo nos faz crer que a relação entre a meteorologia e o jornalismo apresenta ruídos e desequilíbrio, uma vez que há uma central e um meteorologista trabalhando para a empresa e fornecendo os dados que serão publicados pelo jornalista, mas, no entanto, não há acordo sobre as publicações.

Taddei (2008) acredita que o fundamental para que a informação meteorológica seja eficaz em seu propósito comunicativo, é que essa esteja estruturada, “em termos de conteúdo e de estratégias de disseminação, em função das formas de pensamento e ação que caracterizam o seu público alvo, e não das formas de conhecimento que caracterizam o grupo que a produz” (p.84). No entanto, o autor avalia que entender de forma detalhada os contextos culturais, sociais e políticos em que as informações de clima serão recebidas é uma tarefa difícil, tornando-se fundamental “a cooperação entre quem produz a informação de tempo e clima e especialistas em comunicação e cultura” (TADDEI 2008, Ibid.). O autor também sugere que é fundamental uma concessão terminológica entre os profissionais, principalmente entre os meteorologistas, os quais devem acostumar-se com a idéia de que as definições e conceitos precisam ganhar o mundo de uma maneira mais flexibilizada. A manutenção da precisão e do caráter técnico da informação pode implicar em perda de relevância, não contribuindo para que essa chegue a seu determinado destino e uso.

O autor nos propõe quatro características fundamentais que a informação científica precisa ter para que de fato atinja seu objetivo. É preciso levar em conta como as formas *saliência*, *relevância*, *autoridade* e *legitimidade* são percebidas, negociadas ou construídas. Saliência refere-se à capacidade dos receptores em detectarem detalhes importantes para compreender a mensagem. Como exemplo na meteorologia, podemos citar a diferença entre o tempo e o clima. Uma mensagem baseada nisso será entendida de forma incorreta se as pessoas desconhecem a distinção em questão. Assim, os eventos de tempo são geralmente usados para avaliar (incorretamente) previsões de clima.

Outra dimensão importante segundo o autor é a Relevância, a qual refere-se à aplicabilidade da informação nos processos produtivos, culturais ou políticos de quem a recebe. Uma informação correta distribuída na hora errada perde a relevância. Assim caberia a meteorologia aproximar-se, quando chega em seu local de uso, a tentativas locais de resolução do problema.

A Autoridade resulta da credibilidade da informação e Legitimidade à adequação dessa aos valores e formas de vida locais. Nesse caso, nem sempre a autoridade científica é a imponente, pois em comunidades, onde os valores religiosos são importantes, por exemplo, quem vai perder a legitimidade é a ciência.

### **2.3.2 A climatologia**

Outra área específica da meteorologia é a climatologia, que se preocupa em determinar as condições médias do tempo em diversas regiões do globo terrestre e a pesquisar as causas das mudanças climáticas.

O tempo e o clima podem, juntos, ser considerados como consequência e demonstração da ação dos processos complexos na atmosfera, nos oceanos e na Terra. De acordo com o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), a partir de 1970, a Região Sul do Brasil e os países do Mercosul, bem como a América do Sul têm sido severamente impactados por desastres naturais, o que resultou em grandes prejuízos econômicos e num elevado número de vítimas fatais. A maioria destes desastres está associada às instabilidades severas, que causam, entre outros, inundações, escorregamentos, vendavais, tornados e aos períodos de déficit hídrico caracterizados pelas estiagens. Mas, para os especialistas do INPE, não são somente os fatores sócio-econômicos que contribuíram para o aumento no número de desastres naturais, mas também as alterações do clima por decorrência das mudanças globais.

A ciência reitera que o clima varia naturalmente, independentemente da ação humana, porque depende da intensidade da radiação solar. Com a aproximação e o afastamento entre Sol e Terra, em determinados ciclos, pode haver um maior ou menor grau de incidência de radiação solar configurando o grau de aquecimento ou resfriamento da Terra ao longo de períodos históricos.

Segundo o meteorologista da Coordenação Geral de Desenvolvimento e Pesquisa do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), Mozar de Araújo Salvador (2009), as alterações na temperatura dos oceanos influenciam diretamente a variabilidade climática do planeta. “O exemplo mais popular é o *El Niño*, que a cada três ou quatro anos aquece as águas do Pacífico. *La Niña*, por sua vez, esfria o

Pacífico e provoca redução na temperatura da Terra”<sup>18</sup>. As mudanças do clima e o aquecimento global estão inter-relacionados, mas não são o mesmo fenômeno. O aquecimento global configura num aumento da temperatura além do natural – e na capacidade da atmosfera em reter calor. Para Salvador é justamente esse o ponto de polêmica sobre as causas desse aquecimento. “Qual parcela diz respeito às causas naturais e qual resulta da contribuição das atividades humanas, com o progressivo aumento na concentração dos gases de efeito estufa na atmosfera nos últimos 150 anos”. Não existem soluções fáceis frente a esse problema. Uma das alternativas propostas pelos especialistas é a redução de 60% a 80% da emissão dos gases. Isso representaria uma mudança significativa nos padrões e estilos de vida da sociedade.

Em meio a esta polêmica aparecem os cientistas, os jornalistas, as ONGs ambientalistas, governantes e a própria sociedade, sujeita a essas alterações. No entanto, diante de toda essa discussão, queremos deixar claro que buscamos o papel do jornalismo ao representar o clima, e não soluções ou culpados para o problemas que acontecem com ele, sejam eles naturalmente previstos ou provocados pelo homem. Assim, o que queremos é entender quais os significados atrelados aos acontecimentos climáticos na cobertura impressa. Nossa próxima reflexão será sobre os acontecimentos climáticos e a forma como esses adquirem significados no contexto do jornalismo.

---

<sup>18</sup> Disponível em <http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br/node/657>. Acesso em 12 de julho de 2010.

### 3. O ACONTECIMENTO

Ao refletirmos sobre o significado da palavra acontecimento, lembramos de imediato de algo extraordinário que tenha marcado nossa existência, seja através dos livros que lemos, da história que conhecemos ou até mesmo daquilo que presenciamos em nossas experiências sociais ou individuais. Entendermos as características de um acontecimento torna-se fundamental para compreendermos os sentidos e valores que ele agrega às notícias.

Quéré (2005) nos sugere diversas categorias de acontecimentos, desde os que “nos caem em cima” a aqueles cuja ocorrência provocamos. Podemos destacar os que se produzem devido às modificações contínuas, que podem atingir tanto as coisas ou aqueles que estão a nossa volta. Há os que ocorrem no dia-a-dia despercebidos sem que lhe atribuamos valor, assim como os que ganham grande importância e que se tornam “marcantes, ao ponto de poderem tornar-se referências numa trajetória de vida, individual ou colectiva, na medida em que correspondam a experiências memoráveis e, até mesmo, a rupturas e inícios” (QUÉRÉ, 2005, p. 1). A mídia desempenha um papel importante nesse contexto, uma vez que ela pode ser a responsável por provocar tais representações e até mesmo por defini-las para um determinado sujeito. Neste capítulo, trataremos da relação entre o jornalismo e o clima, a partir dos conceitos de acontecimento, notícia, representação e valores-notícia.

#### 3.1 O ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO

Charaudeau (2006) destaca que ao ser transmitido a um sujeito, o acontecimento passa obrigatoriamente por uma construção de sentido. Ele se encontra neste “mundo a comentar” como surgimento de uma fenomenalidade que se impõe ao sujeito, em estado bruto, antes de sua captura perceptiva e interpretativa” (CHARAUDEAU, 2006, p.95). O autor cita o exemplo de que mortos são mortos, mas para que esse acontecimento os faça fazer parte de um “genocídio”, ou “vítimas do destino ou do envelhecimento”, vai depender do olhar que o sujeito lançar sobre o fato, e das redes que aquele estabelece, através da sua própria experiência, entre os sistemas de pensamento e de crença. “O

acontecimento nasce, vive e morre numa dialética permanente da ordem e da desordem, dialética que pode estar na natureza, mas cuja percepção e significância dependem de um sujeito que interpreta o mundo” (CHARAUDEAU, 2006, p.99). É por isso que para os habitantes do nordeste, a seca adquire um sentido diferente do que para os habitantes do sul, como vimos no capítulo anterior, no estudo de TADDEI & GAMBOGGI (2010). Parafrazeando Charaudeau, chuva é chuva, mas para que este acontecimento faça parte de “alagamentos”, “catástrofe”, “vingança da natureza” ou “salvação do campo”, é preciso que haja um sujeito dotado de certa experiência, para o qual ela adquira esse sentido. Assim, o que importa para o autor é o processo de construção do acontecimento, o qual ele denomina como *evenemencial*.

Ao ser não somente da ordem do que ocorre, mas também do que acontece à alguém, o acontecimento pode ser suportado feliz ou infelizmente, suscitando respostas. Devemos assim, entendê-lo como algo que representa tanto um fim, quanto um começo. Algo que ocorre no mundo e que pede para ser contemplado e, por outro lado, para ser superado, tornando-se necessário assim, “aceitar o irrevogável e reconciliar-se com o inevitável” (QUÉRÉ, 2005, p.2). De um lado, ele necessita ser compreendido, por outro, ele faz compreender. Sua compreensão estaria em si mesmo. É a partir dessa definição que o acontecimento, para o autor, torna-se um fenômeno de ordem hermenêutica.

Quando algo acontece, introduz-se algo novo - uma descontinuidade que afeta a continuidade da experiência, uma vez que a domina. Assim, fazemos de tudo para reduzi-la, agindo, como sugere Arendt, como profetas virados para o passado, buscando entender as razões que ocasionaram tal acontecimento, ou como poderia ter sido evitado. Assim,

reconstruímos, através do pensamento, as condições que permitem ao acontecimento produzir-se com as particularidades que apresenta; restaurando a continuidade no momento em que a ruptura se manifestou, ligando a ocorrência do acontecimento a um passado de que ele é o ponto de chegada ou incluindo-o num contexto no qual ele se integra coerentemente e surge como, afinal previsível (QUÉRÉ, 2005, p.61).

No entanto, esse passado não pré-existia ao acontecimento. É preciso que ele aconteça e que se manifeste em sua descontinuidade para que possa ser

associado a um passado ou a um futuro. Pensemos num tsunami que atinge uma ilha repleta de turistas. O que aconteceu foi descontínuo, se relativo ao que o precedeu. Mas, mesmo assim, buscamos reduzir essa descontinuidade, buscando sinais precursores, comparando-os a acontecimentos similares, ou até mesmo, reconstruindo um contexto causal.

Para Quéré (2005), o acontecimento, enquanto fato no mundo, implica uma modalidade particular de experiência. Pode ter sido esperado por alguém, satisfazer ou não as expectativas de um certo sujeito, ter sido observado por alguém ou por uma fonte exterior, o que gera interpretações diferentes em relação a ele. Quando a pessoa enfrenta o que lhe acontece, apropria-se do acontecimento a partir do que ele é, integra-o na sua história, “reconfigura o seu futuro e o seu passado a partir dele e à luz dele” (QUÉRÉ, 2005, p.68). Assim, os acontecimentos nos assemelham porque são relativos ao que somos, às nossas capacidades, à maneira como somos afetados e respondemos aos nossos hábitos e sensibilidades.

O acontecimento é da ordem do social, fazendo parte de um passado que condiciona nosso presente. Aquilo que acontece a alguém é mais que um fato que pode ser dotado de sentido, sendo ele próprio, criador de sentido.

São os acontecimentos que projectam um sentido sobre as situações e reconfiguram as possibilidades, para sujeitos dotados de uma certa sensibilidade e hábitos. O acontecimento proporciona uma transação e a partir daí dá lugar a uma experiência (Ibid., p.70).

Assim, nossas projeções podem ser modificadas à luz do acontecimento, na medida em que nos sujeitamos a ele, ampliando assim o horizonte dos possíveis. Neste sentido, Quéré (2005) também nos apresenta o exemplo de uma catástrofe natural de grandes proporções que ao ocorrer, ultrapassa aquilo que julgávamos possível até então. Para Babo-Lança (2005), é essa perspectiva inédita gerada pelo acontecimento que “ilumina o passado sob uma outra luz, ao mesmo tempo que é o futuro que ele abre que lhe confere sentido”(p.88). A autora nos sugere concluir que o futuro do acontecimento liga-se às suas consequências e que essas são mais pertinentes para caracterizá-lo do que as causas. Nas palavras de Jayyusi (1984, p.158), ela destaca que “descrever a acção *mais* as suas consequências é descrever a acção realizada e o estado de coisas ou acontecimento no mundo que a acção produziu” (2005, p.88). É na medida em que os efeitos do acontecimento

(voluntários ou não, imprevistos ou não) agem sobre ele, que acabam elaborando sua significação, determinando o valor simbólico que lhe é dado. Como nos lembra a autora, são as trágicas consequências resultantes do choque entre a torre e os aviões que fazem do “11 de setembro” o que ele é enquanto acontecimento.

É em função dessas consequências que o acontecimento afeta determinados grupos que vão agir em resposta ao que lhes aconteceu, fazendo parte assim da ordem da experiência. A autora utiliza o exemplo da experiência deixada por um tsunami que destrói uma população litorânea para nos lembrar que o acontecimento prolonga-se na dor das perdas, na revelação do inesperado e nos possíveis que ele abriu. O sujeito, vítima desse acontecimento, assume um outro posto e muda de estatuto.

Passa a sujeito da experiência e a sua identidade constrói-se no modo como suporta e é atingido pelo acontecimento e pelas suas consequências directas ou indirectas, voluntárias ou involuntárias, desejadas ou indesejadas. A ação do público visará regular, normalizar, remediar, inverter, discutir ou problematizar a situação criada pelos efeitos que o acontecimento produziu (BABO- LANÇA, 2005, p.90).

Ao refletirmos sobre o acontecimento, como algo que acontece no mundo, pretendemos chegar a sua ligação com o jornalismo. Para Berger e Tavares (2010), ela encontra-se na natureza do acontecimento, o qual “está na vida cotidiana, como objeto de referência, matéria-prima para os relatos do mundo da vida” (BERGER & TAVARES, 2010, p.121).

Para Sodré (2009), o acontecimento é uma construção do real atravessada por representações da vida social.

Sobre um material bruto disposto pela unidade factual do acontecimento, a informação constrói – a partir de um conjunto de regras e convenções discursivas, assim como de hábitos e práticas sociais - um esquema narrativo, uma forma germinal de *enredo* ou *intriga* que transforma a factualidade da vida (levando-se a se encarnar ou se efetuar nos corpos), uma vez que nesta não há propriamente enredo, tão só repetições, coincidências e inesperados (SODRÉ, 2009, p. 37).

Com base no que nos propõe o autor, ao pensarmos nos acontecimentos climáticos, ou na forma como eles podem ser representados, concluimos que esses



estão carregados de representações da vida social, ou como já citamos no capítulo anterior, marcados por significações culturalmente mediadas. Se no espaço social não circular em determinados valores em relação a esses acontecimentos, também não os veremos presentes nessas representações. Por exemplo, se não circular na vida social a preocupação com as mudanças climáticas, também os eventos não carregarão esse significado simbólico de alerta e preocupação. Assim, é necessário que exista um discurso, como nos sugere Charaudeau (2006), para que o acontecimento signifique através da notícia, para que ele deixe vestígios e altere “a substância do mundo das coisas, das pessoas, das instituições” (RODRIGUES,1993, p.29) das idéias, dos valores e do próprio espaço social. A transformação do acontecimento em notícia será nossa próxima reflexão.

### 3.2 DO ACONTECIMENTO ÀS NOTÍCIAS

Ao questionarmo-nos sobre as formas como os acontecimentos transformam-se em notícias e são apresentados pela mídia, precisamos, inicialmente, entender o que é uma notícia, quais os valores que a definem como tal e qual a sua função social.

Motta (2002) nos propõe uma abordagem antropológica da notícia, determinando-a como um produto cultural cuja finalidade vai além do ato de informar. As histórias contadas, diariamente, pela mídia, adquirem também a função de reordenar nossa vida. Atuando como um sistema simbólico, as notícias, para o autor, contariam histórias, delinearíamos as fronteiras do bem e do mal, bem como do passado e do futuro. “Elas assumem a forma narrativa e invadem regularmente o terreno dos *mythos*. Interpretadas simbolicamente, as notícias se revelam como histórias, se mostram como fábulas da vida moderna” (MOTTA, 2002a, p.14). Para o autor, as notícias “são pré-configuradas por categorias mitológicas e estão presas, como a literatura, por matrizes mitológicas que as conformam” (2002a, p.167). Assim, o jornalista estaria sempre à espreita de acontecimentos já esperados para preencher os moldes que revelam dramas e tragédias da humanidade.

Em relação à simbologia mítica das notícias, Silva e Dourado Maia (2011) destacam que há uma perspectiva de investigação hegemônica que trata o jornalismo como uma força conservadora e inercial chamada por Jock Young de

*consensualista*<sup>19</sup>, a qual diz respeito a um modelo de sociedade corroborado pelos meios de comunicação de massa e utilizada como referência para enquadrar os fatos. Essa representa “o modelo de uma sociedade sustentada na naturalidade do *status quo*, ou seja, no comum acordo sobre o que é condenável e o que é valoroso, o que é ordem e o que é desvio” (p.114). Essa perspectiva, por sua vez, está associada a simbologias míticas que no noticiário corroboram para criação de fechamento de sentidos que não contribuem para transformações sócio-históricoculturais.

Segundo essa percepção, os relatos noticiosos resultariam de um esforço para “encaixar novas situações em velhas definições” (BIRD; DARDENNE, 1993, p. 275). Dessa forma, as notícias seriam produzidas segundo o princípio da consonância – codificando acontecimentos diferentes a partir de estruturas previsíveis e pré-estabelecidas. Assim, como sugerem Bird e Dardenne (1993), os detalhes de conteúdos jornalísticos, tais como nomes, datas e lugares, seriam modificados, mas a o sistema simbólico em que se enquadram permaneceria o mesmo.

Em conexões mais amplas, a concepção de jornalismo como narrativa mítica sugere que as notícias são configuradas a partir de um padrão estrutural e de um acervo de temas e valores profundamente enraizados na cultura e incorporados como estratégia retórica e mercadológica pelos jornalistas, com o objetivo de demarcar sua competência profissional, simplificar o conteúdo informativo, dar um significado universal aos acontecimentos narrados e, assim, produzir histórias fáceis e populares, capazes de atrair o público (SILVA; DOURADO MAIA, 2011, p. 117).

É assim, conforme nos sugere Motta (2002), que os relatos jornalísticos não proporcionariam apenas informação. Eles apresentam um esquema para observarmos o mundo, oferecendo “tranquilidade e familiaridade em experiências comunitárias partilhadas” fornecendo “respostas credíveis a perguntas desconcertantes e explicações prontas dos fenômenos complexos” (BIRD;

---

<sup>19</sup> Segundo as autoras, a perspectiva *consensualista* revela-se de forma mais ou menos evidente nas pesquisas sobre as relações entre notícia e simbologia mítica, com variações que transitam do conjunto de abordagens com enfoque cultural-antropológico ao de ênfase crítico-ideológica. Ver mais em: SILVA, Gislene; DOURADO MAIA, Flávia. Sobre a perspectiva dominante nos estudos da dimensão simbólico-mítica das notícias. Revista Galáxia, São Paulo, n. 21, p. 113-124, jun. 2011.

DARDENNE, p. 266-67). Os mitos, principalmente por sua potência consensual, seriam evocados na cobertura de eventos complexos, fazendo com que as histórias se concentrem mais em “personagens, esquemas e valores épicos e em símbolos ligados à herança cultural da audiência, e menos em fatos, personagens, causas e mecanismos sociais da crise” (HALL, 1976, p. 54 apud SILVA; DOURADO MAIA, 2011, p. 120). Isso acontece porque o foco dos jornalistas passa da descrição factual do evento, ou do registro dos eventos, conforme sugerem Bird e Dardenne, para uma operação de retorno ao equilíbrio simbólico. Assim, a notícia faz parte de uma prática cultural, que parece ser natural, mas que, na verdade, faz parte de um rito de contar e narrar “estórias”. Ela constitui um tipo particular de narrativa mitológica, com seus próprios códigos simbólicos reconhecidos pelo seu público.

Berkowitz (2005 apud SILVA; DOURADO MAIA, 2011, p. 120) é outro autor que também reflete a presença dos mitos em notícias do tipo *what-a-story*, que tratam de acontecimentos grandiosos, os quais geralmente possuem grande impacto social e irrompem inesperadamente, como é o caso dos eventos climáticos. Para o autor, os jornalistas são incitados a lançar mão do mito na cobertura desse tipo de evento, por esses serem de difícil cobertura por sua natureza imediatista, por não possuírem detalhes contextuais, além de serem pouco conhecidos pela audiência. O mito seria assim, um recurso facilitador e prático, através do qual os jornalistas podem capturar “a essência de uma ocorrência e então empacotá-la como notícia de um modo previsível e bem sucedido”, através de uma forma narrativa definida a priori (BERKOWITZ, 2005, p. 11 apud SILVA; DOURADO MAIA, 2011, p. 120).

A utilização do mito tornaria possível enfrentar o desafio de cobrir episódios repentinos e complexos, de tal forma que requereria pouca explicação para audiência e pouca compreensão do jornalista. Barnett (apud SILVA; DOURADO MAIA, 2011, p. 121), ao investigar padrões míticos ligados à maternidade em notícias sobre infanticídios, afirma que o emprego desse recurso “resulta em coberturas jornalísticas superficiais, generalizadoras e descontextualizadas, que se esquivam de confrontar visões de mundo cristalizadas na sociedade e ignoram particularidades e contradições inerentes aos fatos, sobretudo aos mais complexos”. A autora também alerta que um acontecimento recorrente, que seja caracterizado pelo desvio à ordem vigente, pode ser tratado como “problemas raros e individuais, desprovidos de antecedentes, ao invés de serem abordados como problemas

sociais e estruturais, entremeados por paradoxos, circunstâncias específicas e aspectos multidimensionais” (apud SILVA; DOURADO MAIA, 2011, p. 121).

Tais afirmações sobre o uso de narrativas míticas são pertinentes para refletirmos sobre a cobertura jornalística em nosso estudo ao tratarmos de acontecimentos climáticos, os quais são da ordem do imprevisível e da ordem de uma cobertura complexa, como é considerada pelos próprios jornalistas.

No entanto, é necessário ainda que retomemos a consideração inicial de Motta sobre a capacidade das histórias contadas pela mídia, sejam míticas ou não, em reordenar nossa vida social. Motta destaca que ao circular, “a notícia introduz o incomum no universo do comum, introduz o diferente no mundo da estabilidade” (MOTTA, 2002b, p.5), sendo assim geradora de inquietações. Por exemplo, ao relatar um desastre ambiental, um deslizamento provocado pelas fortes chuvas ou a seca no Nordeste, a notícia provoca a sensação de que algo inesperado não deveria ter acontecido, rompendo com o fluxo dos acontecimentos.

Só é notícia aquilo que rompe com a ordem estabelecida, que quebra a natureza ordinária das coisas do mundo da vida cotidiana. Notícia é o incomum, o acidental, o singular, o invulgar, o absurdo, o mundo enfim da indeterminação. (...) Notícia é o incompreendido, o que não dominamos, é o caráter selvagem da vida (MOTTA, 2002b, p.5/6.).

O consumo da notícia agregou-se ao ritmo do mundo da vida do homem moderno, independente do que é veiculado ou consumido, tornando-se um ato culturalmente significativo. As notícias “transformaram-se em uma forma de percepção que organiza o conhecimento social, dota a realidade de passado e futuro e tece uma imagem menos caótica do mundo” (MOTTA, 2002b, p.6). Se a notícia ordena nossa vida social, ela adquire grande poder de influência sobre a forma como vemos determinados fatos e também se torna primordial para que lancemos tal olhar sobre eles. Assim, o valor que a legitima está nela própria e também em nossa vida social, uma vez que ela é uma forma de transmissão cultural que circunda nossa vida. É através dela que o discurso jornalístico tende a dar sentido aos fenômenos (sejam eles provocados pelo homem ou pelas forças da natureza). Sentido que, para Sodré (2009), resulta de uma construção segundo parâmetros jornalísticos de tratamento do fato (apuração, entrevistas, redação e edição de textos), num processo que vai desde “a ocorrência do fato, à busca social de sentido

para ela e, finalmente, a sua neutralização explicativa pela narrativa do acontecimento” (p.71).

O “mundo dos fatos” ou o “estado das coisas”- para Sodré (2009), é o mundo da experiência empírica, do fenômeno que pode ou não acontecer. O autor diz que o acontecimento jornalístico é a sombra projetada de um fato (p.33) e que este ocorre sempre depois do fato, no momento em que há apuração dos detalhes e do público envolvido. Dessa forma, os acontecimentos são retratados, através de pautas ou roteiros fortemente codificados pela produção midiática. É essa marcação (semiótica ou cultural) de um fato que se torna importante em nosso trabalho, para que possamos entender os valores que constituem a notícia.

Para Sodré, o acontecimento midiático é um tema marcado e mais determinante para o sistema da informação pública do que outros tidos como não-marcados. O fato é marcado pelo valor que o sistema de informação atribui a ele, “de acordo com a intensidade de sua marcação, ou seja, de acordo com o que o jornalismo supõe que haja nele, ao mesmo tempo, de mais singular e de maior possibilidade de vinculação com todo o grupo social (SODRÉ, 2009, p.89). Assim, determinadas características dos acontecimentos climáticos podem ser mais marcadas pela mídia, agregando ao clima determinados valores.

Sodré propõe que a marcação do fato faz-se através de um enquadramento que depende de uma certa lógica particular na hierarquização dos problemas e das situações sociais. Para ele, o que ritimiza o cotidiano são as rotinas, inscritas individual e coletivamente na vida social, e os acontecimentos que pontuam – em diferentes escalas de intensidade estas rotinas. A menos que seja imprevisto, o acontecimento pulsa, podendo se tornar um ponto rítmico através da marcação do sistema informativo.

### **3.3 AS NOTÍCIAS COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE**

Foi nos anos 70 que surgiu um novo paradigma nas pesquisas acadêmicas sobre o jornalismo, o qual o vê como construção social da realidade, e a partir da qual partimos para as reflexões deste trabalho. Essa nova fase, segundo

TRAQUINA (2004), rejeita a teoria do espelho<sup>20</sup> ao argumentar que é impossível estabelecer uma distinção entre a realidade e os meios noticiosos que deveriam refleti-la, uma vez que são as notícias que ajudam a construir a própria realidade. A Teoria Construcionista também defende que os meios estruturam a sua própria representação dos acontecimentos, baseados em diversos fatores, desde aspectos organizativos do trabalho jornalístico, às limitações orçamentárias.

Bird e Dardenne (1993) vêem as notícias como uma narrativa representativa da cultura. Para os autores, elas transcendem suas funções tradicionais de informar e explicar, contribuindo para um “sistema simbólico duradouro” (p. 252). As notícias são, assim, uma forma cultural, um produto da cultura, produzidas por “pessoas que operam, inconscientemente, num sistema cultural, um depósito de significados culturais armazenados e de padrões de discursos” (SCHUDSON, 1995, p.14 apud TRAQUINA, 2004, p.171). Elas impõem suposições daquilo que importa e da forma como isso importa, em um determinado tempo e espaço.

A partir dos anos 60 e 70, emergem duas novas teorias que mantêm o paradigma da construção social: a Estruturalista e a Interacionista. Ambas situam o jornalista em seu local de trabalho, considerando as rotinas produtivas, constrangimentos organizacionais, e destacam a importância da cultura jornalística, através dos valores-notícia e da ideologia dos membros da comunidade. É nesse contexto, que se inserem os valores ideológicos da notícia, os quais são nossa principal busca neste trabalho.

Entre os autores que trabalham com a Teoria Estruturalista, podemos destacar as contribuições de Hall (1993), o qual considera as notícias como um produto final de um processo que parte da seleção e escolha sistemática de acontecimentos, de acordo com categorias socialmente construídas. Para ele, um acontecimento só faz sentido se se puder colocá-lo num “âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais” (HALL, 1993, p. 226). Traquina (2004) destaca que para os defensores da Teoria Estruturalista, “o processo de produção das notícias não só pressupõe a natureza consensual da sociedade como sublinha o papel das notícias no reforço da construção da sociedade como consensual” (p.177).

---

<sup>20</sup> Essa é a teoria mais antiga do jornalismo, a qual diz que as notícias são como são porque a realidade assim as determina, e nesse contexto o jornalista é o observador que relata com honestidade e equilíbrio o que aconteceu, sem emitir opiniões pessoais TRAQUINA (2004).

Se os jornalistas não dispuserem do que Hall (1993) chama de mapas culturais, não poderão dar sentido aos acontecimentos. Para que algo se torne noticiável, deve ser trazido ao campo dos significados, os quais são a base do conhecimento cultural que detemos.

A identificação social, classificação e contextualização de acontecimentos noticiosos em termos destes quadros de referência de fundo constitui o processo fundamental através do qual os *media* tornam o mundo a que eles fazem referência inteligível a leitores e espectadores. Este processo de <tornar um acontecimento inteligível> é um processo social- constituído por um número de práticas jornalísticas e específicas, que compreendem (frequentemente só de um modo implícito) suposições cruciais sobre o que é a sociedade e como ela funciona (HALL, 1993, p. 226).

Hall destaca que existimos como membros de uma comunidade, porque supostamente partilhamos conhecimentos culturais em comum, ou seja, partilhamos o mesmo mapa de significados. Assim, quando acontecimentos são delineados pelos meios de comunicação, em determinados enquadramentos de significado e interpretação, supõe-se que possuímos e sabemos usar esses enquadramentos e que eles foram extraídos da mesma estrutura de compreensão para todos os grupos e públicos. Dessa forma, os acontecimentos são para o autor, elaborados através de “explicações, imagens e discursos que articulam o que o público supõe pensar e saber da sociedade” (Ibid., p.227). Nesse contexto o papel da mídia é crucial, pois,

os media definem para a maioria da população acontecimentos significativos que estão a ter lugar, mas também oferecem interpretações poderosas acerca da forma de compreender estes acontecimentos. Implícitas nessas interpretações estão as orientações relativas aos acontecimentos e pessoas ou grupos nelas envolvidos (Ibid., p. 228).

Hall defende que “os meios de comunicação tendem a reproduzir do ponto de vista simbólico, a estrutura existente do poder na ordem institucional da sociedade” (HALL et al,1978, p.58 apud SANTOS, p.29). Para o autor, a preferência dada pelos meios de comunicação às opiniões do poder, aos porta vozes oficiais, resulta no que ele chama de definidores primários dos assuntos ou temas. Partindo da idéia de que os mais poderosos ou com estatuto social mais elevado terão suas

colocações mais bem aceitas. Esses porta vozes estão em condição de acesso ou detêm informação mais especializada sobre temas que a população não têm.

A relação entre as fontes e os jornalistas é a principal divergência entre a teoria Estruturalista (Hall) e Interacionista (Schütz, Berger e Luckmann e Tuchman). Para a Estruturalista, nunca há negociação entre as fontes e o campo jornalístico, sendo esse, um espaço que sempre reproduzirá a ideologia dominante. Já para a teoria Interacionista as notícias resultam de um processo de produção que envolve percepção, seleção e transformação dos acontecimentos em notícia. Embora a rotina jornalística leve a dependência de fontes oficiais, nesse contexto, as fontes não tem o mesmo acesso ao campo jornalístico. Assim, o papel dominante de uma fonte oficial seria resultado de uma ação estratégica.

Ao pensarmos em todo o ato de comunicação, especialmente o midiático, sabemos que não se trata apenas de produção ou recepção de informações. Charaudeau (2006) define bem esse processo ao deixar claro que não se trata somente de transmitir saber, mas de confrontar os acontecimentos que ocorrem no mundo, inteirando-se de sua existência, construindo a esse respeito um certo saber. É preciso levar em conta também que um discurso informativo não tem somente uma ligação com o imaginário do saber, mas também com o do poder, pela autoridade que aquele lhe confere. “Informar é possuir um saber que o outro ignora (“saber”), ter a aptidão que permite transmiti-lo a esse outro (“poder dizer”), ser legitimado nessa atividade de transmissão (“poder de dizer)” (CHARAUDEAU, 2006, p.63).

Segundo o autor, basta que se saiba que alguém tenha a posse de um saber para que se crie um dever de saber, o qual nos torna dependente da fonte de informação. Assim, “as mídias constituem uma instância que detêm parte do poder social” (CHARAUDEAU, 2006, p.63). Para fazer saber ao cidadão o que acontece na vida social, a mídia usa a descrição narração para registrar os fatos do mundo, e a explicação para esclarecer ao destinatário causas e consequências dos fatos. Para Tuchman (1983, p. 36) “a rede informativa impõe uma ordem ao mundo”, ao fazer com que os acontecimentos informativos aconteçam em algumas regiões, mas não em outras.

Para Alsina, a função primordial do jornalismo é fazer saber, e para tal, a mídia propõe um contrato pragmático fiduciário que, segundo o autor, tem a intenção de que “acreditemos que o que eles dizem é verdade, ao mesmo tempo em que nos



pedem que confiemos no seu discurso informativo” (ALSINA, 2009, p.48). Esse contrato garante há anos a legitimação e institucionalização do papel dos jornalistas, e, para que ele seja aceito, está constituído de maneira que pareça um discurso verídico.

O acontecimento, como sugere Sodré, nas palavras de Arquembourg, não está inserido apenas no campo jornalístico, uma vez que imbrica a participação de um público que não é somente o consumidor de informação. “Os jornalistas são apenas uma das várias categorias de atores mobilizadas para a determinação dos fatos e a sua posterior transformação em acontecimento midiático” (SODRÉ, 2009 p.39-40). O jornalista abre mão das aspas para citar depoimentos tácitos e também lança mão de muitos dados para que não haja dúvidas sobre o acontecimento reportado.

Charaudeau (2006) destaca que a mídia tem o domínio sobre a escolha dos atores.

Trata-se de pôr em cena personalidades cuja palavra, por sua função institucional, tem poder de decisão, pondo em evidência o jogo de um espaço político no qual regras e convenções constituem atos destinados, a atingir, idealmente, um objetivo ético: o bem-estar coletivo. Além disso, trata-se de fazer falar aqueles que não têm poder, os representantes do corpo social, cidadãos anônimos, que têm, entretanto, o direito de opinar, pondo em evidência um espaço de discussão no qual se comunica uma palavra crítica, que pode pôr em causa as regras e convenções do poder político, em nome de uma causa ética: justiça e igualdade entre cidadãos (p.196).

Para o autor, a utilização dos informantes pode garantir ou não a credibilidade do que está sendo dito. Essa depende da *posição social* do informador, do *papel* que esse desempenha em situação de troca, a sua *representatividade* no grupo que lidera, além do *grau de engajamento* com a informação.

Se o informante for uma testemunha, ele desempenha o papel de “portador da verdade”, na medida em que sua fala tem o objetivo de dizer aquilo que viu ou ouviu. Os testemunhos são amplamente solicitados porque não são suspeitos de utilizar estratégias de ocultamento ou manipulação. Se o informante é plural, a informação emana de várias fontes. Essa pluralidade desempenha um papel de reforço ou de confronto entre as fontes. O informante também pode ser um organismo especializado, como o caso de centros institucionais, encarregados de

recolher e estocar informações. O informador tem notoriedade, tratando-se de uma pessoa pública, e portanto, diante de sua posição social, não deveria esconder informações de interesse público. No entanto, por tal posição pode-se lhe atribuir intenções manipuladoras que tornam suspeitas suas informações.

Quanto ao grau de engajamento do informador, Charaudeau apresenta duas situações. Na primeira, o informante não explica seu engajamento, e a informação é dada como evidente, sem contestação. Tal postura de apagamento do sujeito produz efeito de objetivação e autenticação. “O sujeito que fala traz uma informação como se a verdade não pertencesse a ele e só dependesse de si mesma. É uma das características do discurso populista” (CHARAUDEAU, 2006, p. 54).

Todas essas reflexões podem nos ajudar a entender os processos sociais articulados para que algo se torne noticiável, para que faça sentido para quem o lê, e também a entender como funcionam os campos de significados do mundo das notícias. Não é nosso objetivo estudar o papel das fontes nessas notícias, mas precisamos ter em mente que elas, ao aparecerem nos conteúdos jornalísticos, ajudam a articular discursos e formas de representação da e para a sociedade. Essas representações, conforme nos lembra Hall, são fundamentais para a definição dos valores-notícia como veremos no capítulo seguinte.

### **3.4 CRITÉRIOS PARA PENSAR OS VALORES-NOTÍCIA**

A noticiabilidade de um fato é influenciada por diversos fatores, tanto ideológicos, quanto culturais ou econômicos. Grande parte desses residem nas próprias características do acontecimento, além de, é claro, nas rotinas produtivas. Para Wolf (1999), a noticiabilidade é constituída pelo

conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirirem a existência pública de notícias (p.190).

É comum empregar-se como sinônimos os conceitos de seleção de notícias e valores-notícia. No entanto, ambos são componentes da noticiabilidade, mas, é necessário distingui-los. Ao selecionar notícias, o jornalista privilegia algumas e mantém na gaveta outras, mas ainda assim, entre as selecionadas, terá que

escolher quais estarão na primeira página ou quais estarão nas páginas internas. Assim, o processo de seleção se estende redação adentro, exigindo que haja uma hierarquização das notícias. Para Silva (2005), é nesse momento que o jornalista recorre aos valores-notícia, os quais agem como uma parte do processo, pois nessas escolhas entrarão outros critérios de noticiabilidade, desde formato do produto, imagens utilizadas, linha editorial, público alvo, entre outros. Também há uma decisão sobre a singularidade, a qual ganhará destaque no *lead*.

Para a autora, os valores-notícia, também chamados de valores informativos ou fatores de notícia, cercam a noticiabilidade do acontecimento levando em conta a “origem do fato, fato em si, acontecimento isolado, características intrínsecas, características essenciais, atributos inerentes ou aspectos substantivos do acontecimento” (SILVA, 2005, p.98). Em nosso estudo buscamos compreender os valores-notícia a partir das definições de Hall (1973), o qual os considera como um mapa cultural, que operam como estrutura de retaguarda social e requerem um conhecimento consensual sobre o mundo (apud PONTE, 2004, p.114). Ou ainda como afirma Hartley (1982), os valores-notícia não são naturais nem neutros, “eles formam um código que vê o mundo de uma forma muito particular (peculiar até). Os valores-notícia são, de fato, um código ideológico” (HARTLEY, 1982, p. 80 apud TRAQUINA, 2001, p. 116).

Para Morley (1981) a ideologia é uma matriz de pensamento enraizado nas formas de nossa vida social, organizada dentro de categorias interdependentes que constitui “uma rede de significados estabelecidos, imbuídos na “atribuição” de acontecimentos aos contextos “relevantes” dentro destes “mapas de significado” culturais pré-estabelecidos” (p.371 apud BIRD e DARDENNE, 1993, p. 276). Nesse sentido, Ponte (2004) destaca que os valores-notícia “não são simples marcas de seleção, mas, mais importante, são marcas de representação” (2004, p.129). Representação, segundo Hall (1997), corresponde tanto ao processo quanto ao produto de fazer com que os signos se refiram a seus sentidos. A representação é o processo social de fazer sentido em todos os sistemas significantes: a fala, a escritura, a imprensa, o vídeo, o filme etc.

Representar é usar a língua/linguagem para dizer algo significativo ou representar o mundo de forma significativa para outrem. (...) A representação é parte essencial do processo pelo qual o significado

é produzido e intercambiado entre os membros de uma cultura (HALL, 1997, p. 11.).

Mas como produzir esse sentido? Representação, segundo o autor, é uma prática central que gera cultura, e a cultura, por sua vez, está relacionada a significados partilhados, que são produzidos através da linguagem. Essa que funciona como sistema de representação. É através dela que damos sentido às coisas, ou seja, a linguagem constrói os significados e o faz porque funciona como sistema de representações. É por meio da construção de significados e das identificações produzidas pelas representações que os indivíduos situam-se no mundo e dão sentido as suas experiências. No ato de representar algo, o indivíduo materializa uma situação simbólica construída a partir de sua percepção do mundo.

É através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como as representamos – que damos significados. Em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos. Em parte damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do cotidiano (Ibid., p.3.).

Essas considerações sobre representação são fundamentais para compreendermos o processo de valoração do clima. Ao vermos os valores-notícia como mapas culturais, como esquemas de representação, devemos entender que eles estão carregados de significados que em parte a mídia atribuiu a eles, e em parte a própria sociedade, ao interagir com eles no espaço social. Para entendermos as práticas de representação é necessário termos em mente que ela liga o significado e a linguagem à cultura. Segundo Hall, a cultura é um conjunto de práticas e tem a ver com o intercâmbio de significados entre os membros de uma sociedade ou grupo.

Dizer que duas pessoas pertencem a uma mesma cultura é dizer que elas interpretam o mundo de maneira mais ou menos parecida e elas podem expressar seus pensamentos e sentimentos concernentes ao mundo, de forma que seja compreendida por cada um. Assim, a cultura depende de que seus participantes interpretem de forma significativa o que esteja ocorrendo ao seu redor, e “entendam” o mundo de forma semelhante (Ibid., p.2.).

Hall (1997) lembra que os significados não estão só na cabeça, eles têm efeitos reais e regulam as práticas sociais. Reconhecê-los faz parte do senso de nossa própria identidade, ao termos a sensação de pertencimento. Já os sinais representam nossos conceitos, idéias e sentimentos de forma que outros decodifiquem ou interpretem do mesmo jeito. Para a interpretação do significado, não há resposta única, mas sim, uma interpretação provável.

Na abordagem Construcionista da representação, em qualquer cultura, há uma grande diversidade de significados acerca de todo e qualquer objeto, e mais de uma forma de interpretá-lo ou representá-lo. “O significado não é direto, nem transparente e não permanece intacto na passagem pela representação. (...) Está sempre sendo negociado e inflectido, para ressoar as novas situações” (HALL, 1997, p.9). Ao pensarmos em relação ao acontecimento climático, sabemos que ele pode adquirir significados diferentes para populações diferentes. Assim, por exemplo, a proximidade geográfica pode ser um valor-notícia deste acontecimento (é um valor que funciona como mapa de representação), que demonstra os significados que esse adquiriu para uma determinada comunidade.

Para entendermos melhor, Hall (1997) nos convida a imaginar um objeto à nossa volta e tentar remeter-se novamente a ele, sem sua presença. A representação é a produção do significado do conceito em nossa mente fazendo uso da linguagem, muito além da existência, de fato, do objeto ou da observação empírica. Sendo assim, há dois processos ocorrendo: primeiramente, o sistema de correlação a um conjunto de representações mentais que possuímos; e, posteriormente, a linguagem, que possibilita a existência do mapa conceitual partilhado, através do qual possamos intercambiar os significados e conceitos.

Devemos aprender a considerar o significado menos em termos de exatidão e verdade e mais em termos de efetivo intercâmbio – um processo de tradução, que facilite a comunicação cultural enquanto sempre reconheça a persistência da diferença e do poder entre os diferentes falantes dentro do mesmo circuito cultural (Ibid., p.10).

Hall (1997) enfatiza que o significado não está no objeto, nem na pessoa, nem na coisa, nem na palavra a qual nos referimos. “Somos nós que estabelecemos o significado de forma determinada, que, em seguida, vem nos parecer natural ou inevitável”(Ibid., p.16). Assim, desde criança nos tornamos sujeitos culturais. O

significado não está na nossa genética, mas nos permite conviver em determinada cultura com outros seres dotados de capacidade de expressão e comunicação.

Esses processos de representação são fundamentais para compreendermos os significados acionados pelos valores-notícia em relação aos acontecimentos climáticos. Lembrando Ponte (2004), eles não são marcas de seleção de notícias, mas mapas de representação, e é a partir desse critério que vamos direcionar nosso estudo. No entanto, antes é preciso entendermos a origem de alguns estudos que apontam uma sistematização de valores-notícia, e a partir desses, definir os que serão úteis para nossa análise.

Os estudos sobre a seleção de notícia são oriundos do conceito de gatekeeper, o seletor de notícia, o que surgiu no estudo de David Manning White nos anos 50, e foi difundido nos estudos acadêmicos de comunicação na década de 60. No entanto, há registros de que a seleção de notícias já era assunto de pesquisas anteriores, como na primeira tese acadêmica sobre jornalismo, apresentada em 1690 por Tobias Peucer. Ele dizia que o que é comum e normal não possui tanto valor informativo e apresentava uma série de acontecimentos que mereciam ser lembrados:

Os prodígios, as monstruosidades, as obras ou os feitos maravilhosos e insólitos da natureza, da arte, as inundações ou as tempestades horrendas, os terremotos, os fenômenos descobertos ou detectados ultimamente, fatos que têm sido mais abundantes do que nunca neste século. Depois as diferentes formas de impérios, as mudanças, os movimentos, os afazeres da guerra e da paz, as estratégias, as novas leis, os julgamentos, os cargos políticos, os dignatários, os nascimentos e mortes dos príncipes, as sucessões de um reino, as inaugurações e cerimônias públicas (...), as obras novas dos homens eruditos, as instituições, as desgraças, as mortes e centenas de coisas mais que façam referência à história natural, à história da sociedade, da Igreja, da literatura: tudo isto costuma ser narrado de forma embaralhada nos periódicos (...) (Peucer, p. 21 apud SILVA, 2005, p. 101).

Em 1959, Fraser Bond elencava uma lista de doze situações relativas aos valores jornalísticos que a notícia pode adquirir, os quais Silva (2005) aponta como:

referente à pessoa de destaque ou personagem público (proeminência); incomum (raridade); referente ao governo (interesse nacional); que afeta o bolso (interesse pessoal/econômico); injustiça que provoca indignação (injustiça); grandes perdas de vida ou bens

(catástrofe); consequências universais (interesse universal); que provoca emoção (drama); de interesse de grande número de pessoas (número de pessoas afetadas); grandes somas (grande quantia de dinheiro); descoberta de qualquer setor (descobertas/invenções) e assassinato crime/violência) (SILVA, 2005, p. 101).

O autor Kaspar Stieler, em 1695 apontava como valores explícitos a novidade, a proximidade geográfica, a proeminência e o negativismo. No século XX, em 1922, Walter Lippmann, elegia como atributos a clareza, surpresa, proximidade geográfica, impacto e conflito pessoal.

Em 1965, Galtung e Ruge realizaram um dos estudos mais citados sobre a imprensa, tomando como ponto de partida os acontecimentos no mundo. Eles sistematizaram doze valores-notícia, os quais podemos elencar como:

- Frequência – A frequência traduz a quantidade necessária para que um determinado evento tenha visibilidade e adquira sentido.
- Amplitude – Refere-se à dimensão e intensidade de um acontecimento, a qual pode variar conforme a cultura e localização geográfica de um evento. Por exemplo, a seca para um morador do nordeste tem um determinado valor diferente do que para um habitante do sul.
- Clareza – Quanto mais claro for o significado de um acontecimento, maiores são as chances de ser noticiado.
- Significância: proximidade e interesse – O acontecimento terá mais impacto quanto maior for a proximidade cultural com a audiência.
- Consonância: expectativa e desejo – este valor está ligado com uma pré-imagem mental daquilo que se percebe e que se espera perceber.
- Imprevisibilidade: o acontecimento mais inesperado tem maior probabilidade de ser escolhido.
- Continuidade – Quando um acontecimento é definido como notícia, então continuará a ser definido como notícia durante certo tempo, mesmo que a amplitude seja drasticamente reduzida.
- Composição – Os acontecimentos são escolhidos de modo a constituir um todo equilibrado.

Galtung e Ruge ainda elegeram fatores culturalmente determinados que influenciam a transição dos acontecimentos para as notícias:

- Referência a nações de elite – Quanto mais um acontecimento diz respeito às nações de elite mais existe a possibilidade de ser representado.
- Referência a pessoas de elite – Valor-notícia da proeminência do ator do acontecimento enquanto pessoa de elite.
- Personificação - As notícias têm tendência para apresentar os acontecimentos como protagonizados por um sujeito, uma determinada pessoa ou coletividade composta por algumas pessoas.
- Negatividade - Quanto mais negativo for o acontecimento, mais provável a sua transformação em notícia.

Na segunda metade do século XX, autores como Mauro Wolf (1999), Manuel Carlos Chaparro (1994), Muniz Sodré (2009), Nelson Traquina (2002), e Nilson Lage (1979), apresentam diversos elencos de valores-notícia.

Wolf (1999) sistematiza como valores a importância do indivíduo (nível hierárquico), influência sobre o interesse nacional, número de pessoas envolvidas e relevância quanto à evolução futura.

Traquina (2002), baseado em Wolf, afirma ser fundamental a distinção entre valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção. Os primeiros referem-se à decisão de escolha dos acontecimentos que serão notícia. Os segundos dizem respeito à redação e edição do material.

Chaparro (1994) elege como valores a atualidade, proximidade, notoriedade, conflito, conhecimento, consequências, curiosidade, dramaticidade, surpresa. Lage (1979) considera como valores-notícia a proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo e identificação humana. Sodré (2009) destaca como valores-notícia das pautas profissionais, a novidade (atualidade), a imprevisibilidade (singularização do relato), a proximidade geográfica do fato (identifica público com notícia), peso social (atenção coletiva), hierarquia social dos personagens (famosos), quantidade de pessoas e lugares envolvidos (magnitude do fato), o provável impacto sobre o público-leitor e as perspectivas de evolução do acontecimento.

Partimos da premissa de que os valores que compõem a notícia, apesar de serem um grupo historicamente definido, variam conforme a cultura, o sistema político, a economia e características de uma região. Traquina ao destacar um estudo dos pesquisadores canadenses Richard Ericson, Patricia Baranek e Janet Chan, publicado em 1987, reitera que, para os autores, os valores-notícia são



“múltiplos, entrecruzados e difíceis de classificar” (TRAQUINA, 2002, p. 182). Sabemos que mapear significados culturais não é uma tarefa fácil, mas reiteramos que não buscamos apenas uma classificação, mas sim os sentidos destes valores-notícia.

## **4. OS ACONTECIMENTOS CLIMÁTICOS E OS VALORES- NOTÍCIA EM ZERO HORA**

Neste capítulo, apresentaremos características do nosso objeto de estudo, o jornal Zero Hora, bem como a entrevista realizada com seu editor sobre aspectos relacionados ao tema. Posteriormente, apresentaremos a metodologia utilizada para definir as matérias da análise e também os valores-notícia escolhidos a partir da análise do jornal e das entrevistas, baseados na literatura.

Para finalizar o capítulo, apresentaremos a análise com base nos valores apresentados.

### **4.1 O OBJETO DE ESTUDO: O JORNAL ZERO HORA**

O jornal Zero Hora (ZH) foi fundado em 4 de maio de 1964 para substituir o diário Última Hora, que foi fechado com o golpe militar.

Em 1970, ZH foi adquirido pelo Grupo RBS (Rede Brasil Sul), uma empresa de comunicação multimídia que opera no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O Grupo fundado por Maurício Sirotsky Sobrinho, em 31 de agosto de 1957, em Porto Alegre, é considerado pioneiro no modelo regional de televisão no País. A RBS é também a mais antiga afiliada da Rede Globo. O Grupo RBS opera diretamente ou por meio de contrato de afiliação com 18 emissoras de TV aberta afiliadas à Rede Globo, 2 emissoras de TV locais, 24 emissoras de rádio, 8 jornais, 7 portais de internet. Também fazem parte do conglomerado uma editora (RBS Publicações), uma gravadora (Orbeat Music), uma empresa de logística (viaLOG), uma empresa de marketing e relacionamento com o público jovem (Kzuka) e uma fundação (Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho). Nas mídias tradicionais, é líder de mercado no Rio Grande do Sul e Santa Catarina em todos os segmentos em que atua. Com mais de 6 mil colaboradores, é o segundo maior empregador de jornalistas do país e possui sucursais multimídia e escritórios comerciais no Paraná, em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Distrito Federal, em Minas Gerais e no Mato Grosso do Sul.

Em 1965, ZH introduziu novidades e uma delas foi a criação do Caderno 2, espaço exclusivo às matérias de variedades. A partir de 1966, o jornal passou a reforçar a colaboração com a Rádio Gaúcha e a Televisão Gaúcha nas coberturas

jornalísticas e promoções em geral. Em 1975, ZH tornou-se o jornal de maior venda avulsa do Sul do país.

O jornal Zero Hora é um dos maiores jornais de circulação diária do Brasil, ocupando a 7ª posição nacional. Ele é editado em Porto Alegre e mantido pelo Grupo Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS). A partir dos anos 80, sofreu transformações gerenciais, com a colocação de executivos “do mundo dos negócios” na gestão. Após isso, passou por mudanças no perfil do editor e na parte gráfica, que sinalizam fatores responsáveis pela expansão do jornal. Em 2007, passou a publicar na internet notícias atualizadas 24 horas por dia e mais a versão impressa do periódico. Em 19 de setembro de 2007, o Grupo RBS lança o portal Zerohora.com, repaginando seu layout, e investe na ampliação da equipe editorial, podendo assim gerar notícias 24 horas por dia na versão online do jornal. Esse modelo implantado já vem sendo utilizado por alguns jornais no país como a Folha de São Paulo e Estadão, por exemplo. Outra novidade é a possibilidade de ler o jornal online nas páginas diagramadas, podendo também folheá-las através do recurso *flip*.

Zero Hora tem uma tiragem de 184.663 exemplares<sup>21</sup> e conta atualmente com as editorias de Geral, Mundo, Economia, Polícia, Política, Esportes, Segundo Caderno e Opinião. Os cadernos especiais são editados semanalmente ou mensalmente, entre eles: Donna ZH, TV + Show, Empregos & Oportunidades, Meu Filho, Globaltech, Viagem, Casa & Cia, Digital, Vestibular, Gestão, Sobre Rodas, Ambiente, Gastronomia, Patrola, Campo & Lavoura, Vida, Cultura e Nosso Mundo Sustentável.

A redação de Zero Hora conta com uma equipe de cerca de 120 profissionais distribuídos em categorias como, repórteres, redatores, fotógrafos, diagramadores, subeditores, editores, chefes de reportagem, pauteiros, editorialistas, secretário de redação, editor-chefe etc. Os produtores de notícias distribuíam-se entre as funções executivas da redação e as editorias (política, economia, geral, esportes, polícia, cultura, nacional, internacional, fotografia, segundo caderno etc.). A estrutura da redação obedece à seguinte hierarquia: editor-chefe (equivalente a diretor de redação), secretário de redação, editores,

---

<sup>21</sup> Dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC) relativos ao ano de 2010.

chefes de reportagem (por editoria), pauteiros, redatores (ou copidesques), repórteres, fotógrafos e diagramadores.

Como nossa busca passa por todas as editorias do jornal, consideramos interessante realizar uma entrevista com o editor chefe de Zero Hora, o jornalista Altair Nobre, para entendermos como o jornal aborda e compreende aspectos relacionados ao tema. Duarte (2005) reitera que a utilização de entrevistas permite identificar as diferentes maneiras de percepção e descrição dos fenômenos.

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações do que se deseja conhecer (DUARTE, 2005, p.62).

Dessa forma, os dados não são apenas colhidos, mas sim resultantes de interpretação do pesquisador. Nesse percurso, segundo Duarte (2005), as perguntas permitem explorar assuntos, descrever processos e fluxos, compreender o passado e fazer perspectivas. Em nosso trabalho procuramos refletir sobre como jornalistas e meteorologistas interagem ao abordar o assunto clima, conforme já mencionamos no capítulo 2, bem como entender com o próprio jornal costuma lidar com o tema em suas rotinas produtivas.

Em entrevista concedida para a pesquisa, o editor-chefe de ZH, Altair Nobre<sup>22</sup>, relata que o clima é um assunto que tende a ter ampla cobertura em Zero Hora pelo fato dele estar entre os 10 maiores jornais do país, localizado em um estado com clima não tropical, sendo assim, a exceção no Brasil. Com esse clima, o Rio Grande do Sul registra grandes instabilidades meteorológicas, se comparado à outras áreas do país, fazendo com que o assunto meteorologia tenha mais relevância para sua população. “Aqui cobrir a área de clima e de meteorologia é quase ou mais importante que cobrir a política em Brasília, por exemplo”, compara Nobre.

O editor explica que o jornal tem como regra cobrir o assunto sob diversas abordagens. Questões científicas relacionadas às mudanças climáticas e recursos

---

<sup>22</sup> Altair Nobre, editor chefe do Jornal Zero Hora, em entrevista realizada pela autora com o profissional no dia 12 de setembro de 2011, na Sede do Jornal do Grupo RBS, em Porto Alegre.

naturais utilizados na tentativa de minimizar o problema costumam ganhar mais enfoque no caderno “Nosso Mundo Sustentável”, publicado toda as segundas-feiras, com 8 páginas. Já diante de grandes eventos meteorológicos, ZH prioriza o assunto no primeiro caderno, dedicando espaços nobres da Editoria Geral. O editor também destaca que ZH utiliza muito as edições dominicais para publicar reportagens especiais sobre o assunto. “Geralmente, o assunto mudanças climáticas para Zero Hora merece matérias especiais e elas coincidem com as edições dominicais que é a edição que tem maior tiragem e maior visibilidade”- explica Nobre.

As preocupações em qualificar a discussão, através de reportagens especiais, provêm, segundo o editor, do fato de que a sociedade está dando mais importância ao tema. Assim, ZH procura atender a essa demanda de informação em diferentes editorias, por acreditar que as mudanças climáticas influenciam todo o jornal. Nobre ressalta que, pelo assunto já ser prioridade na agenda mundial, há fatos que ocorrem em função disso, como é o caso da revolução na indústria automotiva, que acaba sendo contemplada na editoria de carros.

Outra preocupação do jornal em relação ao tema diz respeito à linguagem utilizada pelos jornalistas. Nobre considera o assunto de difícil cobertura. Para ele é fundamental que o jornalismo tente ser didático para mostrar às pessoas o que está se discutindo. A utilização de infográficos, por exemplo, é apontada pelo editor como fundamental na descrição de fenômenos climáticos, principalmente para uso nas escolas. “A gente procura acompanhar esse assunto não em linguagem ‘ecologisês’, mas sim, mostrando para as pessoas realmente o impacto que isso tem na vida, quais os riscos, como lidar com isso, quais são as alternativas”.

Transformar o assunto científico em uma linguagem acessível ao público é um desafio, que na opinião do editor, precisa ser superado, inclusive em ZH. Ele conta que o jornal dispõe das orientações de meteorologistas<sup>23</sup>, as quais são de fundamental importância, pois ajudam a redação não só da ZH, mas de todos os jornais do grupo, a serem corretos, adequados e não cometerem impropriedades ao lidar com o tema meteorologia. No entanto, mesmo com a ajuda dos especialistas, o jornal entende que há necessidade de que o repórter que trabalhe com a cobertura do clima seja especializado no assunto meteorologia.

---

<sup>23</sup> A previsão meteorológica do grupo RBS é fornecida pela empresa SOMAR. O Grupo possui dois meteorologistas (Cleo Kuhn e Estael Sias) responsáveis por interpretar os fornecidos pela SOMAR e repassá-los para as centrais de jornalismo de todo o grupo.

A tendência no caso da Zero Hora é de fato ter um jornalista que seja uma referência em meteorologia. Não basta a gente ter o meteorologista dentro do grupo, a gente precisa ter também jornalistas, pelo menos um, que seja especializado, focado no assunto. Ele não vai ser meteorologista, mas sim o cara que está focado no assunto, que na hora de editar a matéria vai poder dizer: olha, o que está acontecendo hoje é inédito, ou mais forte daquilo que ocorreu há duas semanas. Ele ajuda até enxergar a notícia, que às vezes o meteorologista não enxerga por estar dentro da análise do sistema, no qual, para ele tudo é muito previsível. Aí precisa do olhar do jornalista pra dizer: isso é curioso, isso que está acontecendo é precioso jornalisticamente<sup>24</sup>.

Para o editor, é preciso que haja meteorologistas dispostos a “traduzir a informação” com riqueza de detalhes e também que haja jornalistas mais capazes de filtrar esses detalhes, sabendo diferenciar o que o fenômeno apresenta de diferente em relação a outro que ocorreu um dia antes, por exemplo.

O editor também destaca que ZH está realizando uma pesquisa para acompanhar o nível de precisão da informação meteorológica da página de previsão do tempo, bem como buscando opiniões sobre o que é necessário melhorar. A previsão meteorológica, para o editor de ZH, é principalmente para o leitor, para o ouvinte e para o telespectador muito importante, em função da instabilidade climática do estado registrar “as 4 estações em um só dia”.

A gente tem consciência que o próprio texto do abre da página do tempo precisa ser mais qualificado. Estamos trabalhando nisso, porque sabemos que o nível de qualidade que precisamos entregar em termos de meteorologia precisa ser maior que o atual.<sup>25</sup>

Qualificar a informação é importante, segundo o editor de ZH, para que haja uma evolução na sociedade sobre as discussões e compreensões dos fenômenos meteorológicos. É nesse contexto, que para o jornalista, o papel dos órgãos de imprensa deva ser o de qualificar essa informação, para que a população possa cobrar das autoridades planos emergenciais e de prevenções. É papel do jornal também cobrar que os Institutos tenham a aparelhagem de acordo com a necessidade da população. “O campo, o agronegócio, precisa muito da

---

<sup>24</sup> Altair Nobre, editor chefe do Jornal Zero Hora, em entrevista realizada pela autora com o profissional no dia 12 de setembro de 2011, na Sede do Jornal do Grupo RBS, em Porto Alegre.

<sup>25</sup> Ibid.

meteorologia. Uma previsão bem feita significa dinheiro, um dinheiro que deixa de ser perdido. Um bom serviço meteorológico é um bom negócio pro usuário” – complementa Nobre.

O jornalista também avalia que com o desenvolvimento da internet, há uma necessidade de mudança nas informações meteorológicas no jornal impresso, uma vez que se pode acompanhar em tempo real o fenômeno atmosférico. “Com a profusão dos meios, redes sociais, internet, TVs, o leitor tem a possibilidade de estar em Porto Alegre acompanhando um furacão na costa dos EUA”. Zero Hora também considera importantes os produtores de conteúdo de informação. Trata-se de leitores que enviam conteúdo sobre os fenômenos. O jornal abriu um espaço chamado *De olho no tempo*, para que o leitor envie fotos do tempo em sua cidade.

Essa interação com o leitor também ajuda na disseminação das informações climáticas. O editor de ZH avalia que a população ainda não compreende bem os fenômenos meteorológicos. Ele cita como exemplo a reação dos leitores diante de uma cobertura de ZH sobre o avanço de um ciclone poderoso. “A reação da população foi desproporcional ao tamanho do *lead* da época. As pessoas ficaram apavoradas”- conta Nobre. Diante dessa reação, o jornal percebeu que enquanto avançava em termos de dominar o que era a meteorologia, a população ainda estava atrasada em compreender os fenômenos. Assim, é preciso certo didatismo para trata o assunto, na opinião de Nobre.

O editor considera fundamental que a cobertura também aborde a questão de uma forma mais humana, aproximando-se da rotina do leitor, para que a população se sensibilize diante dos eventos climáticos. “É uma maneira do leitor sentir, identificar, saber a dimensão da seca na comunidade, o quanto a seca, de fato, prejudica uma família e a partir daí discutir como cobrar irrigação, saber se a grana chegou, se não chegou, onde está parada”- afirma Nobre.

Essa abordagem mais humana é necessária, segundo Nobre, porque a relação que as pessoas têm com fenômenos naturais é uma questão mais antropológica do que política e ideológica. “A gente se acostumou a lidar com o tempo de uma maneira muito pessoal. O assunto chuva e sol é o mais presente na vida das pessoas, é uma companhia eterna, permanente. Então essa intimidade também se manifesta no jornal” – afirma Nobre. O jornalista reconhece que a imprensa, de um modo geral, está muito mais proativa em buscar os responsáveis

pelos impactos que as tragédias meteorológicas causam, no entanto, admite que o jornal não pode ignorar a emotividade que também está presente nessa relação.

## **4.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS PARA ANÁLISE DO JORNAL ZERO HORA**

Nossa amostra de pesquisa é constituída de 41 edições publicadas ao longo dos meses de dezembro de 2010, janeiro, fevereiro, março, abril e maio de 2011. A escolha desses meses deu-se em função de três características que estabelecemos. Achamos importante contemplar a mudança das estações do ano, as catástrofes climáticas e também a rotina. Buscamos localizar meses que caracterizam mudanças de estação (verão em dezembro e outono em maio), meses que registraram catástrofes históricas (em janeiro o maior deslizamento da história do país e em março enchentes em São Lourenço do Sul no Rio Grande do Sul) e meses de rotina (por exemplo, fevereiro marca o período de férias e viagens; e abril marca um período de normalidade e retorno à rotina). Escolhemos uma seqüência de sete edições em cada um destes meses (24 a 30 de dezembro (24 e 25 é uma edição conjunta); 11 a 17 de janeiro; 7 a 13 de fevereiro; 11 a 17 de março; 23 a 29 de abril; 1a 7 de maio), de acordo com acontecimentos que caracterizaram estes períodos.

Aplicamos na pesquisa de arquivo digital de Zero Hora, no período, uma busca a partir das palavras chaves: chuva, sol, calor, frio, seca, enchente, clima, tempo, nevasca, névoa, catástrofes naturais, deslizamentos e temperatura, para assim, localizarmos assuntos que remetam ao clima em todas as editorias de Zero Hora. Após localizarmos as matérias (90 acontecimentos), partimos para um estudo do conteúdo, avaliando a editoria em que a matéria foi publicada, apontando os valores-notícia que a justificam.

Analisamos as edições referentes a uma semana nos meses de dezembro de 2010, janeiro, fevereiro, março, abril e maio de 2011, totalizando 41 edições. Localizamos, através das palavras chaves, 164 páginas enfocando 90 acontecimentos climáticos, organizadas em tabela que consta no Apêndice 1 deste trabalho.

Ao analisarmos as editorias, percebemos que não há um espaço específico em ZH que trabalhe com pautas ambientais na rotina diária, mas sim um caderno intitulado “Nosso Mundo Sustentável”, encartado todas as segundas-feiras, voltado



para a sustentabilidade e problemas relacionados ao meio ambiente. No entanto, cabe ressaltar que no período analisado encontramos 6 edições do caderno, mas nenhuma delas abordou acontecimentos climáticos.

Com base na literatura exposta no capítulo anterior, na pesquisa das matérias e nas entrevistas realizadas com profissionais sobre o tema, construímos a tabela abaixo para operacionalizar a reflexão dos valores-notícia, a partir do nosso problema de pesquisa.

Tabela 1 - Valores-notícia e subvalores para análise dos textos em Zero Hora

<b>Valores-notícia</b>	<b>Subvalores</b>
Importância	- consequência - amplitude e/ou impacto - intensidade ou gravidade - utilidade / serviço
Atualidade	
Excepcionalidade	- mudança - inesperado
Emoção / Dramaticidade	
Negatividade	- morte - destruição
Proximidade	

Após a seleção dos textos e a escolha dos valores-notícia vamos apresentar a seguir o que cada um desses valores representa, para posteriormente apresentarmos a análise dos valores presentes nos textos encontrados em Zero Hora.

#### **4.3 OS VALORES-NOTÍCIA E SUBVALORES**

Em nosso estudo consideramos os valores-notícia como mapas culturais (Hall 1973), ou como um código que nos permite ver o mundo de uma forma particular (Hartley 1982), conforme vimos no capítulo anterior. Para compreendermos de que forma esses valores atuam ou se constituem como tais, é preciso entendermos os discursos fundadores dessa lógica e como o jornalismo a alimenta.

Os princípios e finalidades do jornalismo, para Kovach e Rosentiel (2003), definem-se a partir do efeito das notícias na vida das pessoas. O conhecimento do

desconhecido traz segurança às pessoas, permitindo que elas planejem e administrem suas vidas. Assim, o jornalismo através da notícia tem o poder de reordenar nossa vida.

Segundo historiadores, à sua época, antigos governantes usavam a informação para manter unidas suas sociedades. A democracia grega, por exemplo, apoiava-se em um jornalismo oral no mercado de Atenas, onde tudo que era importante para o interesse público ficava exposto ao ar livre. O sociólogo francês Gabriel Tarde (1901 apud PONTE, 2004) na obra *A Opinião e as Massas* introduziu o conceito de *público* (grifos da autora) como uma nova forma de coesão entre indivíduos fisicamente separados, mas que partilham os mesmos interesses. Tarde (1901) salientou características discursivas da imprensa marcadas pela proximidade da conversação familiar oriundas da carta familiar, a qual, por sua vez, procedia da conversa. Nesse contexto, o jornal constituía um espaço de conversação pública.

O moderno jornalismo surgiu no início do século XVII em lugares públicos, como os cafés de Londres, ou em “casas públicas” nos Estados Unidos. Os donos de bares estimulavam os viajantes a contarem o que haviam visto ou ouvido, e depois transformavam as estórias em livros que ficavam disponíveis nos estabelecimentos.

As características que deram origem ao jornalismo são importantes porque definem os valores sobre os quais ele se desenvolveu. Ele surgiu imbricado a aspectos e processos sociais, econômicos, culturais e políticos que influenciam seus valores. Por que uma notícia é importante, o que a caracteriza como nova, por que determinados fatos são de interesse público e outros de interesse do público, são questões que apresentaremos a seguir.

Para compreendermos a temporalidade jornalística, é preciso observarmos as qualidades temporais que tornam um fenômeno noticiável. Segundo Franciscato (2005), com a evolução do jornalismo, a sociedade passou a desenvolver um apetite pelas notícias, e essa “sede insaciável dos leitores por saber coisas novas” (p.190) alimentou um processo emergente de produção noticiosa.

Na época em que a sociedade conhecia o mundo a partir dos relatos dos viajantes, o frescor das notícias trazia um caráter de deslumbramento pela capacidade de ter acesso a situações distantes ocorridas num tempo presente como se fossem simultâneas. Atualmente, produzir notícias frescas significa operar diversos recursos e situações em que é necessário reconhecer o aspecto do novo

em um evento, assim como captar novas situações, no caso de eventos que se prolonguem por vários dias.

É fundamental observarmos também, conforme nos sugere Franciscato (2005), que a temporalidade jornalística é uma “prática social que contribui para sedimentar a experiência da vida pública em um tempo e um espaço definidos, seja construindo sentidos de imediaticidade ou estabelecendo agendas dos temas considerados relevantes para a sociedade” (p.189). O sentido temporal dos acontecimentos é usado para ordenar o nosso passado e futuro. Publicar notícias climáticas em um “tempo” em que a sociedade deve estar em alerta para os efeitos das mudanças no clima, pode definir agendas, instaurar reações de medo ou de ação no espaço público social. No entanto, é preciso lembrar como nos diz Hall, que um acontecimento só passa a fazer sentido, se inscrito num âmbito de identificações culturais e sociais partilhadas tanto pelos jornalistas como pelo seu público.

É interessante pensarmos no tempo de cobertura jornalística de problemas como desastres, conforme nos sugere Ponte (2004), baseada em um estudo do investigador Paul Stryckmam sobre a seca no Saara nos anos 70 e 80. Segundo o estudo, há diferentes registros de tempo: o de antecipação, que prevê alertas e evoluções das ocorrências, a fim de diminuir o seu impacto; tempo de coincidência que mostra os impactos da passagem do fenômeno, utilidades e avaliações; e tempo de balanço, que mostra o final do perigo. Segundo o autor, há uma tendência na cobertura em concentrar-se no evento em si e na sua construção sob uma lógica de fatalidade, do que em contextualizar os fatores de ordem social e econômica.

Essa contextualização torna-se fundamental se levarmos em consideração um dos princípios fundamentais do jornalismo que é seu compromisso com o interesse público. O próprio código de ética da profissão prevê que cabe ao jornalismo divulgar informações com finalidade ao interesse social e coletivo. Para Kovach & Rosentiel (2003) a finalidade do jornalismo “é fornecer às pessoas as informações que precisam para entender o mundo” (p.226).

A *importância* de um acontecimento pode ser expressa pelas *consequências* que um acontecimento acarreta, pela *amplitude* e/ou *impacto* (dimensão do acontecimento), pela *intensidade* ou *gravidade* (expressa pelas quantidades, exageros) e pela *utilidade* ou *prestação de serviço*. Em nossa análise, consideramos como *utilidade/serviço* as notícias destinadas exclusivamente a prestar serviço, trazendo tabelas, informações, dados, etc.

Outro valor-notícia utilizado em nossa análise é o da *excepcionalidade*, o qual se refere a fatos incomuns que representam ruptura. Sabemos que é característica intrínseca do acontecimento, como vimos na literatura, provocar rompimentos. Esses podem dar-se através dos subvalores *mudança*- algo que modifica o rumo de algo e *imprevisibilidade/inesperado/surpresa*, relativos a imprevistos que contrariem expectativas.

Esses imprevistos também podem ser caracterizados pelo valor da negatividade, o qual expressar-se pela morte ou destruição e também pode estar associado a objetos inanimados. A negatividade, para Van Dijk (1998), desempenha um papel central no processamento da informação social, emocional, e cognitiva do leitor. O autor, através da psicanálise, entende que a negatividade pode ser apreciada como “expressão dos nossos próprios receios, e o sofrimento dos outros pode significar tanto tensão como alívio” (PONTE, 2004, p. 127), dependendo da forma como o leitor estiver envolvido com o acontecimento.

Galtung e Ruge destacam que a negatividade tem maior reconhecimento socialmente do que a positividade porque há menos consenso sobre o que são eventos positivos. Os acontecimentos negativos são mais raros e inesperados que os positivos, diante de uma cultura positivista, na qual as mudanças positivas são consideradas normais.

Segundo Van Dijk (1988 apud PONTE 2004), a notícia é consonante com normas e valores socialmente partilhados. Assim, é de maior aceitação uma notícia consonante com a atitude de jornais e leitores, ou seja, com o consenso ideológico de uma sociedade ou cultura. Quando disso desse quadro dominante, tem menos chance de aparecer, exceto se configurar esquemas negativos sobre o que ou quem representa e se sua descrição for conseqüente com esses esquemas.

Outro valor importante para nossa análise é o da *proximidade*, o qual pode ser expresso em relação à localização geográfica ou cultural. A preferência pelo local, não só geográfico, mas o local onde se vive, é um importante fator para garantir o vínculo entre o jornal e seu público. A linguagem utilizada pelo jornal também pode garantir a proximidade. O discurso direto, por exemplo, em diversas vezes, é utilizado para marcar a oralidade. Ao dar a palavra ao leitor, o jornal reconstitui a fala da maneira como ela ocorreu, eximindo-se de qualquer responsabilidade. Ele transmite, assim, determinadas situações similares àquela vivida, como se as pessoas estivessem presentes no texto.

Ao mostrar os impactos de um determinado acontecimento na vida de uma pessoa comum e utilizar seus testemunhos, o jornal gera uma aproximação com o leitor. No entanto, optar exageradamente pela declaração dos testemunhos em detrimento da fonte oficial, não garante que o tema seja esclarecido, pois a informação pode ficar restrita superficialmente a dramaticidade e não atingir o objetivo de compreensão dos fatos. Diante de acontecimentos relacionados às catástrofes ambientais, é fundamental procurar quem possa propor soluções para o problema.

A utilização de personagens pelo jornal também gera proximidade, além de humanizar o relato, ao apelar à emoção para relatar histórias dos personagens ou vítimas. Ao destacar determinadas características dos envolvidos, como nome, idade, profissão e hábitos, o jornal personaliza uma história, podendo essa ser até a abertura de uma reportagem ou toda ela. No entanto, se esse processo de individualização ficar restrito apenas a vida privada, os problemas sociais podem ser representados de tal forma que exaltam somente demandas individuais. Isso leva ao que alguns autores chamam de fenômeno de singularização extrema, o qual pode ser observado quando a presença da singularidade é tão intensa que o fato perde em contextualização.

o critério jornalístico de uma informação está indissolúvelmente ligada à reprodução de um evento pelo ângulo de sua singularidade. Mas o conteúdo da informação vai estar associado (contraditoriamente) à particularidade e universalidade que nele se propõem, ou melhor, que são delineadas ou insinuadas pela subjetividade do jornalista. O singular, então, é a forma do jornalismo, a estrutura interna através da qual se cristaliza a significação trazida pelo particular e o universal que foram superados. O particular e o universal são negados em sua preponderância ou autonomia e mantidos como o horizonte do conteúdo (GENRO, 1987, p. 163).

Para Amaral (2006), em notícias desse tipo “há um apagamento do caráter sócio-histórico dos fatos sociais, ou seja, eles são apresentados como problemas individuais e perdem a cadeia lógica que os relacionam” (p.65). Em relação a isso, Fowler (1991 apud PONTE 2004) também ressalta que a obsessão por pessoas serve para contornar discussões sérias sobre fatores sociais e econômicos “atuando como um aspecto de uma ideologia hegemônica de representação” (p.127).

Também nesse sentido, Ponte reitera que a personalização é importante para o trabalho jornalístico, no entanto, é preciso questionar seus limites e interesses estratégicos, na medida em que o jornalismo utiliza a singularidade e a proximidade que podem levar ao ocultamento do particular e universal.

A humanização do relato jornalístico é fundamental, desde que as histórias sejam contextualizadas. Um dos grandes desafios do jornalismo, segundo Amaral (2006) é “tratar da condição humana e colocar as pessoas em primeiro lugar, sem desligá-las do aparato social” (p.125). Para a autora, cabe ao jornalismo, por excelência, dedicar-se ao interesse público e não ao gosto do público. As notícias devem, assim, remeter o interesse particular manifestado pelo leitor a um contexto amplo, não a um super dimensionamento dos fatos somente na perspectiva dos indivíduos.

A personalização também pode associar-se ao valor da dramatização ou emoção. Esse costuma dar impacto às notícias e normalmente está ligado a história de personagens ou vítimas, expressando sentimentos ou narrando trajetórias de vida. De acordo com Langer (1992 apud PONTE 2004), para que uma notícia constitua boas vítimas é necessário que ela coloque o leitor num lugar de envolvimento e não de espectador. O autor considera boa vítima a pessoa/personagem com a qual cada um possa compadecer-se ou identificar-se. Para que isso aconteça é preciso que a história da notícia rapidamente incorpore uma maneira de o leitor entrar em relação com os envolvidos no evento.

Esse pode ser o caso das descrições jornalísticas de acontecimentos inesperados e fora da ordem do controle humano, como as catástrofes, por exemplo, as quais costumam ir além do registro do fato, atuando como processos de identificação do leitor. Para Ponte (2004), essa identificação dá-se quando se acentua o lado comum das pessoas envolvidas, descrevendo particularidades arbitrárias ou detalhes bibliográficos, “eliminando ou limitando a intervenção humana na ação por uma diversidade de processos discursivos” (p. 40). A autora cita como exemplos a atribuição de poder ou ações a objetos inanimados. No caso dos acontecimentos climáticos, podemos citar como exemplos as expressões “chuva mata”, ou “natureza castiga”. Assim, são construídas histórias de fatalidade que operam numa lógica melodramática. A repetição desse tipo de ocorrência para a autora cria um efeito de série, contribuindo para a preponderância de um universo mítico e de uma vontade externa, considerada a toda poderosa, a do destino.

É importante lembrarmos que não cabe ao jornalismo gerar sensações, mas sim produzir conhecimento. Sabemos que existem acontecimentos que carregam grandes proporções de tragicidade e dramaticidade, mas, no entanto, não cabe ao jornalismo reforçar esses aspectos com adjetivos, apenas descrever o fato. Conforme reitera Amaral, “carregar nas tintas de uma notícia ou história não faz com que ela seja mais bem compreendida e em nada contribui para solução do problema” (p.120). É preciso também que o jornalista tenha respeito pelo sofrimento alheio, não forçando as pessoas a fazer declarações dramáticas.

#### **4.4 A ANÁLISE DOS ACONTECIMENTOS CLIMÁTICOS EM ZERO HORA**

Nas 41 edições analisadas, coletadas no período de 24 a 30 de dezembro de 2010; e em 2011- de 11 a 17 de janeiro, 7 a 13 de fevereiro, 11 a 17 de março, 23 a 29 de abril, 1 a 7 de maio de 2011- encontramos 164 páginas em que o clima ganha destaque em reportagens especiais, notas, entrevistas e notícias, totalizando 90 acontecimentos. Para identificarmos os valores, realizamos uma leitura completa em toda a cobertura direcionada ao acontecimento retratado na edição. Por exemplo, na cobertura especial de um deslizamento em Igrejinha, edição 25/04/11 (Anexo A) encontramos duas páginas que descrevem o acontecimento com um texto de abertura, infográficos, notas e boxes com a história das vítimas. Nessa cobertura, o valor dramaticidade pode aparecer, tanto nos títulos, como nas notas ou boxes. No entanto, para fins de análise não consideramos a repetição dos valores dentro do mesmo acontecimento. Somente o consideramos em relação a toda a cobertura.

Nosso objetivo não é classificar os gêneros dos textos, nem a quantidade de tipos textuais presentes nas edições, mas sim, apresentar as editorias em que eles aparecem e os valores aos quais eles remetem. Após o mapeamento dos acontecimentos climáticos disposto no Apêndice 1 deste trabalho, podemos inferir que a editoria que apresenta mais acontecimentos climáticos é a do Tempo (presente em todas as edições), seguida da Geral (25 edições), Especial (13 edições), Mundo (3 edições), Economia (3 edições) e Campo e Lavoura (2 edições). Isso revela-nos um dado interessante, pois os assuntos relacionados ao tempo e ao clima não ocupam mais somente a página da previsão do tempo, a qual é fixa em todas as edições, ocupando um espaço maior na editoria Geral, por exemplo.

Para entendermos as características dos 90 acontecimentos mapeados nas 41 edições, separamos inicialmente a relação dos valores encontrados nas 164 páginas incluindo as 41 páginas de previsão do tempo. Na Tabela 2 apresentamos a ocorrência dos valores-notícia nos 90 acontecimentos encontrados.

Tabela 2- Presença dos valores-notícia nos 90 acontecimentos

<b>Valores-notícia</b>	<b>Ocorrências/ Percentagem</b>
Importância (subvalores: - consequência; - amplitude e/ou impacto; - intensidade ou gravidade; - utilidade / serviço)	78 (86,7%)
Atualidade	44 (48,9%)
Excepcionalidade (subvalores: -mudança; - inesperado)	41 (45,6%)
Proximidade	28 (31,1%)
Negatividade (subvalores: -morte; -destruição;	25 (27,8%)
Emoção / Dramaticidade	21 (23,3%)

Como podemos observar há um predomínio do valor *Importância*, principalmente em função das páginas de previsão do tempo. Assim, para melhor compreendermos as características dos acontecimentos mapeados nas 41 edições, separamos a mostra das páginas de previsão do tempo das demais, pois essas apresentam o subvalor *utilidade* em todas as edições analisadas. Essa repetição poderia inflacionar o valor importância e mascarar os demais valores em relação àqueles que não aparecem diariamente. Assim, dos 90 acontecimentos relacionados ao clima e mapeados em ZH, 41 referem-se aos dados meteorológicos presentes nas páginas de previsão do tempo, que apresenta exclusivamente uma prestação de serviço ao usuário. Para fins de análise dos valores na Tabela 3, e nos gráficos que apresentaremos a seguir, consideramos apenas os demais 49 acontecimentos da mostra (num total de 90, 41 referem-se à página previsão do tempo).



Tabela 3- Presença dos valores-notícia nos 49 acontecimentos (excluída a previsão do tempo)

Valores-notícia	Ocorrências/percentagem
Atualidade	44 (89,8%)
Importância (subvalores: - consequência; - amplitude e/ou impacto; - intensidade ou gravidade; - utilidade / serviço)	42 (85,7%)
Excepcionalidade (subvalores: -mudança;- inesperado)	41 (83,7%)
Proximidade	28 (57,1%)
Negatividade (subvalores: -morte; - destruição)	25 (51,0%)
Emoção/Dramaticidade	21 (42,9%)

Posteriormente, fizemos uma análise qualitativa de cada um desses valores. É importante ressaltarmos que as matérias podem ter diversos valores-notícia no mesmo texto. Por exemplo, o acontecimento que denota valor de *consequência* (subvalor de *importância*) pode também denotar o *inesperado* ou a mudança (subvalores da *excepcionalidade*). O que remete a *excepcionalidade* também pode estar ligado à *negatividade*, com *mortes* ou *destruições* como consequências do *inesperado* ou da *mudança*. No entanto, o *inesperado* também pode ser um valor, a partir de *mudanças* associadas à algo positivo, impactante ou intenso.

Na Figura 1 apresentamos um resumo geral dos percentuais de valores e seus subvalores encontrados nos 49 acontecimentos. A seguir descreveremos a características de cada um dos valores encontrados<sup>26</sup>.

<sup>26</sup> Optamos por apresentar na análise somente alguns exemplos de títulos, depoimentos e trechos das matérias encontradas para ilustrar a forma como percebemos os valores dos acontecimentos descritos no jornal, para que os exemplos não se tornassem redundantes.

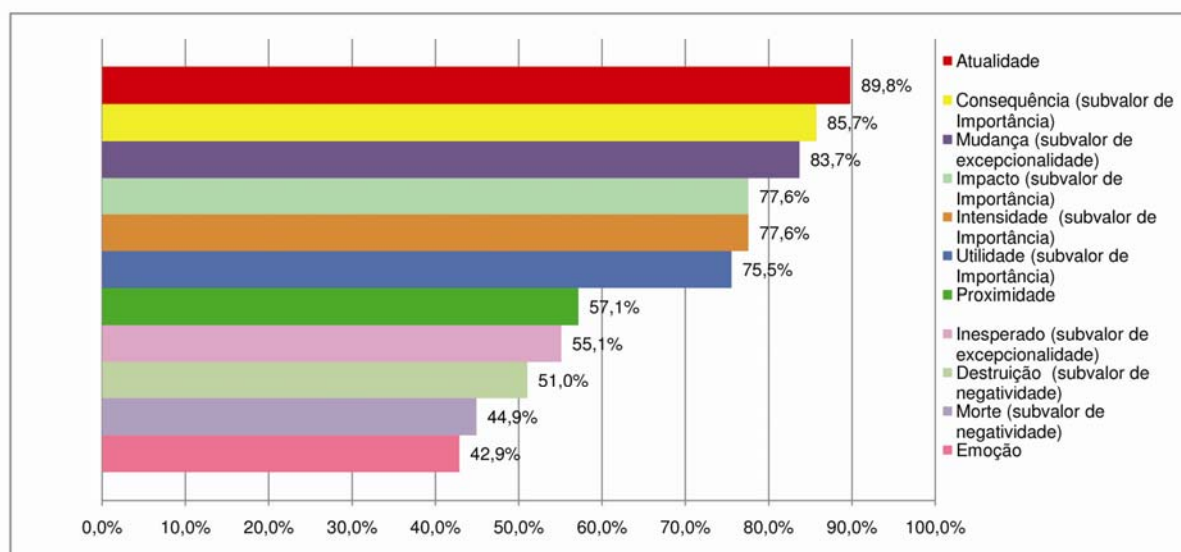


Figura 1: Percentuais de Valores e subvalores encontrados nos 49 acontecimentos.

#### 4.4.1 Atualidade

Este valor também aparece na literatura como “novidade” e indica uma notícia recente, factual, a qual aparece em cerca de 89,8 % das matérias analisadas. A edição de **13 de fevereiro** traz o alerta para a mudança de temperatura nos próximos dias: *“Mudança no tempo – Semana deve começar com sol e calor de 30°C”*. Diariamente, ao fornecer a previsão do tempo, os jornais apresentam informações atuais, passando a acompanhar os eventos climáticos e seus desdobramentos até a edição seguinte. O sentido temporal dos acontecimentos é usado para ordenar o nosso passado e futuro. No dia **26 de abril de 2011** (Anexo A), por exemplo, edição de terça-feira, o jornal mostra os efeitos da chuva e uma rodovia que deve ficar em meia pista até a próxima sexta-feira. Também apresenta uma nota com os dados atualizados pela defesa civil com os municípios que estão em estado de emergência.

É fundamental em relação a esse valor, observarmos também, que a temporalidade jornalística é uma prática social que contribui para sedimentar a experiência da vida pública em um tempo e um espaço definidos. Determinados acontecimentos climáticos são carregados de temporalidade, pois já têm datas definidas para serem descritos. É comum encontrarmos textos que remetam ao sol,

calor, praia e viagens associados à chegada do verão. Assim, como determinados hábitos associados ao inverno.

Também é interessante percebermos como os acontecimentos climáticos, através de suas ocorrências e dos sentidos de imediatividade e de atualidade, podem estabelecer agendas de discussões na sociedade. Na edição do dia **11 de março** (Anexo A), temos uma reportagem com título “*Porque a meteorologia falha*”, apresentando o sistema deficitário dos equipamentos meteorológicos em todo o Brasil, a partir do fenômeno que deixou a cidade de São Lourenço do Sul alagada. Publicar notícias climáticas em um “tempo” que a sociedade deve estar em alerta para os efeitos das mudanças no clima, pode definir agendas, instaurar reações de medo ou até mesmo de ação no espaço público social. Como a *atualidade* é um valor básico para o jornalismo, podemos deduzir que no caso da cobertura climática, há um predomínio em Zero Hora do que aconteceu ontem e não de problemáticas climáticas. No entanto, ao acompanhar os desdobramentos desses eventos atuais, um dos valores que ganha destaque nessa cobertura é o da *importância*, principalmente através do subvalor *consequência*, o qual veremos a seguir.

#### 4.4.2 Importância

A *importância* é um valor que pode ser manifestado através do subvalor *utilidade*, presente tanto nas editoriais do Tempo como também na Geral e Especial e também através dos subvalores *consequência*, *amplitude e/ou impacto* (dimensão do acontecimento) e pela *intensidade* (expressa pelas quantidades, exageros). Na Figura 2, podemos observar que há um predomínio do subvalor da *consequência* nos acontecimentos climáticos de ZH. É claro que se considerássemos as 41 edições com o subvalor de *utilidade* das páginas da previsão do tempo, haveria um predomínio dessa. No entanto, conforme já ressaltamos não consideramos esse valor para que os demais subvalores não ficassem mascarados. Dessa forma, nos 49 acontecimentos climáticos, a *consequência* aparece em 85,7% deles, contribuindo para que esses acontecimentos se tornem importantes.

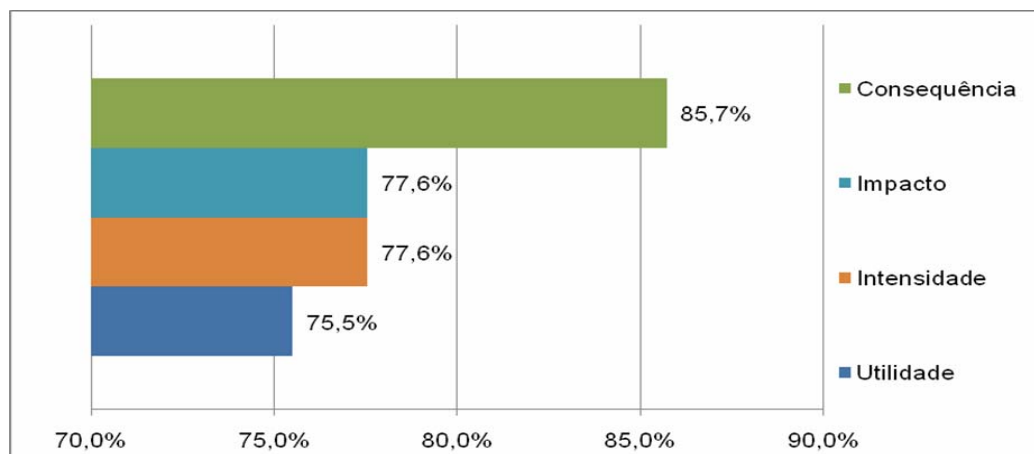


Figura 2: Subvalores que definem o valor Importância nos 49 acontecimentos.

Os acontecimentos climáticos ganham importância nas páginas dos jornais a partir daquilo que ocasionam, de suas consequências, e, principalmente, das mudanças que provocam nas rotinas diárias. É o que podemos observar na notícia *Neblina toma conta – Aeroporto fecha cinco horas no mês*, publicada na editoria de economia, na edição de **5 de maio de 2011**. A abertura do texto diz que mal o mês de maio começou e o Aeroporto Salgado Filho “já viu as estatísticas de *fechamento por causa do mau tempo* dispararem”, causando cancelamentos em vários vôos. A notícia informa que o equipamento anti-neblina, que pode melhorar em até 50% as operações em dias de mau tempo, só deve ser instalado em 2014. É interessante observarmos que através dos títulos e disposições de verbos e frases no texto, fica claro que o motivo pelo atraso e cancelamento é atribuído à neblina e não à falta de equipamentos especiais no aeroporto. Na edição de **26 de dezembro de 2011** (Anexo A) observamos outra notícia que aponta o acontecimento climático, nesse caso a chuva, como a responsável por deixar 47 mil pessoas no escuro durante a madrugada de natal. Os depoimentos na matéria demonstram a insatisfação dos atingidos em relação ao atendimento da concessionária responsável pela distribuição de luz: “*Liguei mais de dez vezes para o 0800 e não consegui atendimento. O maior transtorno é a total falta de consideração. Queríamos apenas uma previsão- reclama o engenheiro*”. No entanto, o jornal também atribui os transtornos ao temporal ao relatar: “*Esse foi o martírio vivido por pelo menos 47,5 mil consumidores da CEEE em razão da chuva*”.

O valor *consequência* do acontecimento climático também fica evidente na edição de **10 de fevereiro de 2011** (Anexo A), na qual uma reportagem especial apresenta os prejuízos causados pelo excesso e pela falta de chuva em diferentes

regiões do estado, revelando também os valores *intensidade* (ao quantificar) e *impacto/amplitude* ao mostrar todos os locais atingidos. Na capa, o jornal utiliza uma foto da praia mostrando a instabilidade do céu, parcialmente nublado, com nuvens de um lado e sol noutra, com chamada “Estiagem e Chuva Maltratam Gaúchos”. Na parte inferior da capa, a chamada alerta para os números do contraste (valor de *intensidade*): “Municípios em emergência: 28 pela enxurrada, 19 pela estiagem” (*impacto/amplitude*).

A reportagem da editoria especial demonstra as *consequências* dos acontecimentos climáticos (excesso e falta de chuva), através da fala de especialistas, como meteorologistas e agrônomos, os quais relatam os problemas ocasionados pela falta de chuva, tanto nos assentamentos de agricultores, como em abastecimentos de água e pastagens para o gado. Também apresentam um infográfico com os municípios do estado (*impacto/amplitude*), e as precipitações esperadas e registradas no período (valor de *intensidade*). A partir da rotina de um produtor rural que mora no centro da cidade de Bagé e que trabalha com a agricultura, a notícia mostra que, no campo, ele já perdeu parte da soja - a qual teve que utilizar como alimento para o rebanho, e que na cidade sofre com o racionamento de água em sua residência. A história do produtor é apresentada como uma, entre as diversas pessoas, que sofrem com a estiagem, reforçando assim a característica de singularidade que o jornalismo adquire quando as notícias mostram pessoas retiradas de seus grupos. No entanto, a reportagem somente apresenta as consequências do evento e não alternativas sobre como lidar com a falta ou excesso de chuva. Assim, notícias desse tipo, exploram a singularização ao apresentar um personagem, mas acabam ocultando contexto e reflexões importantes sobre o assunto.

O valor *importância*, através dos seus subvalores, também pode ser verificada na edição de **5 de maio de 2011**, publicada na editoria Geral, com título *Onda Gelada – Frio se mantém intenso no estado*. A matéria mostra a previsão do tempo (subvalor *utilidade/serviço*) para a semana, prevê, através dos meteorologistas, o comportamento do tempo para os próximos dias, mas também, alerta que o frio registrado no dia anterior surpreendeu os gaúchos (*consequência e inesperado*, subvalores de *importância* e *excepcionalidade*, respectivamente). A legenda da foto, que mostra um casal com um guarda-chuva enfrentando um vento forte, diz que os porto-alegrenses tiveram que se agasalhar para enfrentar o dia de

frio, chuva e vento. Através do verbo “tiveram” podemos inferir o pressuposto do subvalor *consequência e mudança*.

As mudanças ocasionadas pelo clima gaúcho ocupam 3 páginas da edição de **1 de maio de 2011**(Anexo A). Zero Hora apresenta um estudo feito por uma mestranda da UFRGS que apresenta indícios de que o clima gaúcho está em mutação.

Concluída ano passado, uma dissertação de mestrado pela engenheira agrônoma e doutoranda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Ana Paula Assumpção Cordeiro é uma das evidências recentes de que o clima gaúcho está mais instável. Ao compilar registros atmosféricos dos últimos 60 anos e 14 estações meteorológicas, ela descobriu que atualmente, em um ano chove em média 255 milímetros a mais do que chovia na década de 50. **(1 de maio de 2011)**

A reportagem especial também apresenta opiniões de especialistas para reforçar e explicar as conclusões da pesquisa apresentada: *“Mais calor e mais umidade contribuem para um número maior de eventos severos para tempestades já que funcionam como combustíveis para elas* – Francisco Eliseu Aquino, professor de climatologia e membro do Centro Polar e Climático da UFRGS.

A preocupação com as mudanças ocasionadas em função das alterações climáticas no sul ganhou amplo destaque na edição dominical, corroborando com a ideia destacada pelo editor de ZH, ao avaliar que o jornal prioriza reportagens mais amplas nas edições de domingo. Na amostra analisada, percebemos que a opinião de especialistas raramente é apresentada em Zero Hora. Essa costuma aparecer mais em matérias sobre alterações climáticas do que nos eventos meteorológicos diários, mesmo que esses sejam de grande proporção. No entanto, foram pouquíssimas as reportagens encontradas que abordavam a questão das alterações climáticas. Esse dado é importante em nossa análise, pois dá indícios de que tipo de fonte Zero Hora utiliza ao abordar o tema. É claro que nossa amostra, constituída de 6 semanas e um estudo sobre fontes, demanda outro tipo de recorte e metodologia, mas é interessante ressaltarmos que nos textos analisados, com exceção dos meteorologistas do grupo, os quais são contratados para opinar e explicar os fenômenos, raramente encontramos a fala desses especialistas. Para Charaudeau, os critérios de escolha dos atores sociais que terão visibilidade na matéria

jornalística podem objetivar tanto a credibilidade, como a captação do leitor, seguindo lógicas de notoriedade, representatividade, polêmica ou expressão.

Por outro lado, a fala dos testemunhos é recorrente em Zero Hora para explicar os fenômenos dos quais foram vítimas, ou os transtornos pelos quais passaram ao enfrentar o acontecimento. Eles interpelam a experiência através do calor da emoção. Aparecem principalmente nos eventos climáticos de proporções catastróficas, para desempenhar o papel de “portador da verdade” na medida em que sua fala tem o objetivo de dizer aquilo que viu ou ouviu.

Como partimos do pressuposto de que os valores-notícia são mapas de representações que nos permitem ver o mundo de determinada forma, compreendemos que ao dar espaço aos impactos e consequências dos acontecimentos climáticos, o jornalismo aproxima-se do leitor, mostrando de que forma tais acontecimentos interagem com sua vida. No entanto, ao dar destaque exacerbado a personagens e a história das vítimas, através de seus testemunhos, o jornalismo não amplia o debate dos problemas relacionados ao clima, além de não apresentar a opinião das fontes oficiais, entre elas, os órgãos públicos.

Dedicar grandes espaços aos números de uma seca para demonstrar o impacto do fenômeno é fundamental. No entanto, atrelar esses dados somente a histórias individuais, pode contribuir para que o jornalismo concentre-se somente no acontecimento e acabe deixando o contexto social de lado, atribuindo a culpa até mesmo a forças externas, como as da própria natureza.

A partir desses exemplos, percebemos que através dos sub-valores utilidade, consequência, impacto e intensidade, os acontecimentos climáticos ganham importância nas páginas dos jornais em função da sua ligação direta com a vida das pessoas. A utilidade fornece às pessoas as informações necessárias para o seu dia-a-dia, em função do próprio clima ser um fenômeno permanentemente presente na vida dessas. A previsão do tempo, por exemplo, adquire o papel de ordenar a nossa vida, pois, conforme o que ela orientar, definiremos quais atividades realizaremos durante o dia, seja no trabalho ou em casa.

Todos esses valores reordenam a nossa vida a partir do momento que evidenciam as proporções do que acontece no mundo. Números, quantidades, estatísticas ou exageros, relativos aos acontecimentos climáticos, podem representar desde a dor de quem perde um familiar, até as consequências

financeiras na economia de um país diante de uma seca que atinge determinada região.

#### 4.4.3 Excepcionalidade

A *excepcionalidade* refere-se a fatos incomuns que representam ruptura, a qual pode dar-se através dos subvalores *mudança* (presente em 83,7% dos textos) - algo que modifique o rumo de algo e *imprevisibilidade/inesperado* (presente em 55,1% dos textos), relativos a imprevistos que contrariem expectativas.

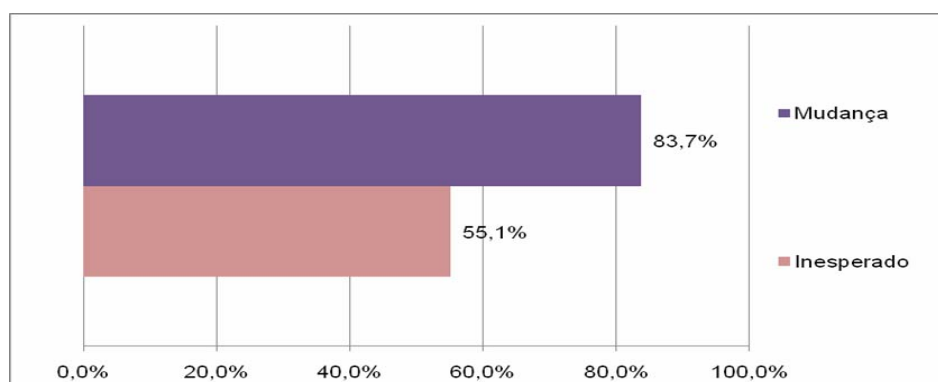


Figura 3: Subvalores que definem o valor Excepcionalidade nos 49 acontecimentos.

A *excepcionalidade*, através do subvalor *mudança*, pode ser observada nas notícias que mostram a rotina dos moradores em regiões de seca, os novos métodos que devem ser adotados pela população e impliquem em mudança de hábitos, como podemos observar na edição de **4 de maio de 2011**, na editoria Geral, a qual apresenta a notícia “*Água para um mês é poupada em Bagé*”. O jornal mostra que após 4 meses de racionamento, a cidade conseguiu economizar cerca de 800 milhões de litros de água. O verbo conseguir demonstra o valor de algo que precisou ser mudado para que fosse atingido tal meta. O destaque no olho “*A economia de 800 milhões de litros equivale a 8 milhões de banho. Isso garantiria um banho por dia para toda a população durante 80 dias*” também evidencia os valores de *intensidade* através das comparações e números.

Outro subvalor da *excepcionalidade* é o *inesperado*. Este costuma ser um valor dos acontecimentos climáticos quando há alguma alteração brusca em temperaturas, como na edição de **2 de maio de 2011**(Anexo A), com o título “*Virada no tempo – frio chega com mais força no RS*” ou também quando o inesperado vem dos céus, com excesso de chuva resultando em deslizamentos, enchentes, destruições e tragédias. Podemos observar este valor-notícia, principalmente nas



edições de **23, 24 e 25 de abril de 2011**, as quais registram o desdobramento de uma das maiores tragédias do estado, com registro de grande quantidade de chuva em Igrejinha- RS, além das edições de **12 a 16 de janeiro de 2011** que relatam a 2ª maior tragédia natural registrada no Brasil, com deslizamentos de morro no Rio de Janeiro. A edição de **12 de março de 2011** também apresenta uma tragédia mundial que foi marcada pela Tsunami provocada por um forte tremor, a qual destruiu parte do Japão.

A edição de **23 de abril de 2011** apresenta as consequências do temporal que atingiu o estado com chamada de capa e um selo que diz "*Preste atenção*", alertando para a previsão de mais chuva forte e ventos de até 90 Km/h. Na capa, também há uma chamada para a morte de um homem que foi tentar socorrer uma vítima de um choque elétrico. As duas páginas de matéria, da editoria Geral, alertam para as possibilidades de novos temporais e grande quantidade de chuva, além de retratar os estragos (queda de árvores, destelhamento de casas, escolas, estabelecimentos comerciais, falta de luz, etc.) No entanto, mesmo com o alerta de instabilidades do tempo, o *inesperado* ocupou cinco páginas da edição do dia seguinte.

A capa do dia **24 de abril de 2011** anunciava, juntamente com uma foto, "*Tragédias da enxurrada*". Na legenda da foto, que mostra o corpo de bombeiros retirando vítimas em meio a um lamaçal, estão adiantados o número de mortos, um em Igrejinha e três irmãos em Novo Hamburgo. Nas páginas internas, o desdobramento da tragédia também se dá através dos números. Na edição do dia **12 de janeiro de 2011**, o título inferior da capa também anuncia: "*Temporais matam pelo menos 14 em SP*". Nas páginas internas os títulos anunciam "*Chuva transtorna a capital e Chuva provoca mortes em SP*". Na edição seguinte, de **13 de janeiro de 2011**, ZH altera o projeto gráfico do jornal, apresentando uma capa com uma foto que ocupa mais de um terço do espaço mostrando as imagens do deslizamento no RJ com a manchete "VIDA SOTERRADAS" escrita em letras maiúscula, acompanhada de uma frase abaixo que diz "*Chuva faz mais de 250 mortes em Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo*". Nas sete páginas destinadas a cobertura do acontecimento *inesperado* dessa edição, chama-nos atenção os títulos "*Outro cenário, mesma tragédia*", "*Morros desabam e soterram centenas*", "*A chuva que mata*", "*Chuva destroça família de estilista*". A edição de **11 de março de 2011** (Anexo A) também apresenta o valor *inesperado*, com uma manchete

“CALAMIDADE NO SUL” com uma cobertura especial de cinco páginas sobre o alagamento da cidade de São Lourenço do Sul –RS. Encontramos na cobertura das catástrofes do Rio de Janeiro, Igrejinha- RS e São Lourenço do Sul -RS, uma mistura de valores-notícia de *atualidade*, *utilidade* (previsão do tempo nos próximos dias), *excepcionalidade* (*inesperado*), *proximidade* (são descritos os locais, nomes das cidades, ruas, localização das casas soterradas na vizinhança, local onde as vítimas trabalhavam), *intensidade* (números de mortos, de desabrigados, de casas destelhadas e destruídas, de ruas alagadas...), *impacto* (dimensão da tragédia), *drama* (a história dos sobreviventes), *emoção* (a reconstituição da rotina do último dia das vítimas fatais, com o máximo de informações sobre elas, a profissão, a idade, a importância que tinham para a comunidade local, “sonhos” que ficaram para trás relatados a partir dos depoimentos de familiares e vizinhos) e *negatividade* (dor, mortes e imagens chocantes).

Esses acontecimentos climáticos são da ordem do sofrimento, prolongando-se conforme nos sugere Babo-Lança (2005), “na dor das perdas, na revelação de possíveis inesperados, no horizonte de possíveis que ele abre, na situação alterada e na ação coletiva com vistas a remediar a devastação” (p.89). Os fatos inesperados operam no imaginário social, principalmente no caso de tragédias, com significações associadas à insegurança e à ameaça. É importante perceber que as catástrofes, como acontecimentos não controlados, são caracterizadas por relatos que atuam na identificação com o leitor. As notícias de interesse humano, principalmente ao reconstruir histórias das vítimas desses acontecimentos, nos provocam a sensação de que o inesperado poderia ter acontecido com qualquer um de nós.

#### 4.4.4 Proximidade

Trata-se de um valor em relação à localização geográfica ou cultural. Como Zero Hora tem circulação local, consideramos como *proximidade* todos os textos referentes ao estado do Rio Grande do Sul, e também os que apresentam características que revelam a proximidade que o jornal busca junto ao seu público. Este valor aparece em 57,1 % das matérias analisadas.

Podemos identificá-lo não somente pela descrição das cidades, por nomes de ruas, mas também pelos estabelecimentos e características dos personagens. Na edição do dia **25 de abril de 2011**, o jornal apresenta diversos detalhes dos locais

atingidos pelo temporal, numa cronologia de dois dias. “Na **capital**, armava-se o temporal que impressionou os espectadores da Paixão de Cristo, no **Morro da Cruz**. Dois postes caíram na **Avenida Sertório**. O **Aeroporto Salgado Filho** teve de operar por Instrumentos”.

A fala dos testemunhos e a personalização das matérias também constituem estratégias que o jornal utiliza para aproximar-se do seu público, e também para aproximar o leitor do fato ocorrido, como podemos ver no trecho a seguir:

O industriário Artemio de Lima conseguiu salvar a mulher e a filha, mas acredita que, com o sono pesado, Joshuan nem tenha acordado durante o deslizamento. O garoto estudava na Escola Municipal Dona Carolina, onde freqüentava a 5ª série. A mãe Jandira, não teve forças para acompanhar as buscas. Deixou o local desmaiada **(25/04/11 p.5)**.

#### 4.4.5 Emoção

Trata-se de um valor que costuma dar destaque às notícias e, normalmente, está ligado a história de personagens ou vítimas, expressando sentimentos, narrando trajetórias de vida. Aparece em 42,9% das notícias em Zero Hora. A edição de **7 de fevereiro**, apresenta a história de um rapaz que ajudou a socorrer vítimas da enxurrada que alagou casas e ruas em São Leopoldo.

A valentia típica dos adolescentes fez com que Josias Samuel Martins de Lima, 19 anos, enfrentasse o Arroio Kruze para socorrer familiares de sua companheira, ilhados na casa do sogro. Ao tentar resgatar a quinta vítima, um choque elétrico abreviou a vida do rapaz que seria pai pela segunda vez e sonhava concluir o Ensino Médio.

O jornal conta, através de depoimentos de testemunhos, parentes e amigos, como o jovem salvou os desabrigados e também o momento da morte, como podemos ver no trecho em destaque:

*ZH- Como Lima conseguiu resgatá-los?*

*Gilberto Ruas, sogro da vítima da enxurrada - Estava muito arriscado, mas ele não pensou duas vezes, se atirou na água e retirou primeiro as crianças. Ele estava com uma corda e um colete salva-vidas. Depois tirou a minha mulher, eu e até o cachorro da nossa família.*

Ficamos mais calmos e estávamos conversando com a bruna. Mas aí ele viu uma vizinha se afogando e quis ajudar, foi quando ele levou o choque. Havia fios de rede clandestina no poste. Ele caiu na água e fomos pegá-lo. Em seguida, ele morreu. Se não fosse ele, nós estaríamos mortos (07/02/2011 p.26).

Na edição de **25 de abril** (Anexo A), também observamos a descrição exaustiva do acontecimento a partir dos testemunhos:

Valter de Lima, 80 anos, chorou a morte de um filho, duas noras e quatro netos. Foi ele que comprou a área, ainda jovem, em que mais tarde instalaria a família. – Eu consegui sair só com a roupa do corpo, perdi meu filho mais velho e toda a família dele. Nunca tinha dado problema. Agora, quando veio, veio tudo de uma vez – relatou Valter (25/04/11 p. 4).

Ao ouvir o estrondo que antecedeu a avalanche de terra, Marli teve tempo de pedir ao companheiro, Breno de Lima, que socorresse os filhos, Bruno, 11 anos, e Willian, 5 anos. Ela, porém, não resistiu. Foi a primeira a ser retirada dos escombros. Ficou caída ao lado do filho caçula, que sobreviveu e segue hospitalizado (25/04/11 p. 5).

A dramaticidade dos relatos e os detalhes bibliográficos dos personagens aproximam o jornal do leitor, interpelando-o para que se sensibilize, se compadeça ou se identifique com a história relatada. A descrição exaustiva, dramática e emotiva na história das vítimas da seca ou de alagamentos, contribui para o que Ponte (2004) define como um efeito de série, que contribui para o universo mítico da existência de uma vontade externa, toda poderosa, que é a do destino, ou até mesmo da natureza. Isso fica evidente ao acompanharmos a história do jovem que salvou toda a família, mas que ao salvar a vizinha, encontrou no caminho um fio eletrocutado e morreu em função da chuva, conforme relata o jornal.

Essa lógica de representação também é confirmada pelo valor da negatividade que destacaremos a seguir.

#### **4.4.6 Negatividade**

Esse valor pode expressar-se pela morte ou destruição conforme nos mostra a Figura 4:

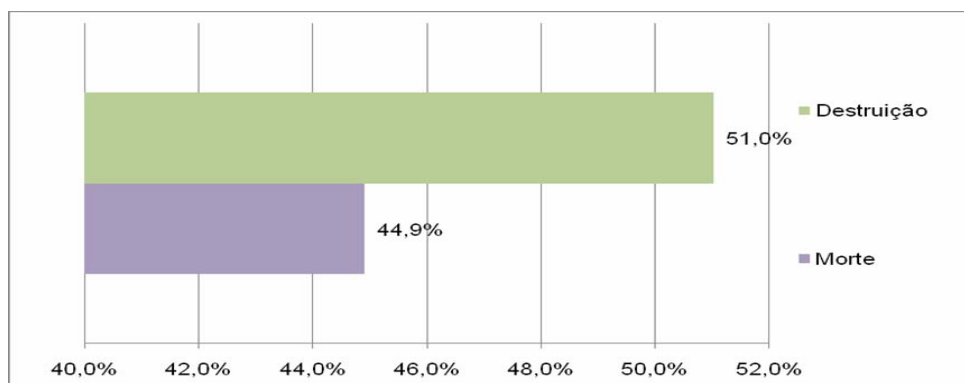


Figura 4: Subvalores que definem o valor Negatividade nos 49 acontecimentos

Em Zero Hora, as transformações no tempo são apontadas como responsáveis pelas tragédias. A chuva também adquire uma conotação diferenciada em algumas reportagens tornando-se a grande responsável por tragédias que tiram vidas e provocam estragos imensuráveis. As notícias atribuem à natureza ações personificadas (matar, castigar, expulsar) como podemos perceber nas chamadas, títulos e trechos a seguir:

“Chuarada alagou ruas, derrubou encostas, **matou** pelo menos 8 e deixou outras quatro desaparecidas no estado” (24/04/11).

“Os 120 milímetros de chuva que caíram sobre o município da Região Metropolitana **expulsaram** de casa dezenas de famílias.” (07/02/11 – p.26).

“Depois de desabrigar dezenas de famílias, invadir casas e alagar ruas, a enxurrada registrada ontem no Vale dos Sinos **castigou** de forma ainda mais severa a família Martins, no bairro Santo André, em São Leopoldo” (07/02/11 – p.26).

“A chuva desabou como tragédia sobre o sul do Estado ontem. Inundou, ilhou, destruiu, desabrigou, matou, feriu em São Lourenço do Sul, que teve a metade de seu território inundado pela água”. (11/03/2011 – p. 4).

Tragédias naturais que provocam deslizamentos são carregadas naturalmente de negatividade em função das consequências e impactos que provocam na vida das pessoas, podendo levar até a morte. No entanto, os jornais exageram nas descrições, reforçando e atribuindo à natureza a culpa por esses eventos, operando numa lógica sensacionalista.

#### 4.5 Os valores-notícia em ZH

Ao refletirmos sobre como o clima é representado em Zero Hora, partimos do pressuposto de que a notícia é um tipo específico de sistema simbólico e configura-se numa construção cultural. Essa construção faz-se através dos valores-notícias, os quais funcionam como mapas de representação, esquemas de interpretação carregados de significados. Esses códigos nunca são neutros, uma vez que acarretam em determinadas formas de se ver ou apresentar algo.

A partir da análise das 41 edições, podemos perceber a incidência de certos valores que se entrecruzam dependendo da natureza do acontecimento climático. Ao pensarmos nos valores e subvalores proximidade, intensidade, impacto, consequência, utilidade, mudança, inesperado, emoção, morte, destruição, atualidade como qualidades que os acontecimentos climáticos têm que ter para ter visibilidade em ZH, percebemos a necessidade de avaliar cada um deles em relação a todo o contexto da matéria, bem como em conjunto, pois, dificilmente eles aparecem sozinhos.

Os acontecimentos climáticos em ZH são da ordem do atual, valor básico do jornalismo, quando apresentam algo que aconteceu ou até mesmo que irá acontecer nas próximas horas (alertas climáticos) revelando ao mesmo tempo o valor de *importância* através das *consequências* e *impacto* desses eventos; da ordem da *proximidade* quando mostram a implicância destes acontecimentos em diversos lugares do estado, trazendo a sensação nas pessoas de pertencimento ou de algo que pode acontecer ao lado; da ordem do *excepcional* quando provocam leves mudanças na rotina da sociedade, ou quando irrompem a ordem das coisas, como é o caso da catástrofe.

O clima pode adquirir um contexto de negatividade quando suas alterações bruscas levam vidas, destroem ruas e a ordem da vida cotidiana, instaurando o medo e a sensação de que a natureza revoltou-se. Esses valores estão presentes nas notícias da Zero Hora, e como os valores-notícia tratam-se de mapas de significados a partir dos quais compreendemos o mundo, eles revelam a forma como o homem se relaciona com o clima. Há uma percepção de que a culpa pelos efeitos negativos dos fenômenos atmosféricos é atribuída à natureza, conforme vimos nos títulos das notícias em ZH. Mas mais do que isso, esses títulos revelam significações que estão no dia-a-dia de seus leitores, uma vez que o próprio editor

relata que não há como deixar de lado a humanização na cobertura do tema, pois o clima é companhia permanente na vida das pessoas. Nesse sentido, cabe ressaltar que ZH contribui para o que o geólogo Rualdo Menegat (2010) chama de “cegueira humana”, na medida em que reafirma a ideia de que a grande culpada por determinados eventos é a natureza.

O *impacto* e a *intensidade* destes fenômenos também são valores que afetam a experiência dos sujeitos ao perderem plantações, ao terem que racionar o uso da água, ao lidarem com a própria paciência durante as horas de espera nos aeroportos, por causa da neblina. Esses subvalores juntamente com a *utilidade* e *consequência* mostram porque os acontecimentos climáticos ganham o valor da importância, o qual tem grande destaque nas edições de ZH, superado apenas pelo valor de atualidade.

Assim, os próprios acontecimentos climáticos determinam os valores simbólicos que o clima adquire enquanto notícia, tornando-o algo muito próximo das pessoas, no momento em que afeta a sua cotidianidade. Conforme já dissemos, é na medida em que os efeitos do acontecimento agem sobre ele, que acabam elaborando sua significação e o valor simbólico que lhe é dado. Como nos lembra Charaudeau (2006), é preciso que um sujeito seja afetado para que um determinado assunto ganhe significação. E ao ser afetado, o sujeito enfrenta o que lhe acontece, como nos sugere Quéré (2005), apropriando-se do acontecimento, integrando-o na sua história. Aquilo que acontece a alguém se torna, assim, mais que um fato dotado de sentido, se torna ele próprio criador de sentido.

Observamos isso, principalmente, nos valores encontrados nos acontecimentos relacionados às tragédias e catástrofes naturais. A enchente em Igrejinha não comove apenas a população afetada, mas sim, toda a população que acompanha o desdobramento do acontecimento através do jornal. O acontecimento climático, principalmente os de ordem catastrófica costumam abrigar em si todos os valores-notícia estudados na análise. Observamos que o jornal usa uma narrativa mitológica nas notícias sobre os acontecimentos climáticos, nas quais os relatos fornecem explicações prontas para os fenômenos complexos, resultando em fechamentos de sentidos que não contribuem para transformações sócio-históricoculturais.

Conforme já mencionamos, esse tipo de relato simplifica o conteúdo informativo, e acaba dando um significado universal aos acontecimentos narrados,

como se a culpa fosse da natureza ao se contar os mortos pós-tragédia; como se os prejuízos da colheita, em função da seca, fossem algo do tipo “Deus quis assim”. O jornal tem a preocupação de mostrar os efeitos da chuva e da seca, conforme relata seu editor, exatamente para mostrar à população que há um indivíduo que sofre os efeitos desse. No entanto, não provoca a discussão sobre quem são os verdadeiros culpados e o que se pode fazer para que nas próximas estações o problema não ocorra mais. Nesse contexto, o vilão passa a ser a chuva ou a seca.

Esse tipo de compreensão nos revela a forma como a própria sociedade vê o fenômeno. Há um sentido geral de que esses problemas são naturais, demonstrando que a relação do homem com o clima é ideológica. Esses valores demonstram que as pessoas não estão preocupadas com o fenômeno atmosférico, mas sim com os impactos que esses provocam no seu dia-a-dia. O problema não é a falta de chuva, mas sim o que a falta acarreta, ou no caso de excesso de chuvas, as consequências dessa. A chuva, assim, deixa de ser um fenômeno natural e passa a ser sinônimo de destruição, prejuízos e até morte, mesmo com previsões e alertas diários dos meteorologistas. Há uma ligação despolitizada com o clima e o tempo, desinteressada no futuro longínquo e divorciada dos problemas sociais que envolvem a relação.

No entanto, diante do cenário de discussões sobre mudanças climáticas, é preciso que haja uma mudança radical, como sugere Guiddens (2010), na forma como a sociedade vê esse fenômeno e age diante dele. Nesse contexto, o papel do jornalismo é instigar essa discussão, contextualizar mais esse debate, de tal forma que ele faça parte das preocupações sociais que os indivíduos têm sobre o espaço onde vivem. Conforme já dissemos, segundo Hartley (1982), os valores-notícia não são naturais. Eles formam um código que vê o mundo de uma forma particular. Os critérios de noticiabilidade sobre que aspectos da relação homem-clima devem ser visibilizados pelo jornal reiteram visões de mundo, mas também podem construí-las de outros modos, desde que o jornalismo se dê conta de seu papel de coadjuvante na construção da realidade pública.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender como se dá a relação que o homem possui com o clima, através dos valores-notícia, no jornal Zero Hora, exigiu-nos uma série de questionamentos, pois, o clima tem uma relação muito íntima com a história de vida do homem. Alexander von Humboldt (1845), na obra *Cosmos*, dizia que tempo não relacionava-se apenas à temperatura, umidade e pressão atmosférica, mas também à “transparência e limpidez do céu, que é importante não somente para maior irradiação do calor do solo, o desenvolvimento orgânico das plantas e o amadurecimento das frutas, mas também para as emoções e o estado d’alma das pessoas”<sup>27</sup>. Atualmente, o tempo continua atrelado às emoções das pessoas, porém de uma forma muito mais conturbada. A chuva e o sol transformaram-se nas notícias mais esperadas das edições jornalísticas, em função da sensação de Intempérie a que o tempo passou, diante das alterações climáticas registradas no mundo nos últimos anos.

Tal fenômeno desperta nas pessoas as mais diversas emoções, desde o medo, a insegurança, a culpa e até mesmo a mudança de hábitos. No contexto em que o mundo vive ao conviver com as mudanças climáticas, falar sobre o clima e o tempo não se torna uma tarefa fácil, principalmente se inserirmos o jornalismo nesse cenário e se levamos em conta as raras pesquisas sobre o tema no Brasil.

Era preciso, no nosso entendimento, abordar a relação do homem e o clima em ZH, refletindo sobre o papel do jornalismo e sua real atuação diante do tema. Assim, inicialmente foi preciso sair do nosso campo e ir ao da meteorologia, procurar descobrir quais eram as principais divergências que existem entre os campos, afinal, os jornalistas precisam da meteorologia para terem a informação e essa precisa do jornalismo para chegar até a casa das pessoas. Trata-se de uma via de mão dupla que, no caso brasileiro, ainda possui diversos obstáculos que vão desde a relação entre os profissionais da meteorologia e do jornalismo, linguagem utilizada, até o interesse das instituições e organizações na divulgação dessas informações.

Entre nossos objetivos, buscamos entender como o jornal constrói as notícias sobre o clima e as relaciona com o homem. A partir dos valores-notícia

---

<sup>27</sup> Disponível em <http://www.goethe.de/wis/bib/prj/hmb/the/kli/pt5319816.htm>. Acesso em 10 de dezembro de 2011.

encontrados podemos observar a forma como o homem interage com o clima em ZH. Nessa relação, o jornal evidencia os efeitos que os acontecimentos climáticos provocam na rotina do leitor. O homem, diante dos fenômenos naturais, aparece como a vítima dos eventos climáticos. Há uma relação em que a natureza é soberana e os sujeitos apenas sofrem os resultados das transformações bruscas no tempo.

Essa representação do clima mostra que não há um debate aprofundado sobre a própria intervenção do homem na natureza e as principais causas desta em Zero Hora. Os valores-notícia que guiam a abordagem do clima e do tempo no jornal estudado acabam não sendo relacionados a aspectos que envolvam a problemática ambiental. Problemas como a má ocupação do espaço urbano, o assoreamento dos rios, os locais de risco e a falta de políticas públicas, os quais podem ser apontados como causadores de alagamentos ou enchentes, por exemplo, não são evidenciados nas notícias sobre o clima. Isso nos mostra como o jornal adota uma postura de isenção em relação a esses problemas. Embora o editor de Zero Hora reconheça que se trata de um assunto de fundamental importância para a sociedade, o jornal evita tensões, operando a partir da dramatização e da espetacularização dos acontecimentos climáticos, num movimento pela audiência, aproximando-se da rotina do leitor sem comprometimento com uma leitura mais problematizadora da realidade.

Diante desse resultado, nos perguntamos realmente qual é o papel do jornalismo nesse contexto? As narrativas míticas não dão conta de contextualizar esse problema. Como nos sugere Anabor<sup>28</sup>, enquanto a população pensa que foi “Deus quem quis assim”, e Zero Hora atribuir à natureza a culpa por determinados eventos, de tal maneira que não ajude as pessoas a entenderem que há uma manifestação das forças naturais diante da qual é preciso prevenção, não haverá uma mudança de consciência na sociedade.

O que percebemos é que há apenas uma sensação de que o tempo passou a intempérie e que desconhecemos o que poderá acontecer amanhã. Embora os alertas sobre as mudanças climáticas estejam circulando no espaço social, a preocupação com o clima parece não fazer parte do esquema de representação que

---

<sup>28</sup> Vagner Anabor é doutor em meteorologia e atua como Coordenador do Curso de Meteorologia e professor Adjunto na Universidade Federal de Santa Maria. Também já foi meteorologista do Grupo RBS TV.

a sociedade tem dele. O paradoxo de Guiddens (2010) se confirma, as mudanças climáticas estão no fundo da nossa mente e lá permanecem.

Com esse trabalho procuramos refletir sobre como contribuir para que essa realidade seja modificada. Foi preciso compreender como se formam esses sentidos, esses mapas de significados a partir dos quais operam as notícias. Partindo do que Motta nos sugere sobre o poder das notícias em reordenar a nossa vida, acreditamos no poder do jornalismo em contribuir para a circulação desse assunto no espaço público.

Ao pensarmos nos acontecimentos climáticos, ou na forma como eles podem ser representados, concluímos que esses estão carregados de representações da vida social, marcados por significações culturalmente mediadas. Se no espaço social não circulam determinados valores em relação a esses acontecimentos, também não o veremos presentes nessas representações. Por exemplo, se não circular na vida social a preocupação com as mudanças climáticas, também os eventos não carregarão esse significado simbólico de alerta e preocupação. Os 9 tipos de discursos sobre ambiente propostos por Dryzek (1997), citado por Carvalho (2011) e identificados em Portugal, distribuídos em três grupos: discursos reformistas orientados para a resolução de problemas; discursos de sustentabilidade e discursos radicais, parecem não circular na imprensa brasileira, no caso de Zero Hora.

Assim, é necessário que exista um discurso circulando na sociedade para que o acontecimento climático signifique através da notícia, para que ele deixe vestígios e altere “a substância do mundo das coisas, das pessoas, das instituições” (RODRIGUES, 1993, p.29), das idéias, dos valores e do próprio espaço social.

O jornalismo possui a tarefa de trazer o acontecimento exterior para a interioridade do texto. Como nos sugeriu Fioravanti (2010), é preciso uma mudança de postura no jornalismo brasileiro. É preciso que o jornalista deixe de acreditar que é um mero transportador de uma ideia sem transformá-la e perceba que é um ser que transforma e negocia significados. Entre eles, uma visão do tempo e do clima menos restrita nas notícias, que inclua o cidadão comum no cenário das preocupações climáticas e não o constranja a meras informações de serviço sobre o dia de amanhã.

## REFERÊNCIAS

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

AMARAL, Márcia Franz. **Lugares de Fala do Leitor no Diário Gaúcho**. Porto Alegre, 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação e da Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. Os testemunhos na cobertura das catástrofes ambientais. Porto Alegre: **XX Compós**, junho 2011.

\_\_\_\_\_, POZOBOM, Rejane de Oliveira & RUBIN, Anaqueli. Modos de endereçar a tragédia - indignação, testemunho e piedade. **Lumina**. Vol. 4, Nº 2, 2010.

BABO-LANÇA, Isabel. A constituição do sentido do acontecimento na experiência pública. In: **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, n.8-9. Lisboa, ISCTE, Casa das Letras, 2005.

BERGER, Christa & TAVARES, Frederico de Mello Brandão. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, Marcia & FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. (Org). **Jornalismo e Acontecimento: Mapeamentos Críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

BENETTI, Marcia & FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira (Org). **Jornalismo e Acontecimento: Mapeamentos Críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

BIRD, Elizabeth; DARDENNE, Robert. Mito, registro e estórias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguales y desconectados**. Barcelona: Gedisa, 2004.

\_\_\_\_\_. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007

CARTEA, Pablo Á. **Comunicar el Cambio Climático - Escenario social y líneas de acción**. 2007.

CARVALHO, Anabela. **Mudanças climáticas, organizações ambientais e a imprensa britânica: uma análise do poder de perspetivação**. Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, Lisboa: 1999.

\_\_\_\_\_. (Org.) **As Alterações Climáticas, os Media e os Cidadãos**. Coimbra: Grácio, 2011.

\_\_\_\_\_, PEREIRA, Eulália & CABECINHAS, Rosa. O trabalho de produção jornalística e a mediatização das alterações climáticas. In: CARVALHO, Anabela (Org). As **Alterações Climáticas, os Media e os Cidadãos**. Coimbra, Grácio, 2011.

CARVALHO, Carlos Alberto. Premissas para o tratamento teórico metodológico do acontecimento baseado pela trama noticiosa. In: BRAGA, José Luiz & LOPES, Maria Immacolata Vassallo de & MARTINO, Luiz Cláudio (Org). **Pesquisa Empírica em Comunicação**. Livro Compós 2010. São Paulo, Paulus, 2010.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo – buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo, Contexto: 2006.

DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo:Atlas, 2005.

FIORAVANTI, Carlos. Em busca de outras formas de ver e pensar. 2008. **ANDI**. Disponível em <<http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br>> Acesso em 10 maio. 2010.

\_\_\_\_\_. Jornalismo e mudanças climáticas: desafios em frente. **ANDI**. Disponível em <<http://www.museudavida.fiocruz.br>>. Acesso em em 10 maio. 2010.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A Fabricação do Presente - **Como o Jornalismo Reformulou a Experiência do Tempo nas Sociedades Ocidentais**. São Cristóvão (SE): Editora Universidade Federal de Sergipe, 2005.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GIDDENS, Anthony. **A política da mudança climática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

HALL, Stuart. The Work of Representation. **Representation. Cultural Representations and Signifying Practices**. Sage/OpenUniversity: London/Thousand Oaks/ New Delhi, 1997.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o “mugging” nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

HENSON, Robert. **Weather on the Air – A history of broadcast meteorologia**. Massachusetts: American Meteorological Society. 2010.

JORGE, Taís de Mendonça. A notícia e os valores-notícia. O papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa. **UNirevista** - Vol. 1, nº 3, 2006.

KOVACH, Bill & ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

MARTÍN – BARBERO, Jesús. Cartografias da sensibilidade e da tecnicidade. **Portal Globo Universidade. Rio de Janeiro: 25 jun. 2009.** Disponível em: <<http://globouniversidade.globo.com/GloboUniversidade/0,,AA1701859-9048-1701855,00.html>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

MARQUES, Ester. **Estruturas do Discurso Jornalístico.** Intercom, 2008.

MENEGAT, Rualdo. A Civilização ficou cega frente à natureza. **Portal Fundação Perseu Abramo.** 12 maio. 2010. Disponível em: <http://www.fpa.org.br/artigos-e-boletins/artigos/rualdo-menegat-civilizacao-ficou-cega-frente-natureza>. Acesso em: 15 jan. 2011.

MOLOTCH, Harvey & LESTER, Marilyn. Notícias como procedimento intencional: a cerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”.** Lisboa: Vega, 1993.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Para uma antropologia da notícia. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, Vol. XXV, nº 2, julho/dezembro de 2002a

\_\_\_\_\_. O trabalho simbólico da notícia. **COMPÓS**, Recife(PE). XII Reunião Anual da COMPÓS, 2002b.

PONTE, Cristina. **Leituras das Notícias – contributos para uma análise do discurso jornalístico.** Lisboa: Livros Horizontes, 2004.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. In: **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, n.8-9. Lisboa, ISCTE, Casa das Letras, 2005.

REBELO, José. Apresentação. O acontecimento. In: **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, n.6. Lisboa, ISCTE, Casa das Letras, 2005.

RODRIGUES, Adriano. “O acontecimento”. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”.** Lisboa: Vega, 1993.

SANTOS, Rogério. **A negociação entre jornalistas e fontes.** Coimbra: Minerva, 1997.

\_\_\_\_\_. **Jornalistas e fontes de informação: a sua relação na perspectiva da sociologia do jornalismo.** Coimbra: Edições Minerva, 2004.

SILVA, Gislene & PONTES, Felipe S. Acontecimento jornalístico e história. In: BENETTI, Marcia & FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. (Org). **Jornalismo e Acontecimento: Mapeamentos Críticos.** Florianópolis: Insular, 2010.

\_\_\_\_\_, Gislene. Jornalismo e construção de sentido: pequeno inventário. **Estudos em Jornalismo e Mídia.** Florianópolis. 2005.

\_\_\_\_\_, Gislene; DOURADO MAIA, Flávia. Sobre a perspectiva dominante nos estudos da dimensão simbólico-mítica das notícias. **Revista Galáxia**, São Paulo, nº 21, p. 113-124, jun. 2011.

SODRÉ, Muniz. **A Narração do Fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.

SPONHOLZ, Liriam. Neutralizando conhecimento: como jornalistas lidam com experts. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n.3, p.591-619, set/dez. 2008.

TADDEI, Renzo & GAMBOGGI, Ana Laura (Orgs.). **Depois que a chuva não veio: respostas sociais às secas no Nordeste, na Amazônia e no Sul do Brasil**. Fortaleza, FUNCEME, 2010.

\_\_\_\_\_, Renzo. A comunicação social de informações sobre tempo e clima: o ponto de vista do usuário. **Boletim SBMET**, 2008

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

\_\_\_\_\_, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2001.

\_\_\_\_\_, Nelson. **O Estudo do Jornalismo no Século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável**. São Paulo: Globo, 2005.

TUCHMAN, Gaye. Contando ‘estórias’. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

WOLFE, Loius. **Explorando a Atmosfera**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. 1964.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 5ª ed. Lisboa: Presença, 1999.

## APÊNDICE 1

### Matérias analisadas

<b>Editorias</b>	<b>Edições</b>	<b>Quant. de pág.</b>	<b>Títulos principais</b>	<b>Chamada de capa</b>	<b>Valores-notícia encontrados nos textos</b>
<b>Mundo</b>	29/04/11	1	Rastro de destruição – A fúria dos tornados que varrem as cidades nos EUA	Contracapa com foto	- morte -destruição -inesperado -Atualidade - Emoção - mudança -consequência - impacto - intensidade
	28/12/10	1	“EUA enfrentam caos da Neve”		- Atualidade - consequência -intensidade - impacto -mudança
	12/01/11	1	“Tsunami em terra assusta Australianos”		- morte -destruição -inesperado -Atualidade - Emoção - mudança -consequência - impacto - intensidade
<b>Tempo</b>	Todas	41			- Utilidade
<b>Especial</b>	10/02/11	2	“RS nos extremos – Entre excessos e falta de chuva”  “Racionamento é ampliado em Bagé”	Capa	-Atualidade -consequência - impacto - intensidade -proximidade  -Atualidade -consequência - impacto - mudança - intensidade - utilidade
	25/04/11	3	“Comoção em Igrejinha – Após a chuva, o luto”	Manchete	- morte -destruição - proximidade - inesperado - mudança - Emoção -Atualidade



			“Sem energia – Luz tarda a voltar, de novo”		-consequência - impacto - intensidade  -Atualidade -consequência - impacto - intensidade
11/03/11	5		Calamidade no sul  Enxurrada mata e isola região sul  Veja o que atingiu a região sul do estado  Porque a meteorologia falha	capa	- morte -destruição -inesperado -Atualidade - Emoção - mudança -consequência - impacto - intensidade - utilidade - proximidade
12/03/11	8		Catástrofe no Japão	capa	- morte -destruição -inesperado -Atualidade - Emoção - mudança -consequência - impacto - intensidade - utilidade
13/03/11	9		Catástrofe no Japão	capa	- morte -destruição -inesperado -Atualidade - Emoção - mudança -consequência - impacto - intensidade - utilidade
14/03/11	7		Dois dias no mar agarrado ao telhado  Rumores de novo tsunami geram pânico  Um país em clima de medo  Terremoto mudou		- morte -destruição -inesperado -Atualidade - Emoção - mudança -consequência - impacto - intensidade - utilidade

			a terra Duro desafio para a economia		
	15/03/11	5	Uma cidade dizimada  Imagens da devastação  Vidas em meio aos escombros		-morte -destruição -inesperado -Atualidade - Emoção - mudança -consequência - impacto - intensidade - utilidade
	17/03/11	1	Chuva e neve ampliam riscos Depois da catástrofe, a neve	capa	- morte -destruição -inesperado -Atualidade - Emoção - mudança -consequência - impacto - intensidade - utilidade
	13/01/11	7	Vidas soterradas Chuva faz mais de 250 mortos em Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo  Outro cenário, mesma tragédia  Morros desabam e soterram centenas  A chuva que mata Como ocorrem os deslizamentos  Chuva destroça família de estilista  Na grande são Paulo cidade fica isolada	capa	- Atualidade - mudança -consequência - impacto - intensidade - utilidade - inesperado -destruição - morte - emoção
	14/01/11	7	Dor e solidariedade na tragédia	Manchete	- Atualidade - mudança -consequência - impacto

			<p>Milagre sobre a lama e a dor</p> <p>Montanha poupou casal</p> <p>Devastação e sofrimento</p> <p>Como a imprudência tornou maior o desastre</p> <p>Episódio é o 2º maior desastre do Brasil</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- intensidade</li> <li>- utilidade</li> <li>- inesperado</li> <li>-destruição</li> <li>- morte</li> <li>- emoção</li> </ul>
	15/01/11	4	<p>Uma incursão pelo vale da morte (manchete capa)</p> <p>A procura pelos parentes perdidos</p> <p>Gaúchos doam roupas e alimentos para as vítimas</p>	capa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atualidade</li> <li>- mudança</li> <li>-consequência</li> <li>- impacto</li> <li>- intensidade</li> <li>- utilidade</li> <li>- inesperado</li> <li>-destruição</li> <li>- morte</li> <li>- emoção</li> </ul>
	16/01/11	6	<p>Rio 2011-12-01 uma catástrofe brasileira</p> <p>48 horas de pânico e luta pela vida</p> <p>No epicentro da tragédia</p> <p>A luta de Borges para garantir o primeiro socorro</p> <p>As ameaças no estado (matéria sugerida pelo leitor)</p> <p>Tragédia para a história</p>	capa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atualidade</li> <li>- mudança</li> <li>-consequência</li> <li>- impacto</li> <li>- intensidade</li> <li>- utilidade</li> <li>- inesperado</li> <li>-destruição</li> <li>- morte</li> <li>- emoção</li> </ul>
	17/01/11	3	<p>Demora militar O lento socorro (manchete capa)</p>	capa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atualidade</li> <li>- mudança</li> <li>-consequência</li> <li>- impacto</li> </ul>

			Ajuda oficial chegou só no fim de semana  Nova Friburgo está abeira do cáos		- intensidade - utilidade - inesperado -destruição - morte - emoção
<b>Economia</b>	03/05/11	1	“Aeroportos no limites – Paciência de passageiros em teste”		- proximidade - inesperado - mudança -Atualidade -consequência - impacto - intensidade
	05/05/11	1	“Neblina toma conta – Aeroporto fecha cinco horas no mês”		- proximidade - inesperado - mudança -Atualidade -consequência - impacto - intensidade
	24 e 25/12/10	2	“Mau tempo no Brasil Mau tempo no exterior” (notas sobre o tempo no retorno dos vôos)  “Neve dá trégua na Europa”		-utilidade - morte -destruição -inesperado -Atualidade - Emoção - mudança -consequência - impacto - intensidade
<b>Geral</b>	07/02/11	1	“Força da água – Enxurrada mata em São Leopoldo”	Manchete com foto	- morte -destruição - proximidade - inesperado - mudança - Emoção -Atualidade -consequência - impacto - intensidade - utilidade
	08/02/11	1	“Temporal a caminho – Estado pode ter chuvarada e vento de 100km/h hoje”	Chamada de capa	- proximidade - mudança -Atualidade -consequência - impacto - intensidade - utilidade
	09/02/11	1	“Alívio Temporário – Chuva ameniza estiagem no RS”		- proximidade - mudança -Atualidade -consequência

					- impacto - intensidade - utilidade
	13/02/11	1	“Mudança no tempo – Semana deve começar com sol e calor de 30°C”	CAPA	- proximidade - mudança - utilidade - Atualidade
	01/05/11	3	“O Pampa em mutação – O clima gaúcho em transformação”		- proximidade - mudança - impacto - intensidade - utilidade
	02/05/11	1	“Virada no tempo – Frio chega com mais força no RS”		- proximidade - mudança - utilidade - Atualidade
	03/05/11	1	“Onda gelada – Frio se mantém intenso no Estado”		- proximidade - mudança - utilidade - Atualidade
	04/05/11	2	“Falta de energia – Empresas se comprometem a melhorar informações” “Efeito positivo – Água para um mês é poupada em Bagé”		- proximidade - Atualidade - consequência - proximidade - mudança - utilidade - Atualidade
	23/04/11	2	“Aguaceiro no feriado – Temporal provoca duas mortes”	Manchete de capa	- morte -destruição - proximidade - inesperado - mudança - Emoção -Atualidade -consequência - impacto - intensidade - utilidade
	24/04/11	4	“Tragédias da Enxurrada”	Capa com foto	- morte -destruição - proximidade - inesperado - mudança - Emoção -Atualidade -consequência - impacto - utilidade - intensidade
	26/04/11	1	“Efeito da chuva – Rodovia em	Manchete de capa	-destruição - proximidade

			meia pista até sexta'		- inesperado -Atualidade -consequência - impacto - intensidade - utilidade - mudança
	28/04/11	1	“Bloqueio na Serra – Deslizamento de rochas interrompe a BR-116”		-destruição - proximidade - inesperado -Atualidade -consequência - impacto - intensidade - utilidade - mudança
	24 e 25/12/10	1	Previsão do tempo no litoral (notas)		utilidade
	26/12/10	1	Chuarada de natal Temporal provoca cortes de água e luz	capa	- Atualidade - consequência -intensidade - proximidade -mudança  - Utilidade
		2	Praia à vista O caminho do veraneio		
	27/12/10	1	Começa o veraneio	capa	- utilidade - proximidade - consequência
	12/03/11	3	Difícil recomeço Dia de ver os estragos	capa	- morte -destruição -inesperado -Atualidade - Emoção - mudança -consequência - impacto - intensidade - utilidade - proximidade
	13/03/11	3	Novas promessas contra tormentas		-Atualidade - mudança -consequência - impacto
	13/03/11	1	Enxurrada Ministra visita são Lourenço  Chuva em SC		- morte -destruição -inesperado -Atualidade - Emoção

			fecha rodovias		<ul style="list-style-type: none"> <li>- mudança</li> <li>-consequência</li> <li>- impacto</li> <li>- intensidade</li> <li>- utilidade</li> <li>- proximidade</li> </ul>
	14/03/11	1	BR é liberada após enxurrada		Consequência utilidade
	15/03/11	1	Chuva afeta 24 cidades catarinenses		<ul style="list-style-type: none"> <li>- morte</li> <li>-destruição</li> <li>-inesperado</li> <li>-Atualidade</li> <li>- mudança</li> <li>-consequência</li> <li>- impacto</li> <li>- intensidade</li> <li>- utilidade</li> </ul>
	11/01/11	1	<p>Emergência pela estiagem se alastra na metade sul</p> <p>Um plano B para abastecer Bagé</p> <p>Semana terá uma trégua no calorão</p>	capa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- proximidade</li> <li>-Atualidade</li> <li>- mudança</li> <li>-consequência</li> <li>- impacto</li> <li>- intensidade</li> <li>- utilidade</li> </ul>
	11/01/11	1	Mar verde e cristalino		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Proximidade</li> <li>-Consequências</li> <li>-Utilidade</li> </ul>
	12/01/11	1	44% da chuva do mês em uma hora	capa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- proximidade</li> <li>-Atualidade</li> <li>- mudança</li> <li>-consequência</li> <li>- impacto</li> <li>- intensidade</li> <li>- utilidade</li> <li>-inesperado</li> </ul>
	12/01/11	2	<p>Temporais matam pelo menos 14 em S P</p> <p>Chuvas provocam mortes em SP</p>	capa	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Atualidade</li> <li>- mudança</li> <li>-consequência</li> <li>- impacto</li> <li>- intensidade</li> <li>- utilidade</li> <li>- inesperado</li> <li>-destruição</li> <li>- morte</li> </ul>

	16/01/11	1	Sábado começa nublado, mas domingo promete		Utilidade Atualidade Proximidade
<b>Campo e lavoura</b>	12/01/11	1	“Pecuaristas tentam driblar a falta de chuva”		- proximidade -Atualidade - mudança -consequência - impacto - intensidade
	29/12/10	1	Estiagem já põe campo em emergência no RS	Capa	- utilidade - Atualidade - destruição - emoção - proximidade - impacto - intensidade - Consequência
<b>Total</b>	<b>41 edições</b>	<b>164</b>			



**ANEXO A - Páginas analisadas das edições de 26 de dezembro de 2010, 7 e 10 de fevereiro de 2011, 11 de março de 2011, 25 e 26 de abril de 2011 e 1 e 2 de maio de 2011.**

24 Geral

ZERO HORA - DOMINGO, 26 DE DEZEMBRO DE 2010

VERÃO 2011

CarHouse TOYOTA

Lojas  
**Lebes**  
Acreditando na felicidade.**ROSSI**  
Atlântida

## PRAIA À VISTA

**O caminho do veraneio**

GUILHERME MAZUI e MAICON BOCK\*

Hoje é o dia em que o pensamento de milhões de gaúchos passa oficialmente a convergir para um único ponto: o litoral do Rio Grande do Sul. Pissado o Natal, é chegada a hora de olhar para a praia. E o que ela promete, desta vez, é um verão de tirar o fôlego. Tudo conspira para uma temporada memorável, a começar pela meteorologia, que prenuncia sol e mais sol por três meses consecutivos. A esse fator climático juntam-se outras condições especiais. Exatamente um ano atrás, o país ainda sentia os efeitos da

crise econômica mundial. Agora, o clima de cautela deu lugar à euforia. Com dinheiro no bolso, os gaúchos vão lotar as praias. Essa lotação será de um nível poucas vezes visto, graças ao boom imobiliário dos últimos anos, que polvilhou o Litoral Norte de prédios de apartamentos e condomínios fechados, expandindo a capacidade das praias de receber gente e sofisticando os serviços na região. Este será também o primeiro verão da BR-101 duplicada. E, para o sul do Estado, de duplicação da rodovia que liga o centro de

Rio Grande à praia do Cassino. Essa combinação de fatores positivos tem uma contrapartida complicada: em 2011, os veranistas precisarão de um pouco mais de paciência para encontrar aluguéis em alta, ruas congestionadas e serviços sobrecarregados. Confira nestas páginas qual a vai ser a cam deste verão.

guilherme.mazui@zerohora.com.br  
maicon.bock@zerohora.com.br

\*Colaborou Itamar Melo

**Previsão de muito sol****A METEOROLOGIA**

O maior responsável pelo sucesso de uma temporada na praia não vai decepcionar os gaúchos. No verão de 2011, o sol vai brilhar muito. O motivo é o fenômeno La Niña, que deve provocar uma forte estiagem no começo do ano no Rio Grande do Sul. Será ruim para a agricultura, mas perfeito para quem estiver à beira-mar.

O lado ruim do La Niña é o vento. O fenômeno provocará a chegada periódica de massas de ar frio.

— Esse sistema, típico do inverno, vai tornar o vento Nordeste mais frequente — avisa Etnael Sias, da Central de Meteorologia.

**Mês a mês**

• **Janeiro** — Teve 17 dias de chuva no Litoral Norte em 2010. Deve ser de novo o mês mais chuvoso, mas com predomínio de dias ensolarados.

• **Fevereiro** — Teve 10 dias de chuva em 2010 e agora deve ter menos ainda. O prognóstico é de cerca de 120 milímetros de chuva no período, contra 176 milímetros da média histórica.

• **Março** — A previsão é de 100 milímetros de precipitação, contra uma média histórica de 128 milímetros. A tendência é de que, em 2011, haja menos do que os 16 dias de chuva registrados em 2010.

**Início de viagem****AS RODOVIAS**

O caminho de ida e volta para as praias, no sul e no norte, deve ser mais fácil nesta temporada. Confira:



**1 BR-101** — O início do veraneio representa o fim da espera de mais de uma década pela duplicação da BR-101, entre Osório e Torres. Foram entregues 88 quilômetros de pista dupla.

**2 Viaduto em Curumim** — Uma obra que deve melhorar a vida dos veranistas é o viaduto no entroncamento da Estrada do Mar com a Rota do Sol (ERS-486), em Curumim. A promessa do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (Daer) é de que fique pronto até o dia 30.

**3 Estrada do Cassino** — No Litoral Sul, um trecho duplicado da Estrada do Cassino, que liga o balneário ao centro de Rio Grande (ERS-734) foi liberado pelo Daer.

**A casa à beira-mar****OS ALUGUÉIS**

Prepare-se para a possibilidade de ouvir um "não" ao tentar alugar uma casa no litoral gaúcho. Conforme a época desejada e o número de dias pretendido, encontrar um endereço à beira-mar pode ser complicado. Esteja pronto também para pagar mais caro. Os preços neste veraneio estão 10% acima dos praticados no verão passado — de R\$ 100 a R\$ 250 por dia para casas de padrão médio.

É a procura elevada que vai tornar mais difícil fechar um contrato. Nos períodos menos concorridos do verão, a ocupação das casas de aluguel deve ficar acima dos 75%. Nos momentos de pico, como a virada do ano e o Carnaval, chegará a quase 100%. Com a demanda em alta, muitos proprietários só estão aceitando alugar por períodos prolongados.

— Dois meses atrás, já tinha gente querendo garantir aluguel para o Carnaval. Não estamos alugando, para ver o que acontece. Os proprietários querem alugar por períodos de pelo menos 10 dias. Eles podem selecionar mais porque há bastante procura — diz Carlos Garcia, presidente da Associação das Imobiliárias e Corretores de Imóveis de Tramandaí e Imbé.

Os preços neste veraneio estão

**10%**

acima dos praticados no verão passado.

**O verão da paciência****SITUAÇÃO URBANA**

A missão de se desestressar na orla depois de um ano de trabalho na cidade vai ser um pouco mais difícil nas praias gaúchas em 2011. Os veranistas deverão incluir na bagagem doses extras de paciência. Eles serão necessários para lidar com balneários mais lotados e mais congestionados do litoral. São quatro os motivos para isso:

**1 Mais dinheiro** — No verão passado, o Brasil ainda saía da crise econômica. Neste, vive um momento de crescimento. Com mais dinheiro no bolso, mais gente vai poder gastar em temporadas na praia.

**2 Mais carros** — Em apenas cinco anos, a frota de veículos do Estado aumentou 27%, convulsionando os centros urbanos. No verão, o problema vai se transferir para a beira-mar.

Desde dezembro de 2005,

a frota gaúcha cresceu em

**1,26 milhão**

de veículos

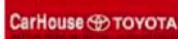
**4 Mais gente** — Além de receber um número maior de veranistas, as praias do Litoral Norte estarão mais atrolhadas porque há mais gente morando nelas.

Os oito principais municípios do Litoral Norte já somam 180 mil habitantes — um

acréscimo de

**45 mil**

em relação a 2000.



### O atendimento ao veranista

#### OS SERVIÇOS

Com o aquecimento da economia e a multiplicação dos postos de trabalho, empresas do litoral enfrentam dificuldades para fazer as contratações temporárias – o que pode afetar a qualidade do serviço que será oferecido aos veranistas.

As agências do Sistema Nacional de Empregos (Sine) no Litoral Norte têm hoje cerca de mil vagas abertas à espera de interessados. Somente em Imbé, são 284 vagas. Mesmo começando antes a contratação, as empresas não conseguiram preencher todas as vagas. Uma loja de lingerie de Tramandaí, por exemplo, abriu 14 vagas em agosto. Quatro ainda estão abertas por falta de interessados.

Em uma lancheria do mesmo município, seis vagas continuam desocupadas, apesar de placas pedindo gente na porta do estabelecimento.

### As atrações

#### ESPORTES

Conhecida como santuário do kitesurf, a praia do Cassino terá novas modalidades chamando a atenção em 2011. Elas exigem equilíbrio e jogo de pernas, mas em terrenos diferentes. Na areia, a nova onda é o skate elétrico (foto abaixo, à direita). Na água, trata-se do stand up paddle (SUP), um tipo de surf que usa um pranchão e um remo (foto acima).

Com o skate elétrico, dotado de motor e controle remoto sem fio, os praticantes rodam pela praia em velocidades de até 30 km/h. O veículo disputa espaço na areia com carros, motos e bicicletas. O fim da tarde é o horário preferencial da tribo do skate.



EDUARDO BELLEZI, ESPECIAL, 09/04/2010

REUTERS/ALAMY

### Luxo

#### MORDOMIAS LITORÂNEAS

A temporada 2011 deve ser de mais mordomia à beira-mar. Com o crescimento dos condomínios fechados, consolida-se a oferta de serviços exclusivos para os proprietários de lotes e casas. No verão passado, surgiram clubes organizados pelos empreendimentos para oferecer vantagens aos clientes. Em 2011, a tendência é de expansão de benefícios e opções.

Além de serem transportados da porta de casa até a areia, veranistas contam com barracas, guarda-sóis, garçons e têm até chef à disposição. Ana Paula Mainardi, concierge (espécie de gerente) do

Ventura Club, em Xangri-lá, explica que este será o verão da solidificação desse tipo de serviço.

– No verão passado, tínhamos 30 casas construídas e oferecíamos basicamente petiscos na praia, com garçons. Agora, temos 110 casas, e os clientes já querem que a gente sirva almoço. Por isso, ampliamos e incrementamos o cardápio – conta Ana Paula.

Junto à beira-mar, o Ventura tem uma casa de dois pavimentos onde são centralizados os serviços. O imóvel exclusivo para o veraneio tem banheiros, vestiário, piscina infantil, fraldário, bar, sofás e redes para descanso.

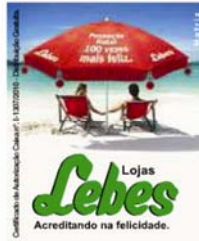
### Comportamento

#### LITORAL CONECTADO



Este será o verão em que, instantes depois de deparar com uma beladade de biquíni, o veranista mais maroto já terá postado fotos dela no seu twitter. Será a temporada em que vai se ler o jornal ou um bom livro à beira-mar não só em papel, mas também no e-reader, no telefone celular ou no iPad. Vai ser o veraneio no qual quem ficou na cidade acompanhará, em tempo real, a evolução do bronzeado e os mergulhos dos e-amigos em férias.

Esse verão digital será proporcionado pela popularização dos smartphones, pela difusão das redes 3G e pela chegada ao país dos e-readers e dos tablets, avidos por estrear nas areias.



### Os ícones

#### UM VAI



REUTERS/ALAMY

#### OUTRO VOLTA



REUTERS/ALAMY

### Temporada estendida



Para a alegria de veranistas, comerciantes e donos de hotéis, o veraneio de 2011 será mais longo do que os anteriores. No verão passado, a temporada se encerrou para a maioria já em 20 de fevereiro, o domingo seguinte ao Carnaval, festa que normalmente dita o fim do veraneio. Em 2011, o Carnaval é só em 8 de março.

Quem for ao Litoral Norte, deixará de encontrar um ícone. Quem visitar o Litoral Sul, terá a oportunidade de reencontrar outro.

A despedida é do Baronda, bar instalado desde 1968 na beira-mar de Capão da Canoa. A Superintendência de Patrimônio da União acaba de retomar a área. A retirada da estrutura ampliou o espaço para os veranistas. Quem já esteve no local testemunhou, conforme avaliação do advogado Márcio Cardoso, 31 anos, a união de duas partes de Capão que quase não se viam devido ao bloqueio criado pelas paredes do bar.

O retorno da temporada, por sua

vez, é das vagonetas, um dos principais atrativos do Cassino. Devido à obra de ampliação dos molhes da Barra, os vagões à vela ficaram dois anos e 11 meses fora de circulação. Desde outubro, voltaram a percorrer a linha de trilhos com quatro quilômetros de extensão. Por dentro do molhe oeste, os carrinhos partem da areia e avançam no Oceano Atlântico. A travessia leva cerca de uma hora. Custa R\$ 20 para quatro pessoas.



Danielle Hansen e Grace Scherer no bar da piscina em Xangri-Lá

ERVA POLÊMICA

**Acre regulamenta o uso do daime**

O governo do Acre regulamentou o daime (ayahuasca), chá de efeito alucinógeno usado em cultos religiosos. Entidades terão de se cadastrar no Instituto de Meio

Ambiente do Acre e usar a erva até um limite. O daime foi alvo de polêmica após o assassinato do cartunista Glauco, em março, por um rapaz da sua seita, que utiliza o chá.

NATAL SEM LUZ

**Falta de energia atinge 16 bairros da Capital**

Chuva deixou mais de 47 mil pessoas no escuro na madrugada do feriado

As agências e anunciantes	
ZERO HORA altera horário de fechamento publicitário no feriado	
Devido ao feriado de ANO-NOVO, 1º de janeiro, nosso horário de fechamento comercial sofrerá as seguintes alterações:	
Edição	Noticiário
Edição	Fechamento
Edição conjunta dos dias 31/12/10 e 1º/1/11, sexta-feira e sábado	Autorização e material para compor: quinta-feira, 30/12/10, 16h Entrega de material pronto: quinta-feira, 30/12/10, 20h
Edições dos dias 2, 3/1/11, domingo e segunda-feira	Autorização e material para compor: quinta-feira, 30/12/10, 17h Entrega de material pronto: quinta-feira, 30/12/10, 21h
2º Caderno edição conjunta dos dias 31/12/10 e 1º/1/11, sexta-feira e sábado	Autorização e material para compor: quarta-feira, 29/12/10, 15h Entrega de material pronto: quinta-feira, 30/12/10, 12h
2º Caderno do dia 3/1/11, segunda-feira	Autorização e material para compor: quinta-feira, 30/12/10, 18h Entrega de material pronto: quinta-feira, 30/12/10, 18h
2º Caderno do dia 4/1/11, terça-feira	Autorização e material para compor: quinta-feira, 30/12/10, 15h Entrega de material pronto: segunda-feira, 3/1/11, 12h
Viagem do dia 4/1/11, terça-feira	Autorização e material para compor: quinta-feira, 30/12/10, 15h Entrega de material pronto: segunda-feira, 3/1/11, 12h
Casa & Cia do dia 4/1/11, terça-feira	Entrega de material pronto: quinta-feira, 30/12/10, 12h
ZH Digital do dia 5/1/11, quarta-feira	Autorização e material para compor: quinta-feira, 30/12/10, 16h Entrega de material pronto: terça-feira, 4/1/11, 12h
Vestibular do dia 5/1/11, quarta-feira	Entrega de material pronto: quinta-feira, 30/12/10, 12h
Campo & Lavoura - Gastronomia do dia 31/12/10, sexta-feira	Entrega de material pronto: quinta-feira, 30/12/10, 12h
Vida e Cultura do dia 1º/1/11, sábado	Entrega de material pronto: quinta-feira, 30/12/10, 12h
Donna do dia 2/1/11, domingo	Entrega de material pronto: quinta-feira, 30/12/10, 16h
Empregos & Oportunidades do dia 2/1/11, domingo	Entrega de material pronto: quinta-feira, 30/12/10, 15h
Dinheiro do dia 2/1/11, domingo	Autorização e material para compor: quinta-feira, 30/12/10, 16h Entrega de material pronto: quinta-feira, 30/12/10, 19h
ZH Moinhos e ZH Menino Deus do dia 6/1/11, quinta-feira	Autorização e material para compor: quinta-feira, 30/12/10, 18h Entrega de material pronto: segunda-feira, 3/1/11, 18h
Esportes do dia 3/1/11, segunda-feira	Autorização e material para compor: quinta-feira, 30/12/10, 17h Entrega de material pronto: quinta-feira, 30/12/10, 19h
ZH Classificados	
Edição do dia 1º/1/11, sábado	Autorização e material para compor: quarta-feira, 29/12/10, 18h Linhas: quinta-feira, 30/12/10, 13h Pronto: quinta-feira, 30/12/10, 13h30min
Edição do dia 2/1/11, domingo	Autorização e material para compor: quarta-feira, 29/12/10, 18h Empregos / Informática / Produtos e Serviços / P. Legal: Linhas - quinta-feira, 30/12/10, 14h Pronto - quinta-feira, 30/12/10, 15h Veículos e Imóveis: Linhas - quinta-feira, 30/12/10, 17h Pronto - quinta-feira, 30/12/10, 17h
ClassDonna do dia 2/1/11, domingo	Entrega de material: terça-feira, 28/12/10, 15h
ClassDigital do dia 5/1/11, quarta-feira	Entrega de autorização: quinta-feira, 30/12/10, 15h

SABRINA CORREA Especial ZH

Pior do que suportar os cerca de 28°C registrados à meia-noite de Natal, em Porto Alegre, foi passar a madrugada sem energia elétrica.

Esse foi o martírio vivido por pelo menos 47,5 mil consumidores da CEEE em razão da chuva.

Foram atingidos mais de 16 bairros da Capital - a maior parte deles afetada pelo dia até a manhã seguinte. Também houve registro de falta de luz em pontos isolados de cidades da Região Metropolitana, como Viámio e Alvorada, e abrigamentos em Sapiranga, no Vale do Sinos.

Morador do bairro Moinhos de Ventos, o engenheiro Alberto Marchesi, 64 anos, quase cancelou o almoço de ontem. Com alimentos a serem descongelados e à espera de alguns familiares idosos, que precisariam subir seis andares de escada, Marchesi e a mulher tentaram, sem sucesso, buscar informações no call center da concessionária. A luz só retornou às 10h30min, depois de nove horas de aflição.

- Liguei mais de 10 vezes para o

0800 e não consegui atendimento. O maior transtorno é a total falta de consideração. Queríamos apenas uma previsão - reclama o engenheiro.

A mesma queixa chegou a ZH do bairro Jardim Leopoldina. Depois de virar a madrugada servindo uma ceia, tudo o que o garçom Paulo da Costa Pereira, 56 anos, desejava era um bom banho. Só foi possível depois das 14h. Menos sorte ainda teve a técnica de enfermagem Maria Graziela Mendonça, 29 anos. Anfitriã da festa, Maria conta que a interrupção do serviço no bairro Partenon ocorreu às 22h30min. Até o fim da tarde de sábado, a situação seguia a mesma.

- Jantamos a luz de velas naquele calorão. Meu marido fez churrasco de lanterna. As tortas derreteram. Esperamos o ano todo pela noite de Natal e aconteceu esse caos - indigna-se Maria.

Com o temporal, foram desativados 16 alimentadores da CEEE. A Zona Sul sentiu ainda a falta de água. Por algumas horas, seis estações de bombeamento do Departamento Municipal de Água e Esgotos (Dmae) pararam de funcionar na região, afetando 80 mil pessoas. Conforme a assessoria de imprensa do órgão, parte do problema surgiu devido ao excesso de consumo.

*Graças ao filho*

A convite de ZH, o escritor e jornalista Ailton Ortiz escreveu um relato de um Natal sacudido por duas mazelas bem brasileiras: chuva e caos aéreo.



Ao sair da Igreja da Natividade, em Belém, pedi um bom retorno ao Brasil. Não sou de fazer pedidos desse tipo, mas a ocasião era propícia. Confiante, passei por Jerusalém e embarquei em Tel Aviv. Viajei para o Cairo e de lá para Istambul, de onde segui para São Paulo.

O voo J 3295 deveria decolar às 22h15min de sexta-feira. Chegaria a Porto Alegre a tempo de participarmos da ceia de Natal Deveria. O avião da TAM saiu à 0h20min. Motivo? O próprio comandante explicou: nossa aeronave não tinha piloto. Foi preciso que ele chegasse de Recife, trocasse de avião e viesse nos trazer a Porto Alegre.

Eu estava cochilando quando senti o avião arremeter. Quem nos esperava no aeroporto viu o aparelho quase tocar no solo e subir de novo. Ficaram apavorados. Chovia, e muita. O comandante explicou que voaríamos durante 30 minutos sobre a Capital na espera de melhor tempo. Voamos. Medo lá em cima, angústia aqui embaixo. Tentamos pousar de novo, mas agora nem perto do solo chegamos: nova arremetida. Como da primeira vez: os raios iluminavam as asas do avião. O comandante, aquele que viera de Recife e estava cansado, informou que iríamos para Florianópolis, pois o combustível não dava para mais esperar.

As condições climáticas melhoraram em Porto Alegre, podíamos voltar. Foi o que fizemos, após reabastecer: O avião de gasolina; os passageiros, de ânimo. Às 5h, no dia de Natal do ano da Graça de 2010, aterrissamos no Salgão Filha. Logo a seguir, caiu outra tromba d'água. Graças a Deus, me disse uma senhora. Graças ao filho Dele, respondi. Ela não entendeu, mas já não fazia diferença. Estávamos em casa. Da próxima vez que voltar a Belém vou agradecer pela graça alcançada.

RELATOS

Um mural em zehora.com convidou leitores a relatarem problemas de energia elétrica na noite de Natal na Capital. Confira alguns:

ROBERTO ACKERMANN, às 10h35min

“Bastou chover 10 minutos para faltar luz: da 1h25min às 6h30min. Já sou conhecido dos atendentes, pois onde moro (próximo ao Gasômetro), é chover para faltar luz.”

SUZIANE ALVES, às 11h59min

“Comemos a ceia no escuro, as bebidas todas quentes, sorvete derretido e todo mundo suando por falta de ar-condicionado. Um Natal inesquecível para todos.”

Contraponto

O que diz José Antônio Lopes dos Santos, diretor de distribuição da CEEE:

Santos considera que não houve demora se considerada a demanda que chegou à concessionária. A principal dificuldade para o reestabelecimento da energia seria a vegetação caída sobre a rede elétrica.

Segundo o diretor, por volta das 3h de ontem havia mais de 47 mil consumidores sem energia e, às 17h30min, o

número foi reduzido a mil. A expectativa era normalizar o fornecimento até o fim do dia. O atendimento contou com 75 eletricitistas - incluindo todos os que estavam em sobreaviso, conforme a CEEE - e 50 pessoas no call center. A demora para o atendimento no call center é atribuída ao volume de ligações, de acordo com o diretor. Uma equipe de cerca de 25 pessoas atende, em média, 6 mil ligações por dia. No sábado, o número era de 20 mil até as 17h30min.

www.zerohora.com

# ZERO HORA

NA PRAIA DE REMANSO, A  
POLÊMICA DO TÚNEL VERDE

PÁGINA 28

PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 7 DE FEVEREIRO DE 2011 - ANO 47 - Nº 16.591 - 2ª EDIÇÃO SC/PR - R\$ 2,50/ DEMAIS REGIÕES - R\$ 3,50/ URUGUAI - \$ 48 R\$ 2,00

## Enxurrada destrói na Grande Porto Alegre

Chuvarada invade casas, expulsa famílias, transtorna hospital e trensurb e, em São Leopoldo, onde foi mais forte, causa a morte de jovem que salvou familiares



No bairro Santo André, em São Leopoldo, populares e bombeiros se uniram num resgate dramático para socorrer moradores

PÁGINA 26

### Rodoviária em baixa Ônibus cede espaço a carros e aviões

Poder aquisitivo provoca revolução no modo de viajar. **Páginas 4 e 5**



### Mercado exportador Missão europeia avalia frango do RS

Inspetores visitam granjas gaúchas para aprimorar programa de certificação. **Página 16**

CADERNO DE ESPORTES

### Derrota do Inter A já põe Roth sob pressão



Depois de perder para o Veranópolis por 2 a 1, técnico critica desperdício de gols e atacante jovem

### Argentinos movimentam Salgado Filho



Bolatti Escudero

OLHAR INFANTIL

### Leitora de 10 anos interpreta editorial

Conselheira mirim de ZH comenta opinião da RBS. **Pág. 14**



## Geral

## FORÇA DA ÁGUA

## Enxurrada mata em São Leopoldo

Os 120 milímetros de chuva que caíram sobre o município da Região Metropolitana expulsaram de casa dezenas de famílias

Depois de desabrigar dezenas de famílias, invadir casas e alagar ruas, a enxurrada registrada ontem no Vale do Sinos castigou de forma ainda mais severa a família Martins, no bairro Santo André, em São Leopoldo.

A valentia típica dos adolescentes fez com que Josias Samuel Martins de Lima, 19 anos, enfrentasse o Arroio Kruze para socorrer familiares de sua companheira, ilhados na casa do sogro. Ao tentar resgatar a quinta vítima, um choque elétrico abreviou a vida do rapaz que seria pai pela segunda vez e sonhava concluir o Ensino Médio.

Olhares estavam atônitos no Beco do Deco, local mais atingido no Santo André, no início da tarde de ontem, quando a chuva deu uma trégua. Os moradores enfrentaram a quinta enxurrada nos últimos 10 anos. Choveu em torno 120 milímetros em menos de cinco horas, na região, segundo dados da Defesa Civil - o número corresponde à média do mês inteiro.

Lima morava com a companheira, Bruna Ruas, 20 anos, a 300 metros de onde ocorreu o incidente. Chamado pelos sogros, conseguiu salvá-los e aos dois irmãos de Bruna, além do cachorro da família. Quando viu uma vizinha idosa se afogando, foi em direção à residência, mas encostou em um poste com instalação elétrica clandestina e levou um choque. Bruna foi encaminhada para o hospital em estado de choque.

O jovem trabalhava em uma empresa de montagem de torres de energia em Santa Cruz do Sul, o que fazia com que ficasse longe da família durante a semana. Lima foi pai pela primeira vez aos 16 anos. Por isso, parou os estudos.

Ele torcia para que o filho que Bruna espera fosse um menino - conta a cunhada do rapaz, Silvana Lima.

Hoje, o dia será de limpeza no Beco do Deco. Segundo a prefeitura de São Leopoldo, 20 famílias ficaram desabrigadas, três delas perderam as casas.

Vamos procurar um local definitivo para ficarem - explica o secretário geral de governo, Olger Peres.



Foram necessários botes para resgatar os moradores do bairro Santo André, onde um jovem morreu

## Em três dias, três temporais

Em questão de minutos, moradores de 13 bairros da Sapucaia do Sul tiveram suas casas tomadas pela água da chuva que caiu por volta das 11h de ontem. A combinação da chuva forte mais o lixo deixado pelas ruas resultou em perdas de eletrodomésticos, móveis e até mesmo casas. Cerca de 190 famílias foram retiradas das áreas mais prejudicadas da cidade, como a Vila Trensurb. Na Avenida José Joaquim, a água chegou a ficar na altura da cintura, e o resultado foi muita lama dentro das casas.

De acordo com o meteorologista Cléo Kuhn, da Central de Meteorologia, essas chuvas na Região Metropolitana se caracterizam por serem temporais isolados, típicos do verão, por isso os moradores de Porto Alegre não foram afetados. Na sexta-feira, Viamão e Alvorada foram atingidas pelas chuvas e, no sábado, Cachoeirinha sofreu com a grande quantidade de água em pouco tempo.



Lima

## Mais ocorrências

• O Centro Obstétrico do Hospital Centenário, localizado no térreo do prédio, precisou ser interditado em função da chuva. Duas gestantes foram encaminhadas para outro hospital. Entre hoje e amanhã, o atendimento no setor obstétrico deve voltar ao normal.

• No limite dos municípios de Novo Hamburgo e São Leopoldo, os bairros Palmeira e Braz tiveram casas invadidas pelas águas do Arroio Gauchinho. Cerca de 30 famílias tiveram de deixar temporariamente suas casas.

• A estação do trensurb em Sapucaia do Sul foi atingida. O sentido Sapucaia-São Leopoldo deve ser liberado hoje pela manhã. O sentido contrário foi liberado ontem. A chuva também causou congestionamento na BR-116, no município. O km 253 ficou alagado, e o trânsito precisou ser desviado.

## ENTREVISTA

Gilberto Ruas, sogro de Josias Samuel Martins de Lima, vítima na enxurrada

*“Ele viu uma vizinha se afogando e quis ajudar”*

Sogra do jovem que morreu resgatando familiares em São Leopoldo, o pintor Gilberto Ruas, 43 anos, contou à Zero Hora os momentos de tensão vividos por sua família:

Zero Hora - Como foi que perceberam que não dava mais para sair de casa?

Gilberto Ruas - Foi questão de minutos, a água subia muito rápido. As crianças estavam chorando. A gente chamou os Bombeiros, mas ninguém aparecia. Daí chamamos o Josias (Lima) e a Bruna por telefone.

ZH - Como Lima conseguiu resgatá-los?

Ruas - Estava muito arriscado, mas ele não pensou duas vezes, se atirou na água e retirou primeiro as crianças. Ele estava com uma corda e um colete salva-vidas. Depois tirou a minha mulher, eu e até o cachorro da nossa família. Ficamos mais calmos e estávamos conversando com a Bruna. Mas aí ele viu uma vizinha se afogando e quis ajudar, foi quando ele levou o choque. Havia fios de rede clandestina no poste. Ele caiu na água e fomos pegá-lo. Em seguida, ele morreu. Se não fosse ele, nós estaríamos mortos.

## Próximos dias

**HOJE**

• O sol aparece desde o início do dia, e as temperaturas dispararam, chegando aos 35°C em cidades do centro do Estado. A previsão de chuva forte é restrita ao norte gaúcho, de forma rápida e isolada.

**AMANHÃ**

• Risco de temporais generalizados a partir da tarde em cidades das Missões e do Noroeste. Em Porto Alegre o dia ainda é de domínio do sol com temperaturas alcançando os 36°C.

**QUARTA**



• Com o tempo fechado e muitas nuvens, o acumulado de chuva pode passar dos 70 mm entre terça e quarta. Em Caxias do Sul, mínima de 18°C.

**Em março de 2011 o Ministério do Trabalho passará a fiscalizar as empresas que utilizam controle de ponto eletrônico.**

**Deixe a sua empresa a salvo de multas!**

O Ministério do Trabalho determinou: a partir de 1º de março de 2011, todas as empresas que utilizam controle de ponto eletrônico devem utilizar apenas equipamentos aprovados pelo MTE sob pena de multa. Entre em contato com a Antirion e compre agora mesmo o Inner Rey, relógio de ponto eletrônico fabricado pela Topdata e aprovado pelo MTE.

**Antirion Passo Fundo: (54) 3313-1170 - Antirion Caxias do Sul: (54) 3223-9532 - vendas@antirion.com.br**

www.zerohora.com

# ZERO HORA

ALERTAS PARA A COMPRA DO MATERIAL ESCOLAR  
PÁGINA 33

APLICATIVO AJUDA OS CATÓLICOS NA CONFISSÃO  
PÁGINA 27

PORTO ALEGRE, QUINTA-FEIRA, 10 DE FEVEREIRO DE 2011 - ANO 47 - Nº 16.594

SC/PR - R\$ 2,50/ DEMAIS REGIÕES - R\$ 3,50/ URUGUAI - \$ 48

R\$ 2,00

**R\$ 50 bi de enxugamento**

# Dilma corta gastos e suspende nomeações



Como medida para atacar a inflação, Planalto faz redução recorde no orçamento, obriga os ministros a economizar e gera mal-estar no Congresso ao bloquear emendas parlamentares.

PÁGINAS 6, 8, 9, 12 e 24

## ESTIAGEM E CHUVA MALTRATAM GAÚCHOS



O tempo instável que se estabeleceu esta semana (na foto, Capão) produz situações contraditórias entre as regiões do Estado

**Municípios em emergência: 28 pela enxurrada 19 pela estiagem**

PÁGINAS 4, 5 e PÁGINA DO TEMPO (34)

## Gauchão

**Vitória dá vantagem ao Grêmio**



Com gol de Maylson, time derrota São Luiz por 1 a 0 e garante melhor campanha do 1º turno. **Esportes**



Reportagem Especial

# RS NOS EXTREMOS

## Entre excesso e falta

*As precipitações intensas nos últimos dias causam prejuízos em alguns municípios, mas ainda são insuficientes para pôr fim à estiagem nas regiões Sul e Campanha*

MARCELO GONZATTO

A chuvarada dos últimos dias vem provocando estragos e alagamentos em várias regiões do Estado, mas ainda não foi capaz de atenuar a estiagem nas áreas mais afetadas pelo problema.

Isso ocorre porque os municípios do Sul e da Campanha ainda se ressentem da pouca precipitação registrada até janeiro e pelo fato de que a chuva muito rápida e concentrada dificulta a absorção da água pelo solo.

A seca sobre o Estado foi amenizada nas últimas semanas pelo surgimento de uma grande massa de ar seco sobre a região Sudeste, o que favorece a chegada da umidade amazônica até o Sul. Por isso, temporais se formam com maior facilidade, e o nível de precipitação aumentou em relação aos últimos meses do ano passado. Porém, o fenômeno ainda não conseguiu recuperar o déficit acumulado em cidades como Bagé – onde em fevereiro já choveu 63% do esperado para este mês.

– A chuva não está resolvendo porque não é contínua. Se chove muito em pouco tempo, a água provoca alagamentos mas escapa para os leitos dos rios. Não dá tempo de o solo absorver. Seria melhor até que chovesse menos, mas por mais tempo – observa a meteorologista Olívia Nunes, da Somar Meteorologia.

Por isso, mesmo que o mau tempo tenha contribuído para atrasar 30% dos 171 voos previstos até as 18h de ontem no Aeroporto Internacional Salgado Filho em Porto Alegre, e mantenha 28 municípios em situação de emergência devido a enxurradas, ainda não foi capaz de reviver os pastos da Campanha.

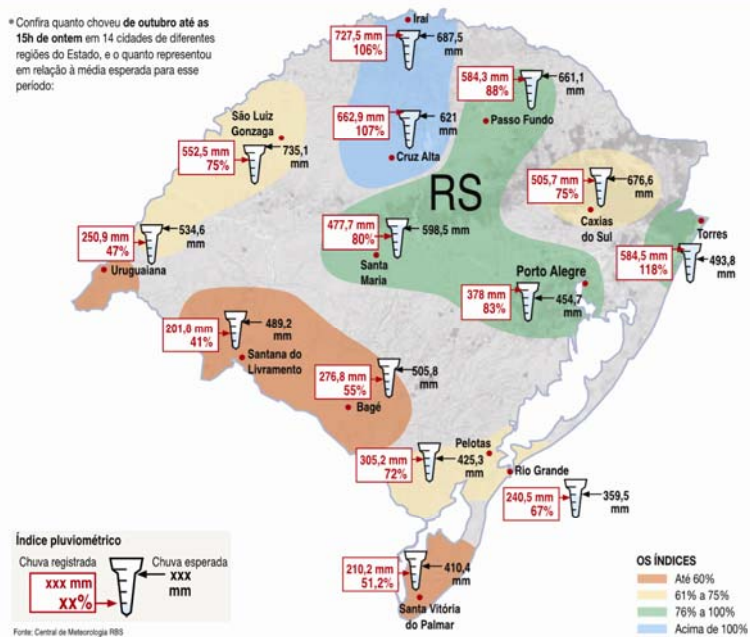
– Está tudo tranquilo com as grandes culturas, como o milho e a soja, que são plantadas mais para o norte do Estado. Os problemas seguem concentrados no Sul, nas pastagens do gado, nos assentamentos de agricultores e no abastecimento para o consumo – sustenta o engenheiro agrônomo da Emater Dulphe Pinheiro Machado.

Mais ao Norte, a chuva tem sido intensa. Conforme dados da manhã de ontem do Instituto Nacional de Meteorologia, Cruz Alta foi o município brasileiro que registrou a maior quantidade de chuva nas 24 horas anteriores, com 85,1 milímetros (66% da média mensal). Para os próximos meses, conforme Olívia Nunes, a previsão mantém a expectativa de precipitação abaixo da média histórica na maior parte do Estado.

marcelo.gonzatto@zerohora.com.br

### Quanto choveu

\* Confira quanto choveu de outubro até as 15h de ontem em 14 cidades de diferentes regiões do Estado, e o quanto representou em relação à média esperada para esse período:



OS ÍNDICES

- Até 60%
- 61% a 75%
- 76% a 100%
- Acima de 100%

### Transtornos

Dezenas de motoristas da Capital sofreram com a precipitação que atingiu, em menos de quatro horas, 33,4 milímetros, o equivalente a 30% da média histórica de fevereiro. A área mais afetada foi a Zona Norte.

Na Avenida Sertório, houve lentidão na pista do sentido Farrapos-Assis Brasil. Sob a elevação da Conceição, na Rua Voluntários da Pátria, passageiros precisaram molhar os sapatos para chegar aos terminais de ônibus. Em frente ao Instituto de Cardiologia, na Princesa Isabel, um galho de uma árvore caiu, bloqueando duas das três faixas.

A queda de galhos sobre a rede elétrica deixou mais de 7 mil clientes da CEEE sem luz em bairros como Cidade Baixa, Bom Fim, Menino Deus e Floresta.

Na estrada Capital-Vale do Sinos (BR-116), dois pontos da via lateral ficaram alagados devido à chuva, em Esteio e Sapucaia do Sul.



Queda de galhos bloqueou faixas da Avenida Princesa Isabel, em Porto Alegre

# de chuva



As precipitações afetam a vida de Zaqqo no campo e na cidade

## Racionamento é ampliado em Bagé

SANCLER EBERT

Basta o céu ficar escuro para Ricardo Zaqqo criar novas esperanças. Bajense, ele sofre com a estiagem que atinge o Estado de forma dupla. Morador do centro da cidade, convive com o racionamento. Produtor rural, precisa lidar com os prejuízos advindos com a seca.

Dos 200 hectares de soja plantados, nenhum será colhido. Sem perspectivas de que as plantas vingassem, o empresário levou todo seu rebanho para os campos de soja.

— Antes perder toda soja do que o rebanho todo — diz. Se administrar as propriedades não tem sido fácil, em casa não é diferente. Morando com a mulher e os três filhos na região central de Bagé, ele é o responsável por racionar o consumo de água na residência.

— Toda vez que chove a gente acredita que a situação pode melhorar, traz um alento — conta.

Zaqqo nem teve tempo de comemorar os 70 milímetros que caíram sobre Bagé nos últimos dias, isso porque a partir de hoje o racionamento na cidade passa de 12 para 13 horas por dia. Das 14h às 16h nenhum dos lados do município vai receber água.

A decisão foi tomada pelo diretor do Departamento de Água e Esgotos de Bagé (Daeb), Antonio Kiwal Parera, após identificar que a quantidade de chuva não tem sido suficiente para aumentar o nível das barragens. A Sanga Rasa, a maior delas, está seis metros abaixo do normal, e a do Pirai, 2m30cm abaixo do normal.

sancler.ebert@zerohora.com.br

### ENTREVISTA Antonio Kiwal Parera,

diretor do Departamento de Água e Esgotos de Bagé

## “Vou dando a medicação conforme o paciente reage”

**Zero Hora** — Por que, depois de dois dias de chuva, o Daeb ampliará o horário de racionamento?

**Antonio Kiwal Parera** — Choveu na Sanga Rasa, nossa maior barragem, 70 milímetros em 32 horas, mas chovia 10 milímetros e parava. Se tu dividires o que choveu pelo tempo total, dá pouco mais de dois milímetros por hora. Com isso, o reservatório recuperou apenas cinco centímetros. Percebendo que a chuva não tinha feito diferença e notando que desde outubro nós não paramos de perder água, resolvi apertar.

**Zero Hora** — O senhor tomou essa decisão após a chuva dos últimos dias ou já estava planejado?

**Parera** — Não, sou como um médico, vou dando a medicação conforme o paciente reage. Estávamos liberando 167 litros por segundo e

percebi que precisávamos reduzir. Sendo assim, aumentei o racionamento em uma hora. Assim um lado da cidade recebe das 3h às 14h e outra das 16h às 3h.

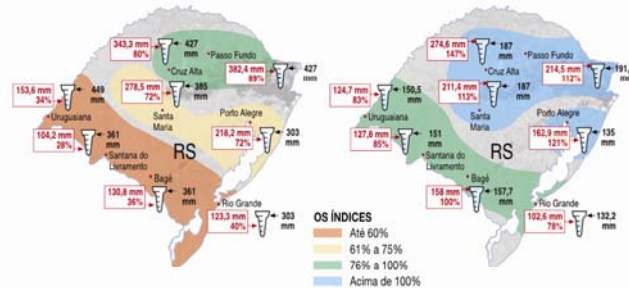
**Zero Hora** — Então a cidade toda fica duas horas sem água?

**Parera** — Sim, mas é porque as pessoas não têm usado suas caixas da água, mas sim o que vem pelo sistema, assim elas são obrigadas a usar a água das caixas.

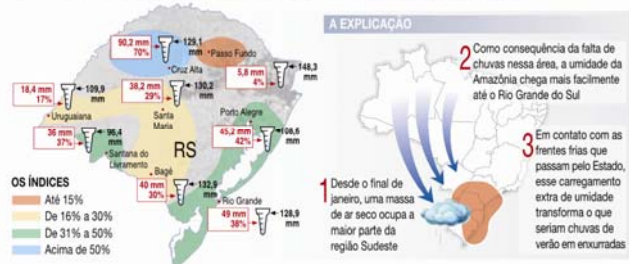
**Zero Hora** — A decisão também levou em conta o medo de que, com a chuva, a população se desarmasse e passa a consumir mais água novamente? Desperdiçar?

**Parera** — Você tocou num ponto importante. A população precisa entender que essa chuva não fez diferença.

**COMPARE**  
\* Chuva registrada em outubro, novembro e dezembro e quanto isso representa em relação ao esperado para esse período:  
\* Chuva registrada do início de janeiro até ontem e o quanto isso representou em relação ao esperado para esse período:



**AS ÚLTIMAS CHUVAS**  
Veja o quanto choveu em algumas regiões do Estado nos últimos dois dias, e o quanto representa da média do mês:



### Em emergência

A forte chuva dos últimos dias causou danos em municípios do norte gaúcho. Até o final da tarde de ontem, quatro prefeituras da região haviam decretado situação de emergência. **Áurea, Erechim, Gaurama e Viadutos** já encaminharam a documentação para a Defesa Civil do Estado e aguardam homologação. Os principais problemas estão nas estradas vicinais. Apenas em Erechim, cerca de 300 quilômetros precisaram de reparos. Por causa da estiagem, há 19 cidades em emergência. **Jaguarão e Rio Grande** entraram para a lista. O próximo deverá ser Pelotas, que registrou alagamentos ontem.

**19** municípios estão em emergência por estiagem e  
**28** municípios estão em emergência por enuradas



Chuva forte de ontem causou alagamentos em Pelotas



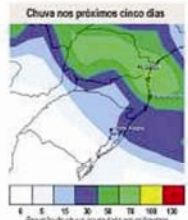
# Chuva diminui e temperatura sobe

O tempo volta a abrir hoje em boa parte do Rio Grande do Sul, e o sol predomina entre poucas nuvens, especialmente no centro e no Oeste. Assim, a temperatura sobe durante a tarde. No nordeste do Estado, incluindo a Grande Porto Alegre, na faixa litorânea e no extremo Sul, instabilidades associadas a um ciclone extratropical favorecem a ocorrência de chuva fraca no decorrer do dia.



Um ciclone extratropical que se formou no sul do Brasil provocou muitas nuvens, chuva e ventania ontem sobre o Estado.

Faixas de temperatura (°C)  
Temperaturas esperadas à mesma posição para hoje



**Previsão para Porto Alegre**

**Hoje**  
Poucas nuvens  
Manhã 24° Probab. de chuva: 60%

**Tarde**  
Poucas nuvens  
Tarde 28° Probab. de chuva: 0

**Noite**  
Céu claro  
Noite 20° Probab. de chuva: 0

**Sexta**  
Poucas nuvens  
Sexta 17°/30° Probab. de chuva: 0

**Sábado**  
Poucas nuvens  
Sábado 19°/25° Probab. de chuva: 80%

**Domingo**  
Poucas nuvens  
Domingo 17°/31° Probab. de chuva: 0

**Segunda**  
Céu claro  
Segunda 15°/30° Probab. de chuva: 0

**Luas**  
Nascente 7h03min Poente 20h14min



**Condições registradas ontem na área da sede da RBS**

Temperatura mínima: 22,4°C às 12h25min  
Temperatura máxima: 26°C às 19h45min  
Máximo registro de vento: 43 km/h às 11h15min  
Direção do vento: Norte  
Precipitação das 0h às 18h: 30,23mm  
Pressão às 18h: 1007,99  
Ponto de orvalho às 18h: 22°C  
Umidade às 18h: 76%

Veja mais informações sobre o tempo em [climaempo.clicrbs.com.br](http://climaempo.clicrbs.com.br)

Receba a previsão do tempo em seu celular. Envie TEMPO para 4659 e receba informações diárias sobre o clima em Porto Alegre, no Sul do Estado e no Sertão Gaúcho. O custo por mensagem recebida é R\$ 0,37 e 18¢ para todas as conexões.

As informações desta página são fornecidas pela Synet Meteorologia.

CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS: Enxurrada, Paredão, Nublado, Escovado, Paredão, Paredão, Chuva, Gelo, Neve, Granizo, Algodão, Trovada, Algodão, Velocidade máxima do vento, Temperatura da água

**Hoje no mundo**

Min	Max	Fuso	Probab. de chuva
Assunção	17/27	-1	0
Berlim	-1/6	+3	0
Bogotá	10/31	-3	0
Caracas	19/31	-4:30	0
Chicago	-13/-9	-4	0
Lisboa	10/16	+2	0
Londres	6/11	+2	0
Los Angeles	5/20	-6	0
Madri	7/14	+3	0
Miami	19/26	-3	0
Moscou	-4/1-10	+5	0
Nova York	-7/-2	-3	0
Orlando	13/16	-3	0
Paris	3/11	+3	0
Roma	4/14	+3	0
Santiago	14/20	-1	0
Tóquio	-3/6	+11	0

**Ontem no Estado**

Cidade	Min	Max	Chuva (mm)
Bagé	25,9212	11,0	0
Capão da Canoa	31,0241	6,8	0
Caxias do Sul	25,7008	27,8	0
Cruz Alta	24,9207	8,0	0
Erechim	26,1203	2,2	0
Passo Fundo	24,2005	5,4	0
Pelotas	27,1233	9,1	0
Porto Alegre	26,0224	30,23	30,23
Rio Grande	25,2234	0,2	0
Santa Cruz	26,9237	10,8	0
Santa Maria	26,7240	0,8	0
Santa Rosa	26,6204	2,0	0
Uruguaiana	26,7208	22,6	0

**Hoje no país**

Cidade	Min	Max
Aracaju	26/31	11
Belém	24/34	11
Belo Horizonte	20/28	11
Brasília	17/29	11
Campo Grande	23/32	11
Cuiabá	24/30	11
Florianópolis	23/29	11
Fortaleza	26/29	11
Goiania	20/30	11
João Pessoa	22/32	11
Maceió	22/31	11
Manaus	23/31	11
Natal	23/31	11
Recife	24/31	11
Rio de Janeiro	23/30	11
Salvador	27/31	11
São Luís	26/34	11
São Paulo	22/30	11
Teresina	24/34	11
Vitória	22/32	11

BOARDING PASS Grupo RBS

**ANUNCIE NESSE GUIA E DÊ UMA PASSAGEM SÓ DE IDA PARA O SEU ESTOQUE.**

FECHAMENTO COMERCIAL DIA 18/2, ÀS 17H.

**GUIA DO INTERCÂMBIO.** Um caderno especial para estudantes com dicas e informações sobre as melhores alternativas de viagem por todo o mundo. Encartado somente quarta, dia 16/3, em Zero Hora.

**ZERO HORA**

www.zerohora.com

# ZERO HORA

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 11 DE MARÇO DE 2011 - ANO 47 - Nº 16.623 - 2ª EDIÇÃO

SC/PR - R\$ 2,50/ DEMAIS REGIÕES - R\$ 3,50/ URUGUAI - \$ 48 R\$ 2,00

## CALAMIDADE NO SUL

Enxurrada mata pelo menos oito em São Lourenço, produz cenas de desespero de famílias obrigadas a fugir das águas e rompe ligação da BR-116 entre a Capital e a região de Pelotas



Em São Lourenço do Sul, "a água chegou como um tsunami", conforme o vice-governador Beto Grill, ex-prefeito do município, o mais castigado pela chuvarada

➔ **Confira os caminhos que o motorista tem de seguir**

ZEROHORA.COM  
Acompanhe a operação de socorro às vítimas

➔ **RS carece de aparelho que poderia salvar vidas**

PÁGINAS 4, 5, 8, 10, 12 e Editorial (20)

### Aperto no RS

#### Tarso prepara cortes para cobrir rombo

Piratini detalhará até o final do mês como será ajuste de despesas.

Páginas 14 e 16



### Inter 4 a 0 Ypiranga

#### Goleada com show de Damião

Na abertura do 2º turno, colorado assume a artilharia do Gaúcho.

Esportes

### Drama

#### Casal some em trilha no Itaimbezinho

Buscas a funcionários do TRT mobilizam equipes desde terça-feira.

Página 35

## Reportagem Especial

## DRAMA E MORTES

## Enxurrada mata



No km 468 da rodovia Porto Alegre-Pelotas (BR-116), a pista foi rasgada ao meio pela queda de uma das cabeceiras da ponte sobre o Arrolo do Pinto, levada pela água



*A chuva desabou como tragédia sobre o sul do Estado ontem. Inundou, ilhou, destruiu, desabrigou, matou e feriu em São Lourenço do Sul, que teve a metade de seu território tomado pela água.*

São Lourenço do Sul

CARLOS ETCHICHURY,  
GUSTAVO AZEVEDO e SANCLER EBERT

**R**ios e córregos cresceram para cima de São Lourenço do Sul, engolfando casas e provocando a morte de pelo menos oito pessoas. Centenas tiveram de abandonar seus lares às pressas. Os relatos são de muitos desaparecidos.

O vice-governador Beto Grill, ex-prefeito de São Lourenço e de Cristal e enviado pelo governo do Estado, está convencido de que mais corpos serão encontrados hoje.

— A água chegou como um tsunami. Sobrevoei de helicóptero as margens do rio e não vi casebres de madeira que estavam ali antes. Muitas casas desapareceram — relatou.

Na madrugada de ontem, já estava claro que uma tragédia se desenhava. A prefeitura colocou um carro de som a percorrer as ruas para acordar a população e avisar sobre o perigo.

Logo, com o transbordamento do Rio São Lourenço, metade da área da cidade estava sob um mar de três metros. Para moradores, a saída foi se empoleirar nos telhados.

Agarrado aos galhos de um maricá, Rogério Edmann do Estreito, 11 anos, morador da margem direita do Rio São Lourenço, estendeu a mão direita a Raul, seu único irmão, e gritou:

— Segura firme!

Mas Raul Edmann do Estreito Junior, 12 anos, não resistiu à fúria da água e sumiu.

— Fiquei acompanhando ele ser levado até desaparecer — conta Rogério.

Para se salvar, Rogério, a mãe dele, Carmem Heloisa Braga da Silva, 48 anos, e o pai, Raul Edmann do Estreito, mantiveram-se quatro horas na copa de árvores até o socorro chegar. Eles haviam se abrigado primeiro na cozinha, mas correram para o quarto pouco antes de ela ruir. Minutos depois, a casa inteira se desfez.

— Tudo veio abaixo sobre as nossas cabeças — contou o caseiro Edmann, 74 anos.

Enquanto aguardavam por socorro nas ár-

vores, pai, mãe e filho se desesperavam com a água que não parava de subir, arrastava animais e engolia residências. Quando o socorro chegou, depois de quatro horas, estavam todos de lábios roxos de frio. A agonia do casal Ervin Zitzke, 33 anos, e Mônica Zitzke, 30 anos, foi ainda mais prolongada. Eles permaneceram 12 horas sobre o telhado de casa, esperando resgate. Vestidos apenas com bermudas e camisetas, sentiram calor, fome e muito medo.

— A água levava tudo que vinha pela frente — afirmou Ervin.

O casal subiu com as crianças para o telhado da casa. Os filhos foram salvos, de barco, no início da tarde. Mas Ervin e Mônica precisaram esperar até as 15h. Alguns, como o mecânico José Inácio Correa, 57 anos, e sua mulher, foram salvos de telhados por helicópteros — quatro aeronaves da Brigada Militar e da Marinha foram usados no socorro. Correa perdeu a casa. Cinco jovens da cidade resolveram colaborar. Saíram com barcos pelo bairro da Barrinha e conseguiram resgatar cerca de 20 pessoas.

# e isola Região Sul



Dos animais de uma propriedade, apenas uma vaca se salvou, presa a uma árvore



Desolados com os prejuízos, moradores aguardavam baixar o nível de rios e arrols

— Vimos corpos boiando, casas destruídas, famílias inteiras desesperadas pedindo ajuda no teto de casa — conta o estudante Lucas Boeche Victor, 18 anos.

## Pontes interditadas

Na propriedade da família Kuhn, onde eram criadas vacas leiteiras, porcos e galinhas, o único animal sobrevivente foi uma vaca que ficou presa em um árvore. Ela foi arrastada pelas águas do Arroio do Pinto. Durante a manhã, continuava pendurada na árvore. A família retirou o animal. A casa dos Kuhn ficou destruída. Paredes foram arrancadas, parte do teto cedeu, o lodo tomou os ambientes da residência.

— Acordamos com o barulho da água. Quando vimos, a casa já estava inundada. Tirei as crianças primeiro. Perdemos quase tudo o que tínhamos: os móveis, a casa, os animais — conta Vandino Kuhn Junior, 25 anos.

A 17 quilômetros do centro de São Lourenço

do Sul, uma barragem utilizada para irrigação de arroz se rompeu. Segundo o presidente da Associação de Arrozeiros de São Lourenço do Sul, a água da barragem escoou para o Arroio Tiraçu, e não para a área de São Lourenço.

A tempestade começou na tarde de quarta-feira. Em 24 horas, somava mais de 180 milímetros acumulados, segundo a estação do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) em Rio Grande. A precipitação medida equivale a uma vez e meio o esperado para todo o mês de março. Tiraçu amanheceu com sua zona urbana submersa. Duzentos moradores ficaram desabrigados e tiveram de ser alojados no ginásio municipal. Em Rio Grande, seis horas de chuva transformaram a cidade pela manhã.

Na madrugada, havia três pontos interrompidos na rodovia Porto Alegre-Pelotas (BR-116). Quem circulava pela estrada entre Pelotas e São Lourenço deparava com um cenário de devastação. Havia árvores arrancadas do solo e colchões e sofás espalhados na vegetação. Dois caminhões arrastados como barcos



Helicópteros foram usados nos resgates

## AS VÍTIMAS

### Elza Herrmann, 82 anos

Professora aposentada, morava sozinha. Vizinhos tentaram ajudar a idosa no momento em que a enxurrada atingiu a residência, mas não conseguiram. Ela acabou morrendo, possivelmente, afogada.

### Marlene Ludke Moraes, 76 anos

Viúva de um contador, morava a uma quadra do Rio São Lourenço, e pode ter sido uma das primeiras vítimas. Foi encontrada morta dentro de casa. Tinha dificuldades de locomoção e não teria conseguido deixar a residência a tempo.

### Zaira Fonseca, 83 anos

Morreu provavelmente por afogamento em sua casa, onde vivia com duas irmãs. Também idosas, as duas conseguiram escapar. Zaira não se salvou da enxurrada por não poder se locomover. Cadeirante, teve as pernas amputadas por causa de um acidente de trânsito há cerca de 20 anos. Era solteira.

### Zilah Mary de Souza Martins, 81 anos, e Glória, 53 anos

A pensionista Zilah, viúva há 10 anos, morava com a filha Glória. A família vivia em São Lourenço há pelo menos 40 anos. Glória foi funcionária do Fórum local, da prefeitura e, antes de se aposentar, trabalhou em uma empresa de informática do município. A água atingiu a residência muito rapidamente e não houve tempo para que elas deixassem o local.

### Afonso Beiersdorf, 80 anos

Agricultor aposentado, morava no município havia pouco mais de cinco anos. Teria acordado de madrugada e se assustado com a chuva e desmaiado. Vizinhos entraram na casa quando a água estava acima da altura do joelho. Encaminhado ao Hospital Santa Casa, acabou morrendo. A causa da morte seria um ataque cardíaco.

Dois das vítimas não haviam sido identificadas até as 21h de ontem

LEIA SOBRE O TEMPORAL NA PÁGINA 8

de papel pela força da correnteza estavam caídos à margem da pista. No km 468, a rodovia foi rasgada ao meio pela queda de uma das cabeceiras da ponte sobre o Arroio do Pinto.

Perto dali, no km 471, perto do Arroio Viúva Teresa, um ônibus que viajava de Porto Alegre a Pelotas ficou retido da meia-noite até a manhã entre duas pontes interditadas.

— Temos muito medo de que a água atinja o ônibus — contou a passageira Judite Custódio, 58 anos, que voltava de férias no Rio.

A solução foi cruzar a pé a área interditada. Na cidade, o clube São Lourenço foi transformado em pronto socorro, onde voluntários preparavam alimentos e espalhavam colchões à espera de desabrigados — mais de 300 pessoas foram encaminhadas aos quatro abrigos montados às pressas. A barra, um dos principais pontos turísticos da cidade balneária, teve o calçadão destruído. Os efeitos da enxurrada ainda eram sentidos ontem à noite (sem energia elétrica, a população vagava com lanternas pela cidade) e deverão prosseguir no futuro.

Reportagem Especial

# O FENÔMENO

## Veja o que atingiu a zona sul do Estado



Sistema de baixa pressão, também chamado de ciclone, favoreceu a ocorrência de chuva forte

O que ocorreu

**1** O fenômeno se alimenta da baixa pressão atmosférica, do calor do continente e da umidade, especialmente aquela vinda do oceano. Os ventos em sentido horário funcionam como uma espécie de aspirador, levando a umidade para o alto da atmosfera. A umidade se condensa transformando-se em água e gelo, o que dá origem a nuvens carregadas.

**2** No início da tarde, o sistema começou a se formar e evoluiu rapidamente. Por volta das 15h de quarta-feira, a chuva começou, intensificando-se à noite.

**3** Como não havia vento forte o suficiente para empurrar as nuvens para o oceano, o sistema ficou concentrado principalmente sobre os municípios de Tururu, São Lourenço do Sul e Rio Grande.

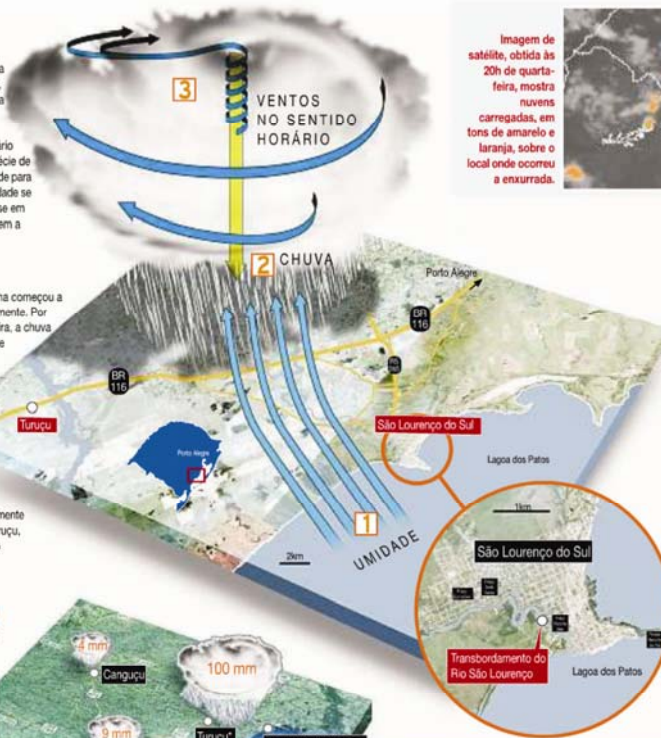
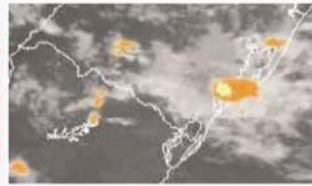
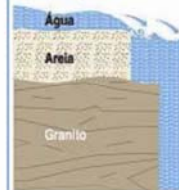


Imagem de satélite, obtida às 20h de quarta-feira, mostra nuvens carregadas, em tons de amarelo e laranja, sobre o local onde ocorreu a enxurrada.



Por que a água se acumula

1) A parte mais elevada da região, onde ficam as nascentes da maior parte dos rios e arroios, tem o solo formado por rochas cristalinas, como granito, gnaiesses e migmatitas. A camada de terra é fina. Como a permeabilidade é superficial, a água não penetra na terra. É como chover sobre uma calçada.



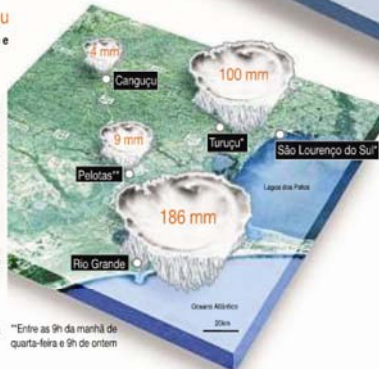
2) Com a chuva forte, a água desses rios e córregos desce em direção às áreas mais baixas com muita intensidade. O solo da planície costeira, na porção mais baixa da região, é rico em argila, que também armazena água e não deixa escoar-se com facilidade.

O quanto choveu

Entre 9h de quarta-feira e 16h de ontem

Em Tururu e São Lourenço não há estações meteorológicas. Por imagens de satélite, o 8º Distrito de Meteorologia estima que tenha chovido cerca de 100 milímetros nos dois municípios.

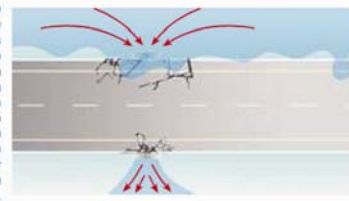
A média mensal de chuva para a região é de aproximadamente 130 milímetros. Portanto, em 24 horas, choveu mais do que seria esperado para um mês nas três cidades.



Entre as 9h da manhã de quarta-feira e 9h de ontem

Fonte: Central de Meteorologia, Cptec e 8º Distrito de Meteorologia

3) O problema é agravado porque a BR-116, que corta a região, é mais elevada em relação ao solo, formando uma espécie de dique. Com a enxurrada muito intensa, o sistema de canos para escoamento sob a rodovia não dá vazão suficiente, o que pode ocasionar rompimento da pista em certos trechos.



Fonte: Carlos Tagliari, professor de geologia da FURG

LEIA POR QUE SITUAÇÕES COMO ESSAS NÃO SÃO PREVENIDAS NA PÁGINA 10

www.zerohora.com

# ZERO HORA

**DILEMA: DEIXAR O FILHO EM CASA OU NA CRECHE**

*Meu filho*

**VITÓRIA DE OURO EM ESTEIO**

RZ Revuelto Cristal da Carapuça, vencedor macho do Bocal de Ouro. Página 18

PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 25 DE ABRIL DE 2011 - ANO 47 - Nº 16.668

SC/PR - R\$ 2,50/ DEMAIS REGIÕES - R\$ 3,50/ URUGUAI - \$ 48 R\$ 2,00

# Tempestades expõem demora habitual para normalizar energia



Promessas feitas em 2009 por empresas de energia após fortes temporais ficaram engavetadas. Usuários enfrentam transtornos e só ouvem novas promessas.

PÁGINAS 4 a 6

➔ O fenômeno que atingiu o Estado

➔ A comoção na cidade de Igrejinha

➔ Quem eram as 12 vítimas da enxurrada

## SEMANA PARA CORAÇÕES FORTES



Com garra e futebol ofensivo, Inter e Grêmio despacham Ju e Cruzeiro, mergulham na Libertadores e têm Gre-Nal no domingo

CADERNO DE ESPORTES

### Trânsito

#### Rodovias federais têm uma multa por minuto

Mesmo com rigor na fiscalização, pelo menos 31 perderam a vida nas estradas no feriadão.

#### Padre morre na faixa em Santa Maria

Bernardino Trevisan foi atropelado por uma Kombi.

Página 26



faltam 5 DIAS

## Reportagem Especial

### As vítimas



#### FERNANDO DE LIMA, 50 ANOS

Nascido em São José do Ouro, criado em Sananduva, Fernando de Lima, 50 anos, chegou a Igrejinha seguindo os passos do pai que via ali, no Vale do Paranhana, melhores oportunidades de trabalho para ele e os filhos. Morava com a mulher, Iraci, dois filhos do casal, Leandro e Joselena, e o enteado, Rafael.



#### IRACI PEREIRA DE LIMA, 41 ANOS

Natural de Sananduva, chegou a Igrejinha com Fernando, em seu segundo casamento. Foi retirada dos escombros nos braços do irmão, o sargento da Brigada Militar de Igrejinha, Itaci Pereira, 42 anos.



#### LEANDRO PEREIRA DE LIMA, 22 ANOS

Jovem, ativo e vaidoso, Leandro seguiu os passos do pai, Fernando, no setor calçadista. Foi o último a ser retirado dos escombros, já no final da noite de sábado, sob a luz dos refletores e esforços das equipes de resgate, finalizando 15 horas de escavações.



# COMOÇÃO EM IGREJINHA

## Após a chuva, o luto



Entre as milhares de pessoas que velaram as vítimas em Igrejinha, Valter (abaixo) era um dos mais abalados: ele comprara o terreno que despencou no sábado



### Alerta para outras áreas de risco

Diversos fatores levavam a secretaria do Planejamento e Meio Ambiente do município, Alessandra Regina de Azambuja, a prever uma tragédia em Igrejinha. O principal deles é a ocupação desordenada impulsionada pelos atrativos das indústrias moveleira e calçadista do Vale do Paranhana.

A prefeitura, no entanto, deve certificar-se apenas na segunda-feira sobre a regularidade das residências atingidas na Rua Teutônia. Há áreas, no entanto, que preocupam a prefeitura. Alessandra conta que, há cinco anos, a principal preocupação é o bairro Bom Pastor, onde cerca de 30 casas estão condenadas:

– A área é uma bomba relógio. Essas moradias estão em uma encosta de morro com falhas geológicas por todos os lados.

Alessandra explica que há três anos iniciou-se no município um plano de controle de construções irregulares, mas que as autoridades ainda estão muito distantes de sanar o problema:

– Somente com um mapeamento geológico é que poderemos atuar com mais força.

#### Igrejinha

LETÍCIA BARBIERI e MARCELO GONZATTO

O clima de festa da Páscoa deu lugar à desolação em Igrejinha, no Vale do Paranhana, onde morreram sete das 12 vítimas do mau tempo no Estado durante o feriado.

O Parque da Oktoberfest também trocou a alegria pelo desamparo ao servir de palco para o velório coletivo dos mortos – todos pertencentes a uma mesma família. Centenas de parente e moradores inconsoláveis passaram pelo local durante o domingo.

Com o rosto pintado de coelho, a pequena Thais Weirich, seis anos, resumiu o paradoxo da tragédia que se abateu sobre o Estado durante a celebração de uma das datas mais importantes do calendário cristão. Preparada para um dia de comemorações, acabou acompanhando

a mãe ao ginásio municipal onde foram dispostos os caixões do casal Fernando de Lima, 50 anos e Iraci Pereira, 41, de seus filhos Leandro, 22, Joselena, 19, e Rafael, 10, da cunhada Marli Jardim, 42, e do sobrinho Joshua de Lima, 11.

– Nem tivemos clima para festejar a Páscoa na nossa casa. Tinha de vir aqui para dar força aos familiares que sobreviveram – contou a mãe da menina, Sanderlei Weirich.

Um dos mais abalados era o patriarca dos Lima, que dividiam as casas localizadas no mesmo terreno em uma encosta do bairro Saibreira II. Valter de Lima, 80 anos, chorou a morte de um filho, duas noras e quatro netos. Foi ele que comprou a área, ainda jovem, em que mais tarde instalaria a família.

– Eu consegui sair só com a roupa do corpo, perdi meu filho mais velho e toda a família dele. Nunca tinha dado problema. Agora, quando veio, veio tudo de uma vez – relatou Valter.

Com os olhos pequenos, o idoso

ora se debruçava sobre um caixão, ora sobre outro. Fechados, eles exibiam apenas o nome de cada vítima inscrito em uma cruz e uma foto impressa em papel. Valter e outros familiares acariciavam as fotografias enquanto recebiam condolências de amigos, vizinhos, desconhecidos e até do governador Tarso Genro, que visitou o local da tragédia.

O município de 31 mil habitantes decretou luto oficial de três dias, e a escola onde estudavam Rafael e Joshua não terá aulas hoje. O local, em que ainda trabalhava uma terceira vítima, Marli, deverá abrir hoje apenas para abrigar crianças cujos pais precisam trabalhar.

As sete vítimas de Igrejinha foram enterradas entre o final da manhã e o meio da tarde de ontem.

leticia.barbieri@zerohora.com.br  
marcelo.gonzatto@zerohora.com.br

\*Colaboraram Kamila Almeida e Juliana Bublitz

**JOSELENA PEREIRA DE LIMA, 19 ANOS**

Funcionária de um ateliê de calçados, Joselena batalhava sua independência. Filha de Iraci e Fernando, acabou soterrada com toda a sua família. Foi retirada dos escombros às 21h40min, pouco antes do irmão Leandro.



PHOTO: LUCIANA FONSECA

**RAFAEL PEREIRA VAZ, 10 ANOS**

Rafinha, como era chamado pela família, vizinhos e amigos da escola, cursava a 4ª série da Escola Municipal Dona Carolina, no bairro vizinho, Saibreira I. Era filho de Iraci e enteado de Fernando. Adorava a irmã mais velha, Joselena, com quem gostava de inventar brincadeiras.



**JOSHUAN DE LIMA, 11 ANOS**

O industrialário Artemio de Lima conseguiu salvar a mulher e a filha, mas acredita que, com o sono pesado, Joshuan nem tenha acordado durante o deslizamento. O garoto estudava na Escola Municipal Dona Carolina, onde frequentava a 5ª série. A mãe, Jandira, não teve forças para acompanhar as buscas. Deixou o local desmaiada.



**MARLI JARDIM, 42 ANOS**

Ao ouvir o estrondo que antecedeu a avalanche de terra, Marli teve tempo de pedir ao companheiro, Breno de Lima, que socorresse os filhos, Bruno, 11 anos, e William, cinco anos. Ela, porém, não resistiu. Foi a primeira a ser retirada dos escombros. Ficou caída ao lado do filho caçula, que sobreviveu e segue hospitalizado.

**Como se formou o temporal**

**1** Na manhã de sexta-feira, áreas de instabilidade vindas da Argentina ingressaram no noroeste do Estado.

**2** Como fazia sol associado aos ventos quentes que vinham da Amazônia, a temperatura no Vale do Taquari e na Região Metropolitana se elevou acima de 30°C. Quando as nuvens de temporal chegaram do Noroeste e depararam com o calor, dobraram da altura, chegando a 10 quilômetros, provocando a chuvaram da entardecer de sexta-feira.

**3** Se fossem só as áreas de instabilidade, a chuva teria sido de curta duração, mas, no começo da madrugada de sábado, uma nova frente fria, também vinda da Argentina, furou um bloqueio atmosférico e conseguiu avançar sobre o Estado. A frente foi impedida por alto fluxo de umidade da Amazônia, concentrando a chuva sobre a Região Metropolitana.

**4** Somou-se a essa disputa, um grande contraste térmico (a região equatorial estava muito aquecida e, os polos, muito resfriados), potencializando a chuva. Embora o desastre natural tenha sido grande, a investida de frentes frias, o bloqueio atmosférico e o contraste térmico são eventos normais para esta época do ano.

Fonte: Estrela Sim, da Central RGS de Meteorologia.

**A cronologia da tragédia**

**Sexta-feira 15:00**  
Em **Fazenda Vilanova**, no Vale do Taquari, o agricultor Ademir Hagemann, 67 anos, foi a primeira vítima da tempestade. Ela morreu quando a chuvaram chegou à localidade de Nova Westfália.

**17:40**  
Na **Capital**, armava-se o temporal que impressionou os espectadores da Paixão de Cristo, no Morro da Cruz. Rajadas de vento de até 75 km/h derrubaram árvores. Dois postes caíram na Avenida Sertório. O Aeroporto Salgado Filho teve de operar por instrumentos. Milhares de pessoas ficaram sem luz.

**Sábado 5:30**  
O deslizamento de uma encosta em **Igrejinha**, no Vale do Paranhana, soterrou seis casas e matou sete pessoas da família Lima. O município amanheceu resgatando corpos e sobreviventes em meio aos escombros.

**ONDE MORAVAM AS VÍTIMAS**



**Novo Hamburgo**

**EVANDRO DOS SANTOS ALVES, 11 ANOS, GUSTAVO, NOVE ANOS, E TAUANE, 13**

Irmãos de uma família de cinco filhos, Evandro (foto), Gustavo e Tauane morreram quando uma avalanche de pedras e lama soterrou a residência da família, no bairro São José, em Novo Hamburgo, no fim da noite de sexta-feira. O padrasto, Cristiano da Silva Onofre, 27 anos, conseguiu resgatar a mulher, Luciana Silva dos Santos, 34 anos, e os dois caçulas, Igor, nove anos, e Gabriel, cinco anos.



PHOTO: GUSTAVO

**Fazenda Vilanova**

**ADEMAR HAGEMANN, 67 ANOS**

Vítima da chuva de sexta-feira à tarde, Hagemann estava há minutos no galpão de sua propriedade, em Fazenda Vilanova, quando ele veio abaixo perto das 16h e matou o agricultor.



PHOTO: GUSTAVO

**Sapucaia do Sul**

**EDISON MIGUEL TRINDADE, 58 ANOS**

Edison Miguel Trindade Farias, 58 anos, morreu ao passar de bicicleta e pela Rua Teodoro Pinto da Fonseca, na tarde de sexta-feira, e presenciar um homem sendo eletrocutado. Ao tentar resgatá-lo, Farias pisou em um fio e morreu com a descarga elétrica.



**Previsão de sol**

O tempo firme de ontem se mantém no Estado ao longo de toda a semana. Em razão da massa de ar polar, as temperaturas ficam mais baixas nas primeiras horas do dia e à noite, mas aumentam conforme o sol aparece, chegando a 23°C na Capital.

SEGUE >

**Na MaxiPlástica, você se sente mais segura. Antes e depois.**

- Cirurgias realizadas somente em hospitais.
- Médicos membros da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica.

Marque já sua avaliação sem compromisso.

Rua Uruguai, 315  
(51) 3027.9888  
www.maxiplastica.com

**MaxiPlástica**  
Clínica de Cirurgia Plástica

Responsável Técnico: GCM | 2011



# Ar polar mantém o tempo seco

A massa de ar polar que chegou ontem ao país deixa o tempo firme hoje no Rio Grande do Sul. A baixa temperatura pode formar nevoeiro nas primeiras horas do dia, mas no decorrer da manhã o sol aparece e ajuda a espantar o frio. O tempo segue seco, com sol na maior parte do dia. Durante a noite, porém, volta a fazer frio e o vento sul deixa a sensação térmica ainda mais baixa.



Uma massa de ar polar venceu o bloqueio atmosférico e afastou a frente fria do Rio Grande do Sul.

**Faixas de temperatura (°C)**  
Temperaturas referidas à mínima prevista para hoje

**Chuva nos próximos cinco dias**  
Probabilidade de chuva acumulada em milímetros

**Previsão para Porto Alegre**

Hoje  
Manhã 10° Probab. de chuva: 0  
Tarde 23° Probab. de chuva: 0  
Noite 13° Probab. de chuva: 0

Terça  
Céu claro 10°/23° Probab. de chuva: 0

Quarta  
Céu claro 12°/24° Probab. de chuva: 0

Quinta  
Céu claro 13°/25° Probab. de chuva: 0

Sexta  
Pouca Neve 14°/26° Probab. de chuva: 0

**Luas**  
Nascente 6h52min Poente 17h33min

Resposta a previsão do tempo em seu celular. Entre TEMPO para 4666 e receba informações diárias sobre o dia em Porto Alegre, no Sul do Estado e Serra Gaúcha. Custo por mensagem: R\$ 0,31. \*Não vale para todas as operadoras.

**Imagem do satélite** Hoje às 15h

**ARGENTINA**  
Santiago 8°/23°  
Alegre 7°/23°  
Uruguaiana 8°/22°  
Quarai 7°/22°  
Santana do Livramento 8°/23°  
Colônia 10°/19°  
Buenos Aires 9°/22°

**URUGUAI**  
Treinta y Tres 8°/22°  
Montevideo 8°/21°  
Punta del Este 15°/19°

**RS**  
Cachoeira do Sul 7°/24°  
Caxapava do Sul 10°/26°  
Canguçu 8°/22°  
Pelotas 10°/23°  
Rio Grande 9°/21°  
Jaguarão 10°/23°  
Cruz Alta 13°/21°  
Cruz Verde 11°/23°  
Santo Ângelo 12°/25°  
Cruz Alta 13°/21°  
Bagé 5°/22°  
Chuí 9°/21°  
Santa Vitória do Palmar 9°/21°

**PR**  
Cascavel 18°/28°  
Foz do Iguaçu 16°/27°  
Guarapuava 13°/23°  
Francisco Beltrão 14°/24°  
Pato Branco 13°/24°  
São Miguel do Oeste 10°/26°  
Chapeco 9°/27°  
Iraí 10°/25°  
Erechim 12°/25°  
Passo Fundo 11°/23°  
Vacaria 9°/20°  
Caxias do Sul 7°/20°  
Canela 9°/21°  
Tramandaí 16°/23°

**SC**  
Curitiba 13°/19°  
Joinville 18°/27°  
Blumenau 17°/30°  
Busque 18°/29°  
Florianópolis 18°/25°  
Lages 12°/21°  
São Joaquim 9°/20°  
Bom Jesus 9°/22°  
Criciúma 16°/25°  
Tombas 17°/24°

**Condições registradas ontem na área da sede da RBS**  
Temperatura mínima: 13,0°C às 06h00min  
Temperatura máxima: 20,5°C às 18h00min  
Máxima rajada de vento: 21 km/h à 08h00min Sul-Sudeste  
Direção do vento: 0km  
Precipitação de 0h às 18h: 10229Pa  
Pressão às 18h: 12°C  
Ponto de orvalho às 18h: 63%

**Previsão de temperatura nos próximos dias em Porto Alegre**

Hoje Amanhã Qua Qui Sex Sáb Dom

**Hoje no mundo**

Cidade	Min	Máx	Fuso	Clima
Assunção	16°	26°	-1	☀️
Berlim	9°	19°	+5	☀️
Bogotá	12°	29°	-2	☀️
Caracas	21°	31°	-1:30	☀️
Chicago	5°	18°	-2	☀️
Lisboa	14°	21°	+4	☀️
Londres	7°	21°	+4	☀️
Los Angeles	9°	24°	-4	☀️
Madrid	4°	19°	+5	☀️
Miami	22°	27°	-1	☀️
Moscou	3°	18°	+7	☀️
Nova York	11°	14°	-1	☀️
Orlando	18°	29°	-1	☀️
Paris	10°	23°	+5	☀️
Roma	11°	18°	+5	☀️
Santiago	10°	17°	0	☀️
Toquio	7°	18°	+12	☀️

**Hoje no país**

Cidade	Min	Máx	Clima
Aracaju	25°	30°	☀️
Belém	22°	28°	☀️
Belo Horizonte	18°	30°	☀️
Brasília	15°	28°	☀️
Campo Grande	21°	31°	☀️
Cuiabá	23°	32°	☀️
Florianópolis	18°	25°	☀️
Fortaleza	26°	29°	☀️
Goânia	18°	31°	☀️
João Pessoa	24°	30°	☀️
Maceió	22°	27°	☀️
Manaus	23°	32°	☀️
Natal	22°	29°	☀️
Recife	23°	28°	☀️
Rio de Janeiro	22°	28°	☀️
Salvador	24°	30°	☀️
São Luís	24°	30°	☀️
São Paulo	19°	26°	☀️
Teresina	23°	32°	☀️
Vitória	23°	31°	☀️

**COMENTÁRIOS**

Esclarecido Parcialmente nublado Nublado Escoberto Parcialmente nublado Parcialmente nublado Chuva Gesto Neve Limbo Abafado Trovada Aluvões fortes Vento forte Tempestade

**Deixe o seu negócio mais enorpado: anuncie neste guia.**

**Anuncie no Guia de Vinhos e Espumantes – Edição Inverno.**  
Um caderno que vai trazer muitas dicas e informações para os leitores degustarem as melhores bebidas da estação. Encartado apenas na quarta, dia 21/5, em Zero Hora. Para mais informações, ligue (51) 3218.4900. Fechamento comercial: 25/4, às 17h.

Grupo RBS  
**ZERO HORA**

www.zerohora.com

# ZERO HORA

QUANDO FALCÃO E RENATO ESTREARAM EM GRE-NAL

O colorado em 1973

ESPORTES

O gremista em 1982

PORTO ALEGRE, DOMINGO, 1º DE MAIO DE 2011 - ANO 47 - Nº 16.674

SC/PR - R\$ 4,00/ DEMAIS REGIÕES - R\$ 6,50/ URUGUAI - \$ 60 R\$ 3,50

## Por que o clima está mais severo no RS

↻ Temperatura sobe 0,5°C em 50 anos      ↻ Média anual de chuva cresce 16%

Estudos comprovam que o Estado está mais sujeito a devastações, em especial nas cidades maiores. Páginas 22 a 24



### CERCO AO TRÁFICO

## A FACE MAIS VIOLENTA

Presos neste sábado, integrantes da mais nova facção do tráfico são bandidos que não se contentam com o comércio da droga, mas agem em outras frentes do crime, como os homens das fotos

PÁGINAS 26 e 27

### DINHEIRO

## O que o voo Capital-Lisboa vai representar

Em entrevista a ZH, o presidente da TAP, Fernando Pinto, avalia a pioneira ligação.

Encartado nesta edição

### DEBATE DA MACONHA

## Em artigo, Tarso explica posição

Governador rebate críticas despertadas por declarações em aula magna. Página 12

### Hoje nas bancas

O MELHOR DO CANTO E BICRITO NATIVO

**DOMINGO**

Os bastidores do encontro Falcão-Renato e os apelos pela paz

ESPORTES

**Palma RBS**

**GENTE**

## Morre escritor Ernesto Sabato

PÁGINA 25

**CONDOMÍNIO ATACADO**

## Preso quadrilha que assaltou prédio

PÁGINA 19

# O PAMPA EM MUTAÇÃO

## O clima gaúcho em

*A impressão de que o clima gaúcho está mais severo do que antigamente não é apenas palpíte. Estudos revelam que a quantidade de chuva anual aumentou em 16% em todo o Estado nos últimos 60 anos, e a temperatura média se elevou em 0,5°C em meio século. Essas tendências favorecem a multiplicação de eventos extremos como a tempestade que matou 12 pessoas no final de semana passado – e há indícios de que isso já está ocorrendo.*

MARCELO GONZATTO

Concluída no ano passado, uma dissertação de mestrado apresentada pela engenheira agrônoma e doutoranda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Ana Paula Assumpção Cordeiro é uma das evidências recentes de que o clima gaúcho está mais instável. Ao compilar registros atmosféricos dos últimos 60 anos de 14 estações meteorológicas, ela descobriu que atualmente, em um ano, chove em média 255 milímetros a mais do que chovia na década de 50. Isso equivale, por exemplo, à quantidade de chuva que costuma ser registrada em junho e julho na Capital.

Outra alteração climática em curso é o progressivo aumento da temperatura. Um trabalho científico realizado pelos pesquisadores Francisco Aquino, Camila Carpenedo e Cândida Dewes aponta que, desde os anos 60, os termômetros se elevaram em média 0,5°C em solo rio-grandense.

Pode parecer pouco, mas uma elevação como essa é capaz de provocar impacto significativo. O professor de climatologia e membro do Centro Polar e Climático da UFRGS Francisco Eliseu Aquino resume a equação climática a que os gaúchos estão sujeitos:

– Mais calor e mais umidade contribuem para um número maior de eventos severos como tempestades, já que funcionam como combustíveis para elas – observa o especialista.

Além disso, a precipitação excedente está se concentrando em meses de transição de outono e primavera, nos quais o contraste de temperatura potencializa chuvaradas e ventanias.

Alguns indícios já apontam para uma escalada de temporais no Estado. Como os observadores meteorológicos dos aeroportos registram o número de trovoadas que ouvem de hora em hora, Aquino e o geógrafo Ramiro da Costa Jr. tiveram a ideia de comparar o número de trovões ouvidos nas últimas duas décadas.

As trovoadas são provocadas por nuvens de tempestade e representam uma maneira eficiente de verificar se esse tipo de fenômeno está mais ou menos intenso.

O resultado surpreendeu os autores do estudo: os dados do Aeroporto Internacional Salgado Filho e da Base Aérea de Canoas, que servem como referência para toda a Região Metropolitana, mostram que, entre 2000 e 2009, houve um salto de 71% na ocorrência de trovoadas em comparação à década anterior.

### O impacto da mudança global

A coleção de estatísticas comprova que, além do aumento populacional e da ocupação de áreas de risco, o próprio clima está se transformando em um risco crescente para tragédias naturais no sul do país.

– O impacto dessas tendências vai de possíveis enchentes, ocasionadas pelo aumento da intensidade da chuva, até danos à agricultura, alterações no ciclo de pragas e patógenos e na aptidão agroclimática de algumas áreas – afirma Ana Paula.

As razões para as tendências encontradas pelos cientistas ainda não são conclusivas, mas podem ter relação com as mudanças climáticas em nível global, variações na circulação dos ventos próximo à Antártica e na ocorrência dos fenômenos El Niño e La Niña (aquecimento e resfriamento das águas do Oceano Pacífico, respectivamente).

Em sua pesquisa, Ana Paula verificou que o La Niña está menos presente nos últimos 30 anos. Como o fenômeno contribui para reduzir a temperatura no Estado, sua menor ocorrência provocaria uma natural elevação nos registros.

Francisco Aquino assegura, porém, uma firme certeza: – Se a pergunta é se o clima gaúcho está mudando, a resposta é simples: sim.

marcelo.gonzatto@zerohora.com.br

## O NOVO CENÁRIO

### MAIS UMIDADE

Estudos demonstram aumento na precipitação sobre o Estado:

Um trabalho realizado por Ana Paula Cordeiro mostra que:

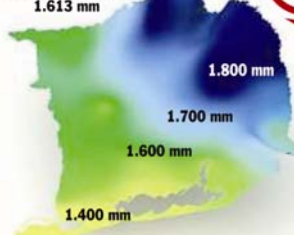
- A cada ano, chove em média **4,25 mm** a mais do que no ano anterior
- Em um período de 60 anos, isso representa um acréscimo de **255 mm** na média anual gaúcha
- O aumento da precipitação significa **16%** a mais na média histórica de **1.597 mm** registrada em 14 estações meteorológicas incluídas no estudo no período de 1950 a 2009

Outro trabalho, realizado por Francisco Aquino, Denilson Ribeiro Viana e Ronaldo Matzenauer compara as médias de dois períodos de 30 anos registradas em 24 estações meteorológicas:

**1945-1974**  
Precipitação anual  
**1.488 mm**



**1975-2004**  
Precipitação anual  
**1.613 mm**



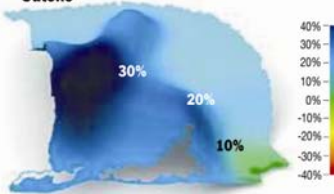
Variação  
**+8,4%**

### A MIGRAÇÃO DAS CHUVAS

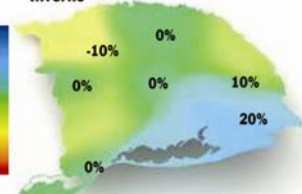
O aumento no nível de precipitação se concentra principalmente nos meses de transição climática do outono e da primavera, o que favorece a ocorrência de temporais devido ao choque de massas de ar quente e frio:

Estação	Aumento na chuva
Outono	17%
Primavera	9%
Verão	7%
Inverno	2%

Outono



Inverno

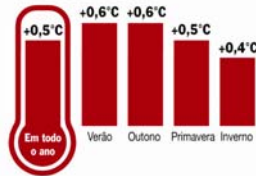


# transformação

## MAIS CALOR

Temperatura média vem aumentando nas últimas décadas entre os gaúchos, o que contribui para reforçar temporais.

**Aumento médio na temperatura entre 1961 e 2008:**



## TEMPORAIS EM ASCENSÃO

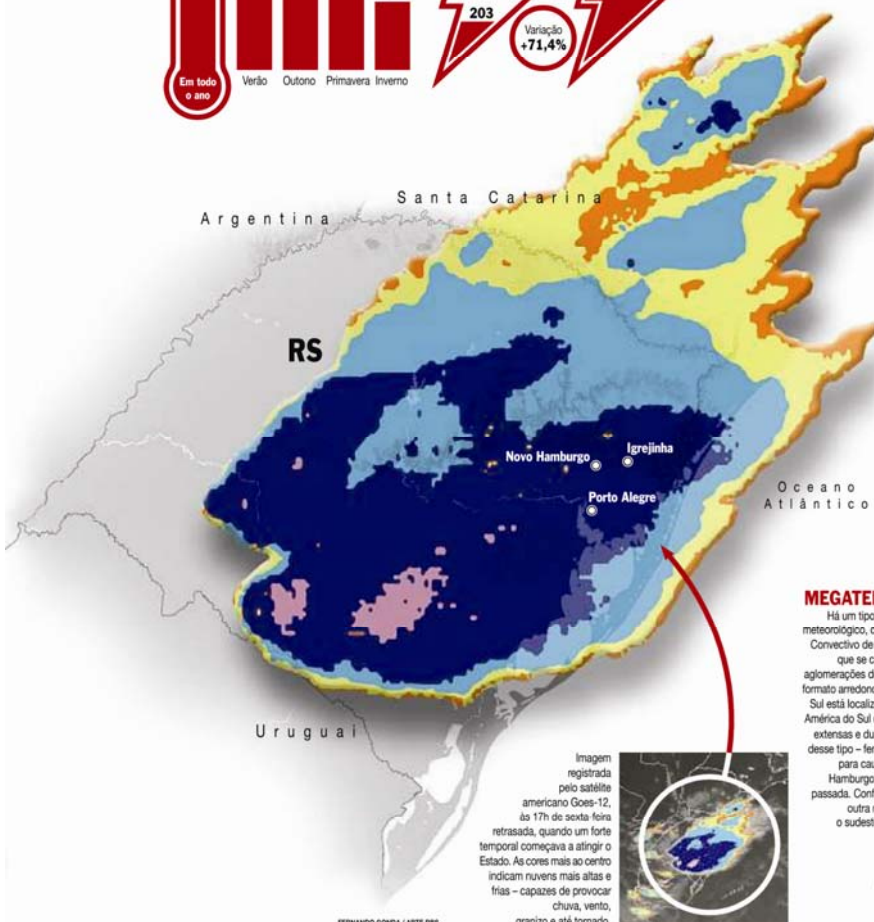
Registros feitos no Aeroporto Internacional Salgado Filho e na Base Aérea de Canoas indicam que o número de trovoadas vem se multiplicando nas últimas duas décadas na Região Metropolitana:

**Trovoadas registradas**



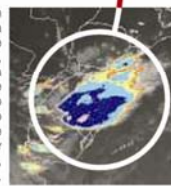
Um trabalho sobre variações climáticas na América do Sul aponta que o Rio Grande do Sul vem apresentando aumento no número de dias com chuva pesada (acima de 10 mm diários):

• O número de dias com chuva pesada aumentou no Rio Grande do Sul nos últimos 40 anos. Em um ano, há até 12 dias a mais de precipitação intensa em relação ao esperado.



FERNANDO DONDA / ARTE RES

Imagem registrada pelo satélite americano Goes-12, às 17h de sexta-feira retrasada, quando um forte temporal começava a atingir o Estado. As cores mais ao centro indicam nuvens mais altas e frias - capazes de provocar chuva, vento, granizo e até tornado.



## AS MEGATEMPESADES

Há um tipo específico de sistema meteorológico, chamado de Complexo Convectivo de Mesoescala, ou CCM, que se caracteriza por grandes aglomerações de nuvens carregadas e formato arredondado. O Rio Grande do Sul está localizado em uma região da América do Sul que concentra as mais extensas e duradouras tempestades desse tipo - fenômeno que contribuiu para causar estragos em Novo Hamburgo e Igrejinha na semana passada. Confira a comparação com outra região típica de CCMs, o sudeste dos Estados Unidos:

**Comparação com a área de Porto Alegre**  
496,6 km<sup>2</sup>

Tamanho médio das tempestades: 256 mil km<sup>2</sup> (Baía do Prata)

Duração média das tempestades: 14 horas

Tamanho médio das tempestades: 164 mil km<sup>2</sup> (Estados Unidos)

Duração média das tempestades: 10 horas

SEGUIE >

## VIRADA NO TEMPO

# Frio chega com mais força ao RS

Massa de ar polar que vem da Argentina faz a temperatura despencar a partir desta segunda

Depois de um início de outono com clima ameno, os gaúchos terão de começar a tirar os casacos e os blusões do armário para sair de casa.

Os primeiros dias de maio serão de frio intenso no Rio Grande Sul. Uma massa de ar polar que vem da Argentina deve fazer a temperatura despencar, com possibilidade inclusive de geadas durante a semana.

Será preciso tomar cuidado para não pegar um resfriado. É a primeira grande massa de ar polar que chega ao Estado no ano. A segunda-feira ainda terá tempo instável no Leste, com pancadas de chuva intercaladas com períodos de sol. Mesmo com a instabilidade, o amanhecer será mais gelado do que na semana passada, e ao longo do dia as nuvens se afastam em direção ao Oceano Atlântico. No Oeste, a previsão é de uma manhã com mínima de 6°C.

— Será preciso colocar um casaco mais pesado. No meio da semana é que vai ser mais frio, mas a segunda-feira já terá temperatura mais baixa — diz o meteorologista Cléo Kuhn, da Central de Meteorologia.

Amanhã, o sol já deve predominar na maioria das regiões — apenas no Nordeste poderá haver chuva fraca —, e o frio se espalhará por todo o Estado. As temperaturas mais baixas devem ser registradas na Campanha. Durante toda a semana, as manhãs terão temperatura baixa, subindo

### Próximos dias



• **Hoje** - Pancadas de chuva intercaladas com sol em grande parte do Estado. Faz frio durante a madrugada, e a mínima será de 6°C em São José dos Ausentes. Em Porto Alegre, mínima de 13°C e máxima de 17°C.



• **Amanhã** - A massa de ar polar deixa o tempo firme em grande parte do Estado. Haverá pancadas de chuva apenas no Nordeste. Em Porto Alegre, sol e poucas nuvens. Mínima de 10°C e máxima de 19°C na Capital.



• **Quarta** - Tempo ensolarado em todo o Estado. Na Campanha, mínima de 2°C. Na Capital, o dia amanhece com 8°C e a máxima chega a 22°C.

um pouco durante a tarde.

Na quinta e na sexta-feira, haverá condições favoráveis à formação de geadas na Serra e na Campanha, com mínima próxima de 0°C. Os dias seguirão ensolarados e frios pelo menos até o domingo, Dia das Mães, criando um cenário perfeito para um passeio ao ar livre em comemoração à data.

### Na terra dos hermanos

• **Em Buenos Aires**, na capital argentina, o tempo ficou instável neste domingo, com a temperatura não passando de 19°C. A segunda-feira deve ter sol entre nuvens, com mínima de 7°C.

• **Em Montevidéu**, o 1º de Maio também foi chuvoso na capital dos uruguaios. A mínima foi de 11°C e a máxima de 16°C. A previsão para hoje é de sol e os termômetros ficam entre 8°C e 15°C.

### ACIDENTE EM AJURICABA

#### Jovem morre após bater e cair de barranco

Jardel Antônio Izolan, 21 anos, morreu após perder o controle de um Polo classic e colidir em uma árvore. Na sequência, o veículo ainda caiu de um barranco de quatro metros de altura. O acidente ocorreu às 16h de ontem, no km 78 da rodovia Ijuí-Ajuricaba (ERS-514), em Ajuricaba, no noroeste do Estado. Segundo a Polícia Rodoviária Estadual, Izolan estava sozinho e morreu no local.

### Outras vítimas

• **Santana do Livramento** - O aposentado Rubens Anastácio Pina, 58 anos, morreu atropelado por uma motocicleta, no sábado. Pina estava de bicicleta. O motociclista fugiu.

• **São Borja** - Ao tentar atravessar a BR-472, Serafim Ramires Dornelles, 56 anos, morreu atropelado por um Gol, no sábado.

### Romaria reúne fiéis no Vale do Sinos



Mais de 5 mil católicos participaram ontem, no Vale do Sinos, da 13ª Romaria das Mães. Exemplo de renovação da fé e pagamento de promessas para muitos romeiros, a edição deste ano teve como

lema "Com Maria e nossas mães pela dignidade do trabalho", em alusão ao Dia do Trabalho. A concentração ocorreu na Paróquia Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo, às 6h. A romaria teve uma pausa na Catedral São Luiz Gonzaga, em Novo Hamburgo, e se encerrou no Santuário das Mães, às 11h, com uma missa presidida pelo bispo Dom Zeno Hastenteufel.

**Dia das Mães**  
08 de maio

**Promoção**  
**15%**  
em 3 vezes

PNP

Reservado para membros da Associação Nacional de Bancos de Crédito (ANBC) e para clientes cadastrados em programas de fidelidade. Não se aplica a produtos de crédito. Não se aplica a produtos de crédito. Não se aplica a produtos de crédito.

Anel em Ouro 18k  
1+5 de **R\$65,00**  
ou R\$390,00 à vista

Aliança em Ouro 18k  
1+5 de **R\$ 37,00** (cada)  
ou R\$ 222,00 à vista (cada)

Pulseira com Pérolas e Ouro 18k  
1+5 de **R\$146,00**  
ou R\$876,00 à vista

Anel em Ouro 18k  
1+5 de **R\$115,00**  
ou R\$ 690,00 à vista

Anel em Ouro 18k com Diamantes  
1+5 de **R\$ 137,00**  
ou R\$ 822,00 à vista

**JOALHERIA CRUZEIRO**

Shopping Iguatemi • Moinhos Shopping • Shopping João Pessoa